



**MEMÓRIAS,
EXPERIÊNCIAS E SABERES
DA TRAJETÓRIA DE
FORMAÇÃO DOCENTE**

MARA RITA DUARTE DE OLIVEIRA

ROSINEI DA SILVA LIMA

Organizadoras

**Mara Rita Duarte de Oliveira
Rosinei da Silva Lima**
Organizadoras

**MEMÓRIAS,
EXPERIÊNCIAS E SABERES DA
TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO
DOCENTE**

**ABAETETUBA - PARÁ
2017**



VirtualBooks Editora

© Copyright 2017, Organizadores e Autores.

1ª edição

1ª impressão

(publicado em fevereiro de 2017)

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei no 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito do detentor dos direitos, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Oliveira, Mara Rita Duarte de
Lima, Rosinei da Silva

MEMÓRIAS, EXPERIÊNCIAS E SABERES DA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DOCENTE. Organizadores e Autores.. Pará de Minas, MG: VirtualBooks Editora, Publicação 2017. Edição eletrônica. Formato PDF.

ISBN 978-85-434-1038-8

Educação. Brasil. Título.

CDD- 370

Livro publicado pela
VIRTUALBOOKS EDITORA E LIVRARIA LTDA.
Rua Porciúncula,118 - São Francisco - Pará de Minas - MG - CEP 35661-177
Publicamos seu livro a partir de 25 exemplares - e e-books (formatos: e-pub ou PDF)
Tel.: (37) 32316653 - e-mail: capasvb@gmail.com
<http://www.virtualbooks.com.br>

**GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA MEMÓRIA,
FORMAÇÃO DOCENTE E TECNOLOGIA (GEPEME)**

Mara Rita Duarte de Oliveira

Líder do GEPEME

Marinilda Corrêa Sardinha

Vice-líder do GEPEME

Rosinei da Silva Lima

Coordenadora do GEPEME -Abaetetuba

Silvana Souza Gonçalves

Coordenadora do GEPEME - Cametá

CONSELHO EDITORIAL

Afonso Welliton de Souza Nascimento

Eliomar Azevedo do Carmo

Estela Martini Willeman

Flávio Bezerra Barros

Geovanna de Lourdes Alves Ramos

Jadson Fernando Gonçalves Garcia

Lana Patrícia de Lemos Alves

Sebastião Martins Siqueira Cordeiro

Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa

APRESENTAÇÃO

A coletânea *Memórias, experiências e saberes na trajetória de formação docente* apresenta um conjunto de narrativas memorialísticas, que não recordam apenas fatos marcados no tempo e espaço, mas experiências que cada um que compõem o Grupo De Estudos e Pesquisas Memórias, Formação Docente e Tecnologia (GEPeMe), como sujeitos de suas histórias são capazes de se permitir, experimentar, projetar, construir e realizar, se não fosse o ato de experimentar e, depois, poder recordar, o sujeito seria um ser sem histórias, sem sonhos, sem lutas, sem amores, sem memórias, nada seria a não ser uma folha branca: sem rabiscos, sem contornos e brilho. A memória

O poder de rememorar é uma forma catártica de reconciliação com o passado e afirmação do presente. As memórias se entrecruzam lentamente, em um recorte chamado vida, história, formação. Elas se encontram e demarcam o seu lugar. Não são apenas as memórias de docentes, são vidas marcadas e demarcadas por trajetórias pessoais, políticas, profissionais e acadêmicas, que agora são transcritas em teias sociais e poéticas, em experiências e falas entrecruzadas na vida cotidiana.

Desse modo, rememorar é lançar em águas passadas, resgatando as memórias para o presente como um rio que está às margens do não dito, do escondido, do improvável, possibilitando a ressignificação, outro modo de dizer coisas vividas, agora, com outros sabores. Ao modo que as águas/memórias atravessam as linhas desta obra, ao ler essas, deparo-me com histórias que ora o autor é pesquisador, é docente e, sobretudo é humano, este autor, quando sobe no palco que se chama vida, encena várias personagens que se entrecruzam, tornando belo e significativo seu percurso de vida. Daí, o grande sucesso do GEPeMe, dá voz as memórias desconhecidas, anônimas, silenciadas e ocultas de pessoas comuns.

Também, além das fronteiras da memória, encontramos águas que buscam dizer coisas sobre a formação docente... Experiência é o que carregamos dentro de nós: modos de vida, saberes, histórias de vida, sentimentos, atitudes, valores, comportamentos, nos formamos ao modo que nos experimentamos. A experiência tem poder de transformação, pois põe o sujeito/ docente diante de si mesmo, diante dos outros e diante do mundo em que vive.

Assim, nessa coletânea nós dispomos a testemunhar experiências de escrever memórias que contam, recontam e ressignificam as histórias de vida. Aos poucos as memórias individuais vão se transformando em memórias coletivas e formam sujeitos/docentes a partir do olhar sobre o outro e sobre si mesmo. É um convite a pensarmos sobre nós mesmos, sobre nossas histórias e nossa docência.

Roseli Moraes Cardoso
Mestra em Educação (PPGED/UFPA)
Inverno Amazônico 2017

Sumário

I PARTE

TRAJETÓRIA DE PROFESSORES: MEMÓRIA ENTRELAÇADA EM HISTÓRIAS DE VIDA / 11

FORMAÇÃO EM CONSTRUÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA / 12
Antonilda da Silva Santos

O ATO DE NARRAR: TECENDO O PROCESSO DE FORMAÇÃO A PARTIR DA REMINISCÊNCIA / 18
Edineuza Pantoja Moraes

HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO HUMANA / 23
Graciele Nogueira dos Prazeres

MEMORIAL ESTUDANTIL: REMEMORANDO O PASSADO, PARA COMPREENDER O PRESENTE E VISLUMBRAR O FUTURO / 28
Laércio Farias da Costa

TRILHANDO OS CAMINHOS DA MEMÓRIA: REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA ITINERANTE / 37
Nárgila Silva de Sousa

MINHA TRAJETÓRIA PESSOAL, EDUCACIONAL E PROFISSIONAL / 43
Nazaré do socorro Bitencourt Viegas

MINHA VIDA: ENTRE FLORES E ESPINHOS, CONSTRUIR A MINHA HISTÓRIA / 51
Odelita Corrêa Barbosa

LEMBRANÇAS DE UM CAMINHO PERCORRIDO / 61
Onecelina Santos de Albuquerque

MEMÓRIA DE ESCOLARIZAÇÃO E IMAGINÁRIO RIBEIRINHO / 68
Rosilda do Socorro Ferreira Vaz

OS CAMINHOS DE UMA PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO / 73
Rosinei da Silva Lima

MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR EM FORMAÇÃO / 80
Rosinaldo Monteiro da Silva

II PARTE

EXPERIÊNCIAS E SABERES DA FORMAÇÃO DOCENTE / 86

JOVENS DO CAMPO: PERCURSO UNIVESITÁRIO DE ALUNOS DO
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA / 87

Ana Carla Vieira Pimentel

Carlos Vieira Pimentel

Valdinei Gomes e Gomes

O PIBID E SEUS DESDOBRAMENTOS: TECENDO ESTRATÉGIAS DE
ENSINO A PARTIR DA RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA / 104

Gerlane da Silva Ferreira

Regina Cláudia Silva Sousa

Marília dos Santos Fernandes

MÉMORIA DE PROFESSORES: NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA NA
UNIVERSIDADE / 116

Milton Rafael Torres Borges

Marinilda Corrêa Sardinha

Mara Rita Duarte De Oliveira

Tânia Maria Goés

HISTÓRIA E MEMÓRIA: O OLHAR POÉTICO DE JOÃO DE JESUS PAES
LOUREIRO SOBRE A CIDADE DE ABAETETUBA / 132

Dyellem Silva da Costa

Mara Rita Duarte De Oliveira

I PARTE

TRAJETÓRIA DE PROFESSORES: MEMÓRIA ENTRELAÇADA EM HISTÓRIAS DE VIDA

FORMAÇÃO EM CONSTRUÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA

Antonilda da Silva Santos¹

1 MEMÓRIA: LEMBRANÇAS DE UMA PROFESSORA

Sou Antonilda da Silva Santos, professora das séries iniciais do ensino fundamental. Formação em pedagogia com especialização em Educação para as relações étnico-raciais. Desde 2008, atuo na área da educação, nas séries iniciais do ensino fundamental na rede municipal, no município de Abaetetuba. Inicie a docência nas ilhas de Abaetetuba, e lá percebi e senti que essa função não era algo fácil, pois deparei-me com uma realidade bem diferenciada do que imaginava. Estava iniciando minha carreira no magistério e fui com muitas expectativas, sem entender, porém, que o aluno é um sujeito das contradições, mas que isso não deve ser motivo para desestimular o ato de educar; pois é nesse sujeito constituído de contrários que o professor desempenhará o seu ofício. Mas tudo isso só aprendi bem depois e ainda continuo aprendendo.

Aprender é reconstruir, como tão bem nos sugere Piaget. E nesse constante processo de reconstrução o erro tem papel fundamental. O que me faz pensar que não há educação sem a experiência do erro, pois o reconhecimento do não saber é o primeiro passo para a construção de um conhecimento eficaz, sólido.

¹ Especialista em Educação para as relações étnico-raciais (UFPA). Licenciada em Pedagogia pelo Campus Universitário de Abaetetuba (UFPA). Professora da Educação Básica da Rede Municipal de Ensino. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (GEPeMe/UFPA).

Entre medos e limites

Quando criança ainda morava nas ilhas. E, na época era muito difícil chegar até a escola. Lembro-me que dependíamos de transporte, e a minha família estava passando por um momento de dificuldade financeira. Como não tínhamos nosso próprio transporte, meus pais tinham que pedir para que outras pessoas nos levassem de carona – meus irmãos e eu. E nem sempre essas pessoas queriam nos levar. Sentia-me humilhada, mas sabia que esse era o único meio que meus pais encontravam para que pudéssemos estudar.

Lembro-me, com muito carinho e gratidão, da minha primeira professora, que com sua dedicação e competência, percebeu a minha situação e se responsabilizou em mandar-me buscar, todos os dias, na minha casa, para que eu pudesse estudar. E quando ela foi na minha casa conversar com os meus pais sobre esse assunto, fiquei muito feliz, porque sabia que, se persistisse a situação anterior, a possibilidade de parar de estudar era iminente. E foi assim que continuei estudando até a 3ª série nas ilhas de Abaetetuba. Com meus nove anos cursando já a 4ª série, viemos morar na cidade de Abaetetuba.

Nessa nova experiência, novos sentimentos e aprendizados surgiram. Encontrei professores muito bons; mas, também, encontrei professores que não conseguiam olhar nos olhos dos seus alunos; enxergá-los além do aparente, conhecer seus problemas, dúvidas, dificuldades de aprendizagem, seus medos diante do novo. Lembro, ainda, que ir para a escola, naquela época, para mim, já não era prazeroso; mas, sim, algo obrigatório.

Talvez resquícios de uma educação da qual sou oriunda, recordo-me que, nas escolas onde cursei o ensino fundamental, tinha muita dificuldade de colocar minhas dúvidas à professora. Tinha medo de dizer que não sabia. Tinha receio de lhe pedir que me explicasse novamente. O medo me calava. Assim os limites referentes à aquisição de novos conhecimentos se concretizava cada vez mais. E muitos colegas agiam da mesma forma, pois era como se não perguntando, construíssemos uma proteção.

Não consegui, na época, claro, perceber que não obteria nenhum benefício com tal “proteção” e, que seria tão mais simples se perguntássemos,

se exercitássemos em mostrar nossos limites naquele momento referente a aprendizagem.

2 A DOCÊNCIA E SEUS DESAFIOS

Comecei, então, a sentir angústias quando assumi turmas multisseriadas, pois não sabia o que fazer, que metodologia usar para atender às dificuldades tão diferenciadas e realidades culturais também diversas.

Foi, então, que as leituras se tornaram de suma importância em minha vida. Comecei a ler teóricos que tratam do tema Formação docente, currículo, avaliação e fracasso escolar: sendo que, a partir de Morin, Maria Esteban afirma que:

A teoria nos ajuda a olhar, ver, indagar, interpretar e organizar a realidade. É um dos fatores que orienta a tradução do real em ideias (MORIN, 1999) e um produto da relação entre capacidade humana e os contextos sociais, que contêm os problemas, intenções e compromissos. Estes estão emoldurados por um discurso social específico que se vincula a uma determinada dinâmica de atividade humana e de sua interpretação, definindo tanto os objetos sociais quanto os objetos naturais. (2001, p. 33)

A partir dessa argumentação, Esteban parece propor uma visão muito ampla sobre a teoria enquanto instrumento para análise de uma determinada realidade, saindo, assim do foco formal e adquirindo um caráter de investigação, indagação, organização e interpretação da realidade em que os sujeitos envolvidos no processo educacional estão inseridos.

E com o olhar voltado para essa realidade, em que alunos ribeirinhos, moradores das ilhas, com costumes, hábitos, diferentes que fazem parte desse cenário, juntamente comigo, na escola, no rio Arapapu- ilhas de Abaetetuba uma variedade presente em grande escala na sala de aula, é que percebi, então, que precisava entender a diversidade num contexto mais amplo. E, pensando na identidade cultural, como elemento fundamental para compreendermos determinados conceitos acenamos para o que diz Freire na sua obra; Pedagogia da Autonomia:

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental para a prática educativo progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos. É isto que o puro treinamento do professor não faz, perdendo-se e perdendo-o na estreita e pragmática visão do processo (2008, p. 42).

É a partir de tais pressupostos que a construção de uma ideia de respeito à diversidade e à identidade cultural de cada comunidade precisa ser propagada e, sobretudo, vivenciada, pois se entende que assim, o processo ensino- aprendizagem será realizado de forma eficaz, em que os sujeitos envolvidos aprenderão. E, então, podemos inferir que valorizar a cultura é respeitar a liberdade de pensamento.

As dificuldades eram muitas, desde a entrada na escola, pois quando a maré estava baixa era quase impossível adentrá-la, e a sala de aula era tão pequena que não dava nem para circularmos na mesma; até o fator, merenda escolar, que tinha, mas não havia quem a preparasse para os alunos. Assim o contexto dessa escola pautava-se na existência de vários aspectos, na época desconsiderados pelas autoridades. E, no que mesmo, MCLAREN, afirma: (...) O mito da oportunidade igual para todos mascara uma triste verdade, o sistema educacional é, na realidade uma loteria social predeterminada, na qual cada estudante tem tantas chances quanto seus pais têm dólares (1997 p 19).

Frente ao exposto, é necessário que admitamos que o mito da igualdade é injusto, tendo em vista que as pessoas que acreditam nele, pensam na possibilidade de ter êxito nos estudos. Essa foi uma das experiências, das quais já vivenciei enquanto professora. Experiência que durou cerca de três anos, mas que ficou em mim para sempre; o aprendizado ali adquirido, não poderia ter sido melhor, e foi muito significativo. E, a diversidade já se mostrou de forma clara para mim, enquanto professora; compreendo agora a importância de desmistificarmos a teoria de que todos os alunos são iguais, conforme destaca a referida autora, no seguinte comentário:

(...) a cultura escolar está impregnada pela perspectiva do comum, do aluno-padrão do “aqui todos são iguais”, o que evidencia a ausência de uma educação pautada na diversidade em sala de aula, A escola trabalhava um currículo único, todos eram “iguais”. (CANDAUI, 2002, p. 14)

A partir desse ponto de vista constatamos que não podemos trabalhar sem a perspectiva da diversidade presente em sala de aula, promovendo os valores humanos universais, com qualidade dos recursos humanos e respeito pela diversidade cultural.

Novas vivências; novos aprendizados

Após alguns anos de docência fui convidada para assumir a direção de uma escola do nível fundamental, Francisco Marques Ferreira, situada no bairro da Francilândia, no município de Abaetetuba. Resolvi aceitar; era um novo desafio.

Confesso que foi com muita insegurança que assumi tal cargo, mas algo de muito interessante se concretizou nesse processo, antes de assumirmos a direção; sim, assumirmos. Na época, éramos quatro amigas, que iríamos assumir direções de escolas, diferentes; e, todas nós estávamos inseguras. Foi então que recebemos ajuda do professor Laurindo, que contribuiu bastante e significativamente dando algumas dicas, algumas orientações. E, assim, fomos assumir os nossos cargos de diretoras.

Quando cheguei à Escola Francisco Marques Ferreira, percebi quantas coisas precisaríamos mudar. Mas, com o tempo, pude sentir que precisaria conquistar a todos, para que pudéssemos realizar um bom trabalho; uma vez que estava assumindo a direção de uma escola pública, bem como postula Libâneo:

A democratização da escola pública, portanto, deve ser entendida aqui como ampliação das oportunidades educacionais, difusão dos conhecimentos e sua reelaboração crítica, aprimoramento da prática educativa escolar visando a elaboração escolar e científica das camadas populares, contribuindo, ao mesmo tempo, para responder as suas necessidades e aspirações mais imediatas (melhoria de vida) e a sua inserção num projeto coletivo de mudança de sociedade (1980, p.12).

Nesta tomada de consciência, cabe, aqui, enfatizar que a democratização da escola é de fundamental importância para que seja realizado um trabalho coletivo e interativo com a comunidade escolar, acrescentando e intervindo na realidade educacional e social dos alunos.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria (orgs) Sociedade, Educação e Cultura(s). Questões e propostas. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2002.

ESTEBAN, Maia Teresa. O que sabe quem erra? Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia d Autonomia: Saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública: A pedagogia crítico- social dos conteúdos. São Paulo Brasil 1985.

MCLAREN, Peter. A vida nas escolas. Uma educação à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. Porto Alegre. Artes médicas, 1997.

O ATO DE NARRAR: TECENDO O PROCESSO DE FORMAÇÃO A PARTIR DA REMINISCÊNCIA

Edineuza Pantoja Moraes²

1 INTRODUÇÃO

É sabido que a história do homem é constituída no decorrer do tempo, mediante as experiências e vivências acumuladas pelo indivíduo, através do meio no qual se encontra inserido. Assim, as lembranças são os principais elementos estruturantes, que servem de suporte para compreendermos a nossa trajetória percorrida e, ainda, possibilitar uma reflexão bilateral acerca da rememoração, segundo Bakhtin “*o autor deve tornar-se outro em relação a si mesmo, olhar para si mesmo com os olhos do outro*”.

O ato de narrar, possibilita ao narrador olhar para sua própria história com outros olhos, sendo este um momento de distanciamento entre o depoente e sua própria história. Desta forma, a reminiscência configura uma ação que lança por escrito o sujeito e sua atuação, oportunizando ao mesmo uma análise ponderada de sua prática. Portanto, começo este momento de “contação”, lançando, por via da memória, fatos e momentos que estigmatizaram minha história; acontecimentos que trazem à tona, alegrias, angústias, frustrações, conquistas e concretizações de ideais, mas acima de tudo, um pensar imbricado em um novo agir.

2 REGISTROS AUTOBIOGRÁFICOS

Chamo-me Edineuza Pantoja Moraes, tenho 28 anos nasci em Belém. Posteriormente, minha família e eu mudamos para ilha Mamangal Grande, em busca de estabilidade e melhor qualidade de vida. A ilha pertence ao município de Igarapé-Miri; assim, sou residente da ilha supracitada, desde os meus oito

² Licenciado em Educação do Campo com ênfase em Linguagem da UFPA/Campus Universitário de Abaetetuba, Ex-bolsista do Subprojeto PIBID/Diversidade e Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (GEPeMe/UFPA).

anos de idade. Apesar de ter nascido na cidade, considero-me ribeirinha. Sou filha de Edir Quaresma Moraes e Benedita Soares Pantoja e tenho três irmãos: Edilene, Samuel e Eliete.

Após a separação dos meus pais, eu juntamente com meus irmãos, fomos morar com meu pai e meus avós, no interior. Chegando aqui, não conseguimos nos matricular na rede básica de ensino, em virtude das nossas documentações terem ficado toda em Belém, onde morávamos. No ano seguinte, conseguimos nos matricular e cursei a 3ª série na escola Almirante Tamandaré, que ficava localizada no rio Meruu-Açu. A escola era pequena; na verdade não havia escola. Estudávamos na casa da professora Amélia. Nessa época, não havia transporte escolar e nós íamos de casco todos os dias. Era apenas uma sala de aula, onde, pela manhã funcionavam a 1ª e 2ª séries; e, à tarde, a 3ª e 4ª; era a professora quem fazia a merenda, cuidava da limpeza e ia até a cidade resolver os problemas relacionados à escola; mas, mesmo com todas essas responsabilidades, a professora Amélia era excelente e se preocupava com o aprendizado dos seus alunos. Era a professora mais requisitada pelos pais, pois, com ela, as crianças aprendiam.

No ano de 2000, cursei a 4ª série na escola “Vamos com Deus”; já, aqui mesmo, no rio Mamangal, com o professor Israel Araújo, um professor muito dedicado, esforçado e comprometido com a educação.

De 2001 a 2004, cursei o fundamental maior na Vila Maiauatá, na escola “Dalila Afonso Cunha”. Era uma rotina muito cansativa; acordava muito cedo para fazer as tarefas de casa, pois tudo tinha que estar pronto às 10h30min da manhã, para, então, eu poder me arrumar para ir estudar. A viagem até a escola demorava em torno de uma hora e meia de tempo; e, quando retornávamos, já era de noite. De 2005 a 2007, cursei o ensino médio, também, na mesma escola, que funcionava como anexo da escola “Manoel Antônio de Castro”, que ficava localizada na cidade, o 1º e 2º ano, foram no sistema modular de ensino e somente o 3ºano foi no sistema regular. Infelizmente, o meu ensino médio foi muito precário, pois, não tínhamos prédio próprio e a carência de professores só agravava mais a situação. Mas, com a graça de Deus e muito esforço do meu pai e incentivo da minha avó, que, embora analfabeta, sempre me incentivou a estudar, concluí uma etapa da minha vida escolar.

Em nove de fevereiro de dois mil e oito. Foi minha colação do ensino médio. Foi um dia de muita felicidade; meus pais já estavam juntos novamente e, embora minha avó não estivesse mais entre nós, lembrei-me muito dela, e tenho certeza que estava muito feliz, lá no céu, pela minha conquista.

Mudanças paradigmáticas: da educação básica à inserção em uma universidade pública

No limiar de 2010, a Universidade Federal do Pará, campus universitário de Abaetetuba, lançou o edital para o processo seletivo especial, sendo que este visava contemplar a clientela oriunda ou residente no campo. Com afinco, dedicação e estudo, fui classificada no processo seletivo e habilitada para cursar Licenciatura em Educação do Campo, com ênfase em linguagem.

Em 2011, iniciou-se uma nova etapa, posso dizer que foi o princípio de um novo ciclo e rompimento de outro; pois, os laços com a educação básica foram ficando para trás, e, passaram a fazer parte somente das lembranças. O início do curso foi muito difícil e confesso que pensei até em desistir, pois já não tinha persistência para dar prosseguimento aos estudos; a única motivação que me prendia ao curso eram os meus pais; eles eram o meu suporte e incentivadores e que me competia a retribuir todos os esforços e dedicação deles. No decorrer do curso, alguns desdobramentos convergiram para minha adaptação no mesmo. A partir de então, as mudanças nos paradigmas foram notórias, desde as configurações de ensino, até as formas de aprendizagem. Posso assegurar que a universidade foi e está sendo um processo que permite vislumbrar a educação de uma forma coerente e formativa. Foi nas dependências da academia que pude compreender a educação em sua forma integral e complexa.

Em 2014, fui vinculada ao subprojeto PIBID DIVERSIDADE, sendo este um divisor de águas e precursor na minha formação docente; além de ser um articulador que visa unificar e fortalecer os laços entre educação básica e universidade. E o principal objetivo do PIBID se pauta na inserção do

licenciando no âmbito escolar, propiciando a atuação do bolsista em sala de aula, oportunizando a função de bolsistas estagiários. Sendo que:

Aprender a ser professor, nesse contexto, não é, portanto, tarefa que se conclua após estudos de um aparato de conteúdos e de técnicas para a transmissão deles. É uma aprendizagem que vem se dar por meios de situações práticas que sejam efetivamente problemáticas, o que exige desenvolvimento de uma prática reflexiva competente. Exige ainda que, para além de conceitos e de procedimentos, sejam trabalhadas atitudes, sendo estas consideradas tão importantes quanto aqueles (LIMA, 2003, Pág. 187).

Assim, posso inferir que a minha participação no subprojeto supracitado contribuiu significativamente para aprimorar o meu perfil profissional, levando-me à transcendência de meus conhecimentos, fazendo todo o diferencial em minha trajetória formativa. A partir deste momento de narração, as lembranças ressurgem e revelam tamanha importância de tal projeto para o meu percurso acadêmico. Como afirma Bosi, “Lembrar não é reviver, mas refazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora, é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição”. Portanto, esse momento de reconstituição do caminho percorrido, permite-me refazer e refletir acerca da minha trajetória formativa.

Em meio a tantos desafios que nos defrontamos no decorrer dos processos formativos, encontro-me no meio da caminhada, enveredando por uma trajetória que busca aprimorar, consolidar novos saberes e conhecimentos; contudo, meu percurso enquanto sujeito de um processo educacional, oriundo de um sistema precário e alienador, busca sempre a transcendência de conhecimentos, por meio dos processos formativos, propiciados pela universidade e demais instâncias. Posso dizer que esses quatro anos que vivenciei na universidade, foram os mais relevantes na minha vida estudantil, pois perdeu tempo suficiente para se intensificar; posso afirmar que “vivi”.

Não obstante, a reconstituição e rememoração da minha história de vida colocaram em confronto as imagens do tempo passado ao tempo presente; possibilitando compará-las, pois é no terreno da memória que se sustentam as alegrias, angústias, realizações; e, para além disso, a reminiscência reverbera em um tempo futuro, em que o sujeito narrador pode visualizar toda a sua trajetória. Acredito que quando recorremos, estamos vivenciando bons e maus

momentos, estamos trazendo para o presente lembranças e momentos que estavam ocultos no passado.

Concordo com Almeida quando expõe:

É nesse terreno da memória que se sustenta categorias como paixão, prazer, desejo, esforço, vontade, fé, resistência coragem e muitas outras que se entrelaçam na complexidade da existência humana. Ao mesmo tempo, a memória, o fruto, da subjetividade de cada um, dos sonhos almeados e perdidos que se arquivam nos sótãos empoeirados de uma longa existência, possibilita desvios de interpretação equivocadas dependentes da vida que se viveu e do êxito ou malogro das experiências (ALMEIDA, 1998, p.53).

Discorrer sobre meu percurso formativo é fazer uma espécie de contação, recordações, é narrar experiências boas e malogras. É olhar para um tempo longínquo e trazê-lo para mais perto, é perflustrar a trajetória, como se desse um “zoom” em momentos da nossa história. Fico muito envolvida com esse trabalho e também muito emocionada porque falo de um tempo da minha vida que somente agora entendo como foi e é importante para a minha profissão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulher e Educação: A paixão pelo possível. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BOSI, E. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 9. ed, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. O memorial no espaço da formação acadêmica: (re) construção do vivido e da identidade. 2010 P.602. DISPONÍVEL EM, < <http://www.perspectiva.ufsc.br>. Acesso em 27 JAN. 2014.

HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO HUMANA

Graciele Nogueira dos Prazeres³

1. INTRODUÇÃO

Eu Graciele Nogueira dos Prazeres, nasci na década de 90 no ano de 1990, na vila de Sarapoí no KM 06, às margem da PA 150 no município de Moju. Meus pais se chamam Graça Nogueira dos Prazeres e Bernardo Nunes dos Prazeres, possuo sete irmãos, dentre eles uma falecida e um desaparecido há quase trinta anos, sendo que não o conheci.

Meus familiares são do interior de Cametá, meu pai da comunidade chamada Mapeuá e minha de Cacuau, nesse município a subsistência de minha família baseava-se na pesca artesanal e no cultivo do açaí, fruto muito abundante nessa região, no auge da pimenta na década de 80, minha família migraram para o município de Tome-Açú, para trabalharem nos pimentais de japoneses, certa vez, eles foram mandados para o município de Moju para exercerem o mesmo trabalho, onde conseguiram um pedaço de terra que era patrimônio da igreja católica e depois com muito trabalho adquiriram mais dois terrenos.

Em Moju quando estavam em sua propriedade o sustento de minha família passou a ser baseado na agricultura familiar, sendo a produção artesanal de farinha de mandioca a atividade mais importante, complementada com o extrativismo do açaí para consumo próprio e venda como também, o cultivo de coco, feijão branco conhecido como feijão da colônia, arroz, milho e abóbora. “Se a existência humana não é garantida pela natureza, não é uma dádiva

³ Graduanda em de Letras – Língua Portuguesa no Campus Universitário de Abaetetuba (UFPA). Bolsista de Iniciação à docência do PIBID/Diversidade (UFPA). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (GEPeMe/UFPA).

natural, mas tem de ser produzida pelos próprios homens. Ele precisa aprender a produzir sua própria existência.” (SAVIANI, 2007, p. 154)

Nós nunca passamos fome, porque além dos produtos que cultivávamos minha mãe possuía muitas criações como porco, pato, galinha, peru entre outros animais que vendíamos e nos alimentávamos, contudo, nossa casa era muito velha, a madeira do telhado estava deteriorada apresentando risco de desabamento, o único eletrodoméstico que tínhamos era um rádio AM, que funcionava a pilha, pois não tínhamos energia elétrica, somente em 2007 que minha mãe conseguiu dinheiro para comprar os fios e postes para puxar a rede elétrica, porém, a nossa comunidade já possuía esse recurso desde 1996, só que nós não tínhamos recursos financeiros, de levar para nossa propriedade.

Eu fui alfabetizada pela minha irmã, não estudei pré-escola nem jardim, então, comecei a estudar com seis anos sem matrícula e com sete comecei a cursar a primeira série, na minha comunidade, como ainda ocorre em vários lugares do campo, a escola só ofertava turma até a quarta série, então, com onze anos fui estudar na escola da cidade, minha mãe não conseguiu matrícula na escola Antônio de Oliveira Gordo que fica na Avenida das Palmeiras que dá acesso aos ônibus que vem da estrada, fui estudar na escola Ernestina Perreira Maia, que fica relativamente longe do terminal. Uma criança de onze anos em uma cidade aonde ia apenas para comprar roupas raramente e na missa anual do Divino Espírito Santo, padroeiro do município, foi muito desesperador no começo, minha mãe me levou no primeiro dia, nos outros, tinha que ir sozinha me pedir várias vezes, mas depois aprendi o caminho, por essas razões Arroyo pondera, que as escolas do campo precisam atender as peculiaridades e carências dos (as) aluno(as) e a elas se adapte nas metodologias, nos conteúdos e na organização do processo pedagógico (ARROYO, 1991, p.27),

Quando fiz a sexta série, novamente precisei mudar de escola porque a escola Ernestina Maia tornou-se estadual só atende alunos que cursariam o ensino médio, fui estudar na escola Lauro Sodré, minha mãe só conseguiu vaga à tarde onde sofri muito por causa de ter ônibus escolar nesse horário, no ano seguinte precisei estudar à tarde novamente para ficar com minha sobrinha enquanto minha mãe e irmã trabalhavam, na oitava série fui estudar de manhã,

foi o ano mais proveitoso de minha vida escolar até então, o horário era favorável, turma pequena com apenas 22 alunos, uma turma extra por que as duas outras turmas estavam cheias, tive bom rendimento escolar.

No ensino médio retornei ao Ernestina Maia, fiz todo meu ensino médio, estudava para passar de ano nunca fui estimulada pela minha família e pela escola a prestar vestibular, uma vez no primeiro ano por influência de amigos fiz a prova, fiz por fazer não tinha ideia da importância daquele exame. No terceiro ano fiz uma prova para o curso técnico do IFPA e passei para o curso de saneamento urbano, então pensava que não precisava de vestibular, que aquilo era tudo esperei um ano para o início do curso, ainda tentei fazer cursinho popular na UEPA mais adoeci e parei.

Em 2010 comecei o curso técnico, como já estava namorando há uns dois anos, me casei e em 20 de janeiro de 2010 passei a morar na terra de homens e mulheres valorosos. Passei muitas dificuldades, fui morar nos fundos da casa do meu sogro, em um quarto que o telhado era lona, comia mal, dormia mal, fui trabalhar em uma lanchonete a noite, com meu marido, dormia de madrugada duas, três horas da manhã, as minhas aulas eram ministradas em Moju estudei dois anos, no último adoeci muito de uma doença bacteriana, passei sete meses doente mais não desisti do curso, terminei, fiz formatura, só que por problemas em estágio não recebi meu certificado.

Em 2012 já estava com 22 anos e as pessoas me questionavam, você não vai fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)? Respondia não, só vou fazer quando estiver preparada, então fui fazer cursinho na escola que tinha um sonho de estudar no Cursinho São Francisco Xavier, me dediquei muito, tinha certeza que aquela era a única oportunidade que teria para conseguir um futuro melhor, trabalhava aos finais de semanas para pagar meus estudos, foi muito difícil, decidi estudar de manhã sozinha, cursinho à tarde e grupo de estudo à noite, quando chegava ainda tinham as atividades domésticas, em resposta a grande dedicação fui aprovada na UEPA e na UFPA em Letras-Língua Portuguesa, optei por estudar na UFPA por o campus ser no meu município e visando também à pesquisa e extensão.

2 A ENTRADA NA UNIVERSIDADE: SONHOS E REALIZAÇÕES

Em 2013 no dia quatro de abril comecei a estudar na UFPA, minha primeira disciplina foi fundamentos da teoria literária com o professor Augusto Sarmiento-Pantoja, participei com voluntária em dois projetos simultâneos, a Vivência Pedagógica na escola Teresinha com a professora Doutora Mara Rita Duarte e Literatura e Cinema Pós 65 com o professor Augusto Sarmiento desenvolvendo atividades com alunos da escola Leonardo Negrão, ambas as escolas periféricas, em agosto fizemos uma viagem pela Vivência para A Jornada Internacional de Políticas Públicas (JOIMP) em São Luís do Maranhão.

Por ter uma vida acadêmica intensa começaram os problemas com meu marido e principalmente com a família dele, em setembro deste mesmo ano tive que sair de onde morava, fui morar com uma amiga por volta de um mês e meio, a qual me ajudou muito, esses problemas em nenhum momento interferiram no meu aprendizado, tirei excelentes notas e tive grande aproveitamento nos meus estudos, me inscrevi no Programa de Assistência Estudantil Bolsa Permanência, quando esse recurso saiu, aluguei um kit net e me mudei, meu marido me acompanhou.

Em 2014 não me envolvi diretamente em projetos, entretanto, em 2015 participei de dois projetos, do programa de pesquisa e extensão PROINT que tem por objetivo, incentivar a reestruturação e a qualificação dos cursos de graduação por meios de revisão dos seus projetos pedagógicos, com a temática da Pedagogia da Alternância nos Cursos de Licenciatura em Educação do Campo no Campus de Abaetetuba e no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), para trabalhar também com a Educação do Campo, no qual darei continuidade no ano de 2016, participei de dois eventos, um em Cametá no Seminário Nacional de Pós Graduação em Educação em Cultura (PPGED) e o outro em Belém no Encontro de Projetos Integrados, ambos para socializar os resultados das pesquisas.

Tive uma experiência grandiosa e enriquecedora em 2015, fiz parte como voluntária, do quadro de professores estagiários do projeto universidade aberta (PUAA), trabalhei com redação e em alguns momentos com literatura,

foi uma experiência sensacional, que veio reafirmar o meu desejo, meu grande sonho, o de estar em sala de aula e ser uma excelente professora.

Meu sonho e poder após a graduação, dar continuidade a meus estudos, participando de um programa de mestrado, sendo que faço parte do Grupo Estudos e Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (GPEME/ UFPA), onde participo de formações e produções que me ajudam nesse momento e posteriormente doutorado. Muitas dificuldades ocorreram em minha vida, mas todas foram passageiras, nada, nem ninguém conseguiu atrapalhar meus objetivos, um deles e vencer todos os obstáculos através dos estudos, estudar me proporcionar sonhar com coisas que antes seriam impossíveis de serem sonhadas, Quando paro no silêncio para refletir digo a mim mesmo: “Ninguém, e nem uma adversidade que porventura sobrevier ofuscara o brilho dos meus sonhos.” Segundo Perrenoud devemos ter uma prática reflexiva, está nos ajudará em diversos aspectos de nossas vidas, para ele refletir “Passa, portanto, por uma crítica, análise, questionamento, teorias imaginadas ou realizadas em uma situação análoga” (PERRENOUD, 2002, p 31).

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel (Org). Da escola carente à escola possível. São Paulo: Edições Loyola 1991.

PERRENOUD, Philippe. A Prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Atmed Editora, 2002.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 34, p. 152, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>>. Acesso em: 9 fev. 2016.

MEMORIAL ESTUDANTIL: REMEMORANDO O PASSADO, PARA COMPREENDER O PRESENTE E VISLUMBRAR O FUTURO

Laércio Farias da Costa⁴

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito (Bosi, 1995, p. 55).

1 INTRODUÇÃO

Este memorial descritivo tem como objetivo fazer um breve resumo de cada etapa de minha vida estudantil, desde minha compreensão enquanto séries iniciais, alfabetização, até a graduação, apresentando os fatos relevantes, bem como, o diálogo entre minha compreensão de mundo, reflexões críticas, construção de meu perfil social e profissional. Parafrazeando Soares (1991, p.37) “Procuro-me no passado e 'outrem me vejo'; não encontro o que fui, encontro alguém que a que sou vai reconstruindo, com a marca do presente. Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e o agora”. Por meio de práxis reflexiva, alicerçada nas referências de renomados pensadores, através da análise de como elas se refletiram e refletem em minhas proposições comportamentais, é que delinearei este memorial. Como profere (Oliveira 2005, p. 121):

Memorial “[...] é um documento escrito relativo à lembrança, à vivência de alguém; memórias. Deve conter um breve relato sobre a história de vida pessoal, profissional e cultural do memorialista; por isso mesmo é escrito com o uso da primeira pessoa.

⁴ Licenciado em Educação do Campo com ênfase em Ciências Naturais da UFPA/Campus Universitário de Abaetetuba, Ex-bolsista do Subprojeto PIBID/Diversidade e Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (GEPeMe/UFPA).

2 AUTOBIOGRAFIA

Chamo-me Laércio Farias da Costa, tenho 23 anos de idade, sou oriundo e residente do município de Abaetetuba, estado do Pará. Meus pais vindos do interior do mesmo município instalaram-se na área urbana em 1985. Sou formado nos graus formativos, séries iniciais, ano 2002, na Escola Dr. Francisco Leite Lopes; ensino médio, ano 2010, na Escola Leônidas Monte; ensino Técnico Integrado em Edificações, concluído no ano de 2012, no Instituto Federal do Pará, Campus de Abaetetuba; e graduando do curso de Licenciatura em Educação do Campo, com ênfase em Ciências Naturais, na Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba, com previsão de término para o ano de 2016. Sou participante ativo do Movimento Estudantil, membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia e bolsista do Programa Institucional com Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID Diversidade), e Plano Nacional de Formação Docente (PARFOR), atuando na área administrativa do Campus de Abaetetuba.

3 A FASE FUNDAMENTAL: O ALICERCE

Meu percurso educacional, registrado de acordo com o que se é regido pelo sistema vigente, teve seu início aos cinco (05) anos de idade. Segundo meus pais, fui instigado a iniciar, vendo minha irmã, dois anos mais velha que eu, nas atividades educativas escolares. O espaço é o Centro Educacional Evangélico, que atende a crianças desde o Jardim I até a antiga 4ª série, atual 5º ano. Uma escola com ideologias cristãs. Hoje a vejo como o grande ícone da construção de meus ideais para viver em harmonia com a sociedade. Primavam pela cordialidade, respeito e contemplação dos princípios religiosos cristãos, que dialogavam com os ideais de minha família. Localizada no centro da cidade, em regime particular, atendia uma clientela considerada elitista, para o contexto local. Porém, eu era contemplado como bolsista; logo, não poderia me enquadrar nesse público.

Professora Milca, sim, ela marcou essa fase; o módulo era Jardim I. Tenho essa ideia, de que o primeiro professor sempre marca a vida do

estudante. E, com ela, não foi diferente. Minha apreensão inicial, por estar longe da família e rodeado de pessoas, até então desconhecidas, não durou muito tempo; estabelecemos uma relação para além de professor e aluno. Educar com alegria, assim poderia ser caracterizada sua aula, aprender brincando. Uma verdadeira professora cuidadora, que detinha a sensibilidade de reconhecer em seus alunos sua importância enquanto promissores de uma sociedade mais justa e igualitária. De olhos latentes e coração pulsante, ela enxergava em seus alunos a esperança de dias melhores, por meio da reciprocidade educativa, aprendendo e ensinando de forma simultânea, compartilhando o pensamento de Paulo Freire:

A alegria e a esperança são necessárias à atividade educativa. A esperança de que professor e alunos juntos podem aprender, ensinar, produzir juntos e igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. A esperança faz parte da natureza humana. Sem esperança não haveria experiência histórica, mas puro determinismo. Só há história onde há tempo problematizado e não dado. (1996, p.29).

Alfabetização: a etapa temida por todos

Por ter sido ensinado por uma professora conhecida por sua rigidez, é que compreendi, então, o intuito de tais alfabetizadores, em mostrar-se com um estereótipo sério e rígido; a cobrança para com os trabalhos refletia no esforço dos alunos, o que recebia a aprovação, o apoio e o entendimento de todos os pais.

A quebra do paradigma

Chegou o término do primário, momento que me despedia dessa primeira experiência educacional, num ambiente em que conquistei amigos, construí princípios, e alicersei ideais. Partiria eu, agora, para outro momento; uma escola nova, escondida na periferia do bairro onde resido; pessoas diferentes, costumes e ambiente contrastantes, uma quebra no paradigma.

Iniciam-se as aulas. A turma de 30 alunos, ainda não alfabetizados; eu era o único da sala que sabia ler e escrever. Estava eu, revendo a alfabetização,

com atividades semelhantes. Pelo fato de eu já estar alfabetizado, a professora decidiu acionar a coordenação e meus pais para verificar a possibilidade de me remanejar para a segunda série; minha mãe, por sua vez, não concordou, pois estava dentro dos parâmetros série/idade. Assim, pedido indeferido, permaneci na mesma série. A professora então me nomeou líder de turma, e solicitou que eu colaborasse, auxiliando-a nas atividades de leitura e escrita, o que me acrescentou muito, para além da prática intensiva, a satisfação em poder ajudar meus colegas, através de meu conhecimento.

2 SER PROFESSOR: UM ENCONTRO COM A AFINIDADE, EXPERIÊNCIAS NECESSÁRIAS

Desde criança sempre tive a ideia de que a profissão ideal seria a de Medicina; influenciado pela mídia e também por ter uma tia enfermeira, isso me estimulou ainda mais. Até que cheguei à segunda (2ª) série, professora Kátia Cilene Bailão Costa. Sim, seu nome foi internalizado em meu subconsciente; acompanhou-me por três anos, (2ª) segunda, (3ª) terceira e (4ª) quarta séries. A professora que materializou os princípios ideológicos educacionais, vistos no alicerce (fase fundamental). Conheci o prazer de ensinar e aprender, o significado de cada data comemorativa, o altruísmo, a ética; em suma, conheci o que é ser verdadeiramente um professor. Uma família, foi isso o que nos tornamos, ela conseguiu “romper” as paredes de minha casa, conheceu meus pais, mostrou-me que todos temos potencialidades, só precisamos criar oportunidades para enxergá-las. Com ela, passei de um menino tímido, que se limitava aos cumprimentos iniciais, ao aluno escolhido para cantar pelo meu bairro, em uma homenagem à reinauguração de minha escola, acompanhado pelo prefeito de minha cidade, governador do estado e demais autoridades da época. Até hoje, sou grato a ela por me mostrar novos horizontes e contribuir grandemente na construção de meu perfil. A afinidade profissional, parte, essencialmente, dos dotes pessoais, mas é imprescindível que o meio te canalize experiências formativas, que possibilitem a tua sensibilidade interna, a florando-a; a partir daí, tudo é consequência; conseguirás desenvolver as atividades atreladas àquela função, de forma harmônica, rentável e com apreço.

Um encontro com a morte: E, eu chorei.

Era a (4ª) quarta série, metade do primeiro semestre. Maria, uma menina tímida e humilde, foi inserida em minha turma, com antecedentes patológicos não muito animadores. Pessoas humildes, sem muitas condições financeiras para arcar com o custeio de suas alimentações. Tivemos pouco mais de três (03) meses de convívio com ela. Foi na manhã daquela sexta-feira; o dia amanheceu nublado, a tristeza pairava no ar. Aquele pano preto na frente da escola, sinalizava algo que até então eu desconhecia; sim, as aulas foram suspensas, Maria havia morrido. Culpa? Remorso? Não sei, mas um sentimento me perturbou, acredito que não só a mim. Poderíamos ter feito algo para evitar? Talvez, mas aquela morte me tocou. A pobreza venceu. Naquele momento, eu não entendia muito bem, mas depois fui tendo clareza; a saúde não é prioridade de todos, e sim dos quais detêm maior poder econômico. O pobre continua aguardando um milagre, e o sistema, uma absolvição que jamais viria. Não me permitiram acompanhar e nem presenciar o velório, mas o sentimento de perda e não aceitação, estavam presentes em mim. E, eu chorei.

Fundamental e Médio: Um ensino pragmático

Então chega o Ensino fundamental maior. Como seria ter vários professores em uma mesma série? Construiria muitas novas amizades, pessoas com quem compartilhar experiências, novos “tios”? Surpresa! Fui repreendido no primeiro “tio” pronunciado, não eram meus tios, eram professores. Perguntava-me temeroso: São estranhos? Não existe mais afeto? Fui vitimado por um sistema que não me avisou dessa mudança, que a “capa” de professor feita nas séries iniciais, destituiu-se naquele momento, e que a ideia de que apenas os mais aptos sobrevivem, iniciava gradativamente. Compreendi que, diferente da imagem que me fizeram acreditar, professor não é uma extensão familiar; é um profissional, com peculiaridades como outros, que desenvolve uma relação próxima com os alunos no intuito de possibilitar o desenvolvimento de seu trabalho, de manejar a classe e reger suas aulas. Como advoga Paulo Freire em seu livro “Professora, sim; tia, não”:

O que me parece necessário na tentativa de compreensão crítica do enunciado professora, sim; tia, não, se não é opor a professora à tia não é também identificá-las ou reduzir a professora à condição de tia. A professora pode ter sobrinhos e por isso é tia da mesma forma que qualquer tia pode ensinar, pode ser professora, por isso, trabalhar com alunos. Isto não significa, porém, que a tarefa de ensinar transforme a professora em tia de seus alunos da mesma forma como uma tia qualquer não se converte em professora de seus sobrinhos só por ser tia deles. Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão. Se pode ser tio ou tia geograficamente ou afetivamente distante dos sobrinhos mas não se pode ser autenticamente professora, mesmo num trabalho a longa distância, “longe” dos alunos. (1993, p.9).

O impacto do ensino fundamental durou bem pouco, talvez um pouco traumatizado, pela cobrança de alcançar médias boas, e a dinâmica metódica e pragmática de cada professor. Mas, logo compreendi que precisava me adaptar e prosseguir. Conhecimentos compartimentados de forma disciplinar, avaliação meritocrata e a essência capitalista começam a fazer sentido. Mesmo assim, a inocência de uma infância maquiada ainda existia, laços de amizades eram estreitos, momentos de felicidade sincera ainda eram tecidos. Porém, hoje, vejo, de forma clara, que o método tradicional de ensino não é mais um parâmetro referencial de rendimento educacional, e, que só uma educação democrática e libertária é que possibilita a emancipação do indivíduo, como cita Paulo Freire:

O papel da autoridade democrática não é, transformando a existência humana num calendário escolar tradicional, marcar as lições de vida para as liberdades mas, mesmo quando tem um conteúdo programático a propor, deixar claro, com seu testemunho, que o fundamental no aprendizado do conteúdo é a construção da responsabilidade da liberdade que se assume. (1996, p.29)

O Ensino médio inicia, e traz consigo, provas, processos seletivos, estágios, dentre outros. E, de certa forma instaura um comportamento mais seletivo na turma, responsabilidades, escolhas. Simultaneamente, iniciei meus estudos em um cursinho pré-vestibular, particular, o que me trouxe uma carga de compreensão de que eu deveria me esforçar mais. No meio do processo, fui aprovado em um curso técnico, no Instituto Federal do Pará, no Campus do município onde resido. Mesmo sendo um curso integrado, optei por continuar

meu ensino médio. Tendo uma jornada dupla de estudo, compreendi o método meritocrata de seleção instaurada no sistema educacional, que não se preocupa com o senso crítico do estudante, mas com o vencimento de um conteúdo programático.

O mantra curricular da meritocracia apoia-se nas competências escolares, condição que exige dos estudantes certas aptidões e quase nenhum senso crítico. Ou seja, o mérito é uma questão de simples aptidão diante do conteúdo mínimo e as escolas precisam se condicionar às orientações dos sistemas, renunciando à sua autonomia pedagógica, administrativa e financeira (Revista Retrato da escola, 2013, p. 210).

Ensino Técnico: Somos seres pensantes ou operantes?

Em outubro de 2008, ingressei no Curso técnico em Edificações. Por influência de meus pais e familiares, decidi cursar, mesmo não me identificando com a área. Contrariando minhas expectativas, foram três anos e meio de muita aprendizagem, professores que me fizeram reafirmar afinidades, experiências sociais, antropológicas, capitalistas, que me acrescentaram grandemente em minha emancipação enquanto ser social e profissional. Com um caráter metódico e operacional, consegui obter eficiência e eficácia no manuseio de processos tecnológicos; porém sentia que me faltava algo, necessitava lidar com pessoas, refletir criticamente sobre os processos sociais que permeiam a sociedade, contribuir para com minha comunidade. Fechar-me em uma sala por dois expedientes diários e me mostrar indiferente ao que acontecia em minha volta, não me seduzia. Foi então que prestei vestibular para Licenciatura; pois só o fato de saber que lecionaria, já me chamava a atenção. E mais, a especificidade de meu curso, Educação do campo, com ênfase em Ciências Naturais, deixou-me extasiado; foi então que iniciei a etapa acadêmica vigente.

5 ENSINO SUPERIOR: SOMOS CRÍTICOS, PENSANTES E OPRIMIDOS POR UM SISTEMA?

Em março de 2012, inicia meu curso de Licenciatura em Educação do Campo, com ênfase em Ciências Naturais, na Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba. Agora, acadêmico de um curso superior, percebi que as pessoas rotulam estudantes universitários, com um conceito relativamente equivocado, como se fôssemos donos da verdade, detentores de todo o conhecimento, e pudéssemos tirar todas as dúvidas. Na verdade, entrar em uma academia universitária, é estar em contato com vários pensadores e intelectuais; mas, sempre sabendo mensurar rendimentos, e distinguir quantidade de qualidade.

Inicialmente, pensei em focar apenas em meus estudos; não tinha interesse em me envolver em outros processos da universidade, até porque, meus pais, que são religiosos exemplares, não tinham boas referências sobre a fé dos intelectuais universitários, e temiam que me corrompessem nesse sentido. Mas a tentativa não teve muito êxito. No segundo mês de academia, fui convidado para compor uma chapa para a eleição do Diretório Acadêmico do Campus. Resisti no primeiro momento, mas por influência de alguns colegas, aceitei. A partir daí, começa a se delinear a maior experiência socioantropológica de relações interpessoais, vivenciadas por mim, um ensaio para a vida. Compreendi que a universidade proporciona as ferramentas necessárias para instigar a autonomia dos acadêmicos, através dos movimentos estudantis, grupos de pesquisas, programas acadêmicos, como o Programa Institucional com Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) Diversidade, o qual participo.

Além de estender o tempo-comunidade de meu curso, foi-me proporcionado um embasamento teórico que eleva a bagagem de conhecimento no que diz respeito a arte de ensinar, dando-me segurança e subsídios teórico metodológicos, que se complementam com os conteúdos específicos das disciplinas. Para, além disso, os movimentos possuem ideais humanísticos e emancipatórios, elevando a criticidade, dando sensatez para vislumbrar novos horizontes, com olhar holístico para entender o mundo que nos cerca e o contexto em que nos encontramos. Também nos politiza e nos torna sujeitos de

direitos, cientes de nossas obrigações, além de estreitar as relações interpessoais, com um toque altruísta e cordial. Pude adquirir referências importantes para a construção de meu perfil profissional, aguçar minha compreensão de mundo, criticidade e maturidade. Compreendo meu esforço, mas registro minha gratidão a todos e a todas, que contribuíram, direta ou indiretamente, para eu me tornar a pessoa que sou hoje, e delinear minhas perspectivas futuras, bem como a descoberta da importância deste memorial, no que tange o processo autorreflexivo, sobre o exercício de retornar às lembranças de suas ações e experiências. Rememorar é essencial para reafirmar a própria identidade, conhecer a si e assumir-se como um ser em construção.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Professora, sim; tia, não: Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, Olho d'água, 1993.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa/ Paulo Freire, 1996.

SOARES, Magda. Metamemória – memórias: travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 1990.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Elite_%28sociologia%29 (Acessado dia 02/02/2016. Às 18h30.)

Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 7, n. 12, p. 209-213, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>

TRILHANDO OS CAMINHOS DA MEMÓRIA: REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA ITINERANTE

Nárgila Silva de Sousa⁵

1 TUDO O QUE SOU

Não sei quando me tornei professora, mas sei que tudo começou quando optei pela licenciatura. No meu íntimo acredito que tornar-se professor não é um processo pronto e acabado, que nos limita a certeza, mas um processo contínuo de aprendizagem. Somos seres inacabados e morreremos inacabados, esta é a única certeza que tenho, e o pensamento que me move é a certeza dessa construção contínua que me renova, renova meus pensamentos, meus objetivos e transforma minhas certezas em incertezas. Como Charlot destacou em sua obra *Da relação com o saber*, “o homem não é, deve tornar-se o que deve ser; para tal, deve ser educado por aqueles que suprem sua fraqueza inicial e deve educar-se, tornar-se por si mesmo.” (2000, p. 52). É esse caminho de construção do meu ser que quero expressar, um caminho percorrido através de um longo processo de interações com minha família, com o mundo e as outras pessoas. Todos os personagens dessa história foram fundamentais para a construção do que sou hoje, mas nada se compara ao importante papel que meus pais tiveram na minha formação. Acredito que sou um pouco da história de cada um.

Meu pai e minha mãe são nordestinos, ele do Ceará e ela do interior do município de Bragança, nordeste do Pará. Filhos de família humilde, pobre e numerosa, tiveram que trabalhar desde a infância pra ajudar os pais a criarem os outros irmãos. Por isso, migraram na década de 70 para a cidade de Belém em busca de oportunidades. A necessidade do pai de trabalhar para manter a família e da mãe de cuidar dos filhos não deixou que meus pais terminassem os

⁵ Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Formada em Letras Hab. LP/LI pela Universidade Federal do Pará. Funcionária efetiva do Estado do Pará. Trabalha no Centro de Formação Tecnológica Cristo Trabalhador em Abaetetuba, Pa.

estudos. Acredito que por isso, a educação se tornou uma prioridade na minha criação e na de meus irmãos, e isso foi fundamental para a nossa formação.

Hoje percebo que esse compromisso familiar com a educação dos filhos é uma grande lacuna. A família sem estrutura e sem amparo espera que a escola supra essa lacuna. Eximem-se da responsabilidade de formar seus filhos e transferem-na para a escola. Isso é desastroso. Pois esta, sozinha, sem aquela, também é frágil, e com tantas responsabilidades, além das que lhe compete, também pede socorro.

2 A EDUCAÇÃO ESCOLAR

Olhando algumas fotos guardadas por minha mãe, algumas lembranças da minha educação infantil se acendem, cheiros, trechos de músicas, brincadeiras, boas lembranças guardadas no baú da memória de uma infância feliz.

O período de 1ª à 4ª série na escola pública, lembro-me bem das vezes que fiquei de joelho no milho, da palmatória após um erro de tabuada. Essas eram práticas comuns na época. Eu era uma criança, mas lembro-me bem. Toda a base educacional de 5ª à 8ª série eu fiz na escola Luterana. Uma escola religiosa, rígida, mas não intimidadora. Maravilhosa. Lá conheci amigos, professores, pessoas que até hoje fazem parte da minha história de vida.

O ensino médio foi feito na escola pública em Belém, anos compreendidos entre 1995 a 1997. Esse período da década de 90 foi marcado por greves, momento em que conheci o movimento estudantil. Foram três anos que se passaram rapidamente, amadureci muito rápido também. Morar numa cidade grande, longe dos pais, aos quatorze anos, não foi fácil, tive muitas vezes que tomar decisões sozinhas, mesmo que erradas. Eles me fizeram falta. Hoje percebo a importância dos pais em cada fase da vida de um filho, participando das decisões, orientando, mas teve que ser assim. Quando escolhi fazer vestibular escolhi o curso de direito. Não passei. Na verdade tinha muitas dúvidas quanto à carreira que eu queria seguir.

Quantos de nossos alunos não carecem do apoio familiar para orientá-los na vida, muitos nem tem família. À maioria precisa, às vezes, de uma

conversa, um ombro amigo e a escola, na pessoa do professor é quem, na maioria das vezes, acaba dando esse apoio. Acredito que na atual sociedade em que vivemos temos o dever de orientar nossos alunos para vida. A família de vinte anos atrás não é mais a família de hoje, então como queremos que a escola de antigamente seja a mesma também. Temos uma nova escola, que precisa aprender a conviver com esses novos desafios impostos pela modernidade. Por isso, não é fácil ser professor na atual conjuntura. Nossa profissão requer muito de nós e nos dá pouco em troca. Não falo só em remuneração, mas em respeito, dignidade, reconhecimento. Isso tudo se perdeu, se desvalorizou na carreira do magistério. Isso tudo vem desmotivando muitos colegas de profissão, e às vezes, também, sinto-me assim.

3 A FACULDADE E O TRABALHO NA REGIÃO DO SALGADO

Em 1999, fiz vestibular, passei e cursei letras – habilitação em língua Portuguesa no campus de Bragança, pela UFPA⁶, contudo o magistério não era uma vocação na minha vida. Viria descobri-la depois, no transcorrer da caminhada? Talvez, não posso me queixar da escolha que fiz. Tive na minha vida escolar excelentes mestres que admiro até hoje. Lembro-me sempre das coisas boas que aprendi com eles, e penso que quero ser tão bom ou melhor que eles. Lembro-me também daqueles que não foram tão bons assim, esses me ensinaram às avessas aquilo que eu não gostaria de ser. Contudo, esse é meu ofício, aquele que abracei. Não posso ignorá-lo e nem ignorar os outros mestres que existem em mim. *Em Ofício de mestre: imagens e autoimagens*, Miguel Arroyo destaca a herança que trazemos do passado em nossas vivas memórias: “nosso ofício carrega uma longa memória, guardamos em nós os mestres que tantos foram. Podemos modernizá-lo, mas nunca deixamos de sê-lo. Para reencontrá-lo, lembrar é preciso.” (2010, p.17)

Durante a graduação, tive que trabalhar, isso dificultou meus estudos, mas não me impediu de concluí-la com êxito. Sei que hoje, sei bem mais do que sabia antes, mas olho pra frente e acho que o que sei ainda é pouco para o trabalho que tenho a desempenhar. O professor do século XXI precisa estar

⁶ Universidade Federal do Pará.

conectado com as mudanças ocorridas no mundo: às revoluções tecnológicas, às mudanças comportamentais que isso desencadeou na sociedade, e principalmente com a descentralização do saber. Na era da tecnologia, da informática o professor deixou de ser o detentor do conhecimento e passou a ser o mediador. Isso mexeu com as bases educacionais exigindo muito mais desse profissional. Ele precisava se adequar aos novos moldes educativos, caso contrário correria o risco de se tornar um profissional antiquado e retrógrado. Apesar de tantas mudanças e cobranças no âmbito educacional Arroyo (2010) defende que:

As novas tecnologias poderão transmitir conhecimentos, competências, informações com maior rapidez e eficiência do que o professor, porém um vídeo, uma parabólica, um computador, não darão conta do papel socializador da escola, do encontro de gerações, da intersubjetividade, do aprendizado humano que se deu sempre no convívio direto de pessoas, nas linguagens e nas ferramentas da cultura, nos gestos, nos símbolos e nas comemorações (p.168).

Em 2002, já com vinte e dois anos, passei no concurso para o município de Augusto Correia e no ano seguinte me formei e assumi a função de professora. Esse fato seria um passo em minha profissão. No entanto, sentia que algo faltava. Não satisfeita com uma graduação senti a necessidade de fazer outra, então me inscrevi no PARFOR⁷ e fui selecionada para cursar língua inglesa em Abaetetuba/Pa.

Educação ribeirinha em Abaeté

Depois de dez anos morando e trabalhando na região do Salgado, fui chamada pelo estado para trabalhar nas Ilhas de Abaetetuba. Nunca tinha andado de rabeta⁸. Era uma hora nesse barquinho até chegar à Escola Quilombola Santo André, localizada na área do baixo Itacuruçá. Embarquei numa nova experiência e senti na pele um pouco das dificuldades vivenciadas pelos alunos da região das ilhas. Muitos destes se deslocavam em suas canoas a

⁷ Plano Nacional de Formação de Professores.

⁸ Tipo de embarcação pequena movida a motor que os ribeirinhos da cidade de Abaetetuba utilizam para se locomoverem diariamente nos rios.

remo. Vindo de longe, por baixo de sol ou de chuva, enfrentavam maré alta e baixa, e muita maresia. Chegavam cansados, com fome, e mesmo assim com um sorriso e disposição pra estudar. Outros, que moravam mais longe, acordavam bem cedo e vinham de rabeta, o transporte escolar disponibilizado pelo município.

Foram três anos lutando por uma educação de qualidade, mas descobri que faltava vontade política dos órgãos competentes para que a escola e seus alunos tivessem seus direitos garantidos já que se tratava de uma escola quilombola e ribeirinha. Essa experiência foi um marco na minha vida profissional, pois pude vivenciar, um pouco, da complexa educação dos povos ribeirinhos na Amazônia. Essa vivência também marcou minha vida pessoal, pois lá conheci meu esposo que também é professor. Em 2013, engravidei. Mesmo assim continuei a trabalhar, foram nove meses de longas viagens, o cansaço já era aparente, depois entrei de licença maternidade e me ausentei.

4 ENTRE A MATERNIDADE E O MAGISTÉRIO

Durante nove meses de gestação, conciliei: as aulas na escola, minha segunda graduação e a especialização na FIBRA⁹, em Belém. Antes de concluir a especialização e o PARFOR nasceu minha filha. Então, no final de março de 2013, aos trinta e cinco anos, saiu de cena a professora e estudante, para entrar em cena a mãe.

Depois de um novo processo de adaptação, longe da minha família, eu tive que aprender a dar conta das responsabilidades maternas. No trabalho não foi diferente, não pude retornar às ilhas, pois minha filha só tinha um ano, então fui lotada na Escola Benvinda Pontes. Foi um ano bem difícil com bebê ainda pequeno, contudo consegui defender meu TCC¹⁰ com louvor e também terminar meu artigo da especialização. Vale ressaltar que para o sucesso dessa empreitada pude contar com o apoio de meu companheiro, Renato Marques.

⁹ Faculdade Integrada Brasil Amazônia.

¹⁰ Trabalho de conclusão de curso.

5 PASSOS PARA O MESTRADO: valorizando o ofício de mestre.

Em 2015 uma longa crise assolou a educação estadual, marcando profundamente a vida dos profissionais da educação: greve, cortes. Perdas mais que financeiras. Planos desfeitos, sonhos adiados. A educação estava sendo, mais uma vez, desmoralizada pelo estado perante a sociedade. Segundo Arroyo (2010), “a desvalorização do campo educativo e do saber profissional levará à desvalorização da categoria frente aos governos e a sociedade.” (p. 23). Neste ano, tive que mudar de escola e fui trabalhar na Escola Cristo trabalhador.

Apesar de tudo, pude por em prática um dos meus projetos: fazer a prova para o mestrado. Sempre acreditei que a qualificação seria o caminho para o reconhecimento profissional. Fui incentivada por uma colega de profissão que faz mestrado em educação na UEPA, e por meu esposo também. Fiz o processo seletivo e consegui chegar à fase final de entrevista e currículo Lattes, contudo não consegui a aprovação. Isso poderia ter me desmotivado, mas entendo que tudo foi apenas mais um empurrão que a vida me deu. Isso me fez repensar meus passos, minhas estratégias e resolvi que tinha que fazer algo pra ampliar meu conhecimento teórico e melhorar meu currículo.

No início deste ano, 2016, recebi um convite inesperado de uma colega de profissão para participar de um grupo de estudo o GEPEME. Aceitei imediatamente, e comecei a ir aos encontros. Esses momentos de estudo e conversa em que os participantes compartilham suas experiências, têm sido de grande valia para meu crescimento pessoal e profissional. Tenho certeza que esse é o começo de muito estudo e preparação para o ingresso no mestrado. Essa conquista vai ser outro marco na minha vida e um dos próximos capítulos que pretendo escrever em meu ofício de mestre.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria / Bernard Charlot; trad. Bruno Magne. – Porto Alegre: Artmed, 2000.

ARROYO, Miguel G. Ofício de mestre: imagens e auto-imagens. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2010.

MINHA TRAJETÓRIA PESSOAL, EDUCACIONAL E PROFISSIONAL

Nazaré do socorro Bitencourt Viegas¹¹

1 INTRODUÇÃO

O presente Memorial tem por objetivo descrever minha trajetória pessoal, educacional e profissional, destacando atividades que desenvolvi e as que desenvolvo atualmente, bem como minhas perspectivas de estudos e pesquisas resgatando fragmentos das experiências e transformações percebidas e adquiridas na trajetória acadêmica. Além disso, constitui-se em uma síntese dos momentos marcantes de minha história familiar. “A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado” (NORA, 1993, p. 9), na qual filtramos as lembranças mais significativas dos fatos vividos individual e coletivamente.

A sequência dos fatos inicia-se na cidade de Abaetetuba-Pará, com o casamento de meus pais Armandino e Neusa. Após meu nascimento, as entrelinhas abordam, concomitantemente, eventos dentro e fora da escola. A narrativa foi compondo-se, naturalmente, à medida que as recordações foram se renovando em minha memória; pois, para escrever este memorial, foi necessário relembrar a trajetória de minha vida e reler os momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas da infância, da adolescência e da mocidade, até o presente momento em que a compreensão crítica da importância do ato de ler está mais amadurecida e vai se constituindo dia a dia. “A retomada da infância distante, [...] me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando,

¹¹ Especialista em Alfabetização de Jovens e Adultos para a Juventude- UFPA. Especialista em Educação Social para Juventude-Projovem Urbano-UEPA. Especialista em Psicopedagogia Institucional com Habilitação em Educação Especial-Faculdades Montenegro. Especialista em Língua Inglesa-Faculdades Montenegro. Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Literatura- Hokemãh-FATEH. Licenciada em Letras-UFPA. Graduada em Língua Inglesa-UNAMA. Graduada em Pedagogia-FLATED. Graduada em Filosofia-ISEP. Bacharel em Teologia-INTA. Graduada em Ciências da Religião-FAERPI. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Currículo e Gestão da Escola Pública-PPEB na UFPA. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia-GEPEMe/UFPA.

recrio, e revivo, no texto que escrevo a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra”. (FREIRE, 2003).

2 O COMEÇO DE TUDO: INFÂNCIA, ANOS PRIMAVERIS DE MINHA VIDA.

Do presente ao passado, uma retrospectiva histórica dos primeiros anos de minha vida, anos de descobertas inusitadas, desabrochamentos de sonhos que não compreendia muito bem. Segundo Ecléia Bosi “lembrar não é reviver, mas refazer, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (1994, p.17). Reconstituir o percurso de minha infância é um desafio que me traz saudosas lembranças, guardadas em meu coração. Falar de minha vida é difícil, contudo, me satisfaz, pois me remete ao passado, que, por circunstâncias óbvias, cada dia fica mais distante; permanecendo nítido, porém, em minha memória, conservando, assim, minha identidade.

Nasci na cidade de Abaetetuba, município do Pará, no dia 28 de março de 1967. Sou a primeira filha de uma família de vários irmãos, vinte e sete ao todo. Meus pais se separaram quando eu tinha apenas dois anos e minha irmã, Edinelza, um ano de idade. Meu pai se envolveu com outra mulher; constituindo outra família e, algum tempo depois, minha mãe conheceu meu padrasto, Ormino, e fomos morar com ele em Belém.

Guardo, da infância, lembranças significativas. Minha mãe foi meu exemplo de vida; mulher sem nenhuma formação escolar, mas diplomada em dignidade, honestidade e humildade, que com muito esforço e sacrifício, junto com meu padrasto, a quem chamo de pai, me criou. Tínhamos uma vida muito sofrida, com inúmeras privações. Por causa da situação econômica, minha mãe precisava costurar muito, por várias vezes, até a madrugada. Ainda muito pequena, comecei a ajudar nas costuras e nos afazeres domésticos. Meu pai era soldado da polícia militar e sempre precisava viajar para outras cidades com o destacamento militar. E, quase sempre nós tínhamos que acompanhá-lo.

Por conta de tantas viagens, comecei a educação infantil com seis anos de idade, na cidade de Acará; mas estudei apenas oito meses. Minha primeira professora, um anjo em minha vida, se chamava Elza; jamais a esquecerei.

Minha mãe não tinha tempo para conversar, nem para brincar ou ir à igreja. Vivia sempre trabalhando; nossa família era grande e as despesas maiores ainda; nesse período, já éramos oito irmãos. Antes do final do ano, voltamos para Belém; depois, fomos para outras cidades e não podíamos estudar continuamente, porque sempre, antes do término do ano letivo, meu pai era destacado para outra cidade.

3 TRAJETÓRIA EDUCACIONAL: O ENSINO SISTEMATIZADO

No ano de 1976, minha mãe decidiu ficar morando em Belém para que meus irmãos e eu tivéssemos a oportunidade de estudar. Então, aos nove anos, tive meu primeiro contato com uma escola de ensino fundamental. Fui matriculada na Escola Estadual Prof.^a Antônia Paes da Silva, na 1^a série. Mesmo sem nunca ter sido alfabetizada, não apresentei dificuldades de aprendizado e permaneci nessa escola até a 4^a série do 1^o grau.

No ano de 1980, meu pai foi transferido para Benevides e, alguns meses depois, entrou na reserva. Fui transferida, então para a Escola Estadual de 1^o grau François Poul Begot, onde cursei a 5^a e a 6^a séries do 1^o grau. Lá, tive excelentes professores, dos quais sinto muitas saudades, e que me inspiraram a seguir carreira no Magistério. A escola tinha normas rígidas, mas meus professores, amigos e colegas a tornavam a melhor de todas.

Mas, como nem tudo na vida são flores, nossa situação econômica foi piorando cada vez mais. Meu pai teve problemas na reserva e precisou trabalhar como apontador na DENPASA, empresa que ficava longe de casa. Ia trabalhar todos os dias de bicicleta, pois precisávamos comer. E para ajudar nas despesas, minha mãe conseguiu um trabalho para mim, em uma fazenda, a cinco km da cidade; e, aos 14 anos, virei boia fria. Precisava levantar de madrugada, preparar minha marmitta, sair para pegar o caminhão e ir trabalhar na plantação de capim. O administrador da fazenda deixava, os que estudavam, saírem as 12hs30 min, para que fossem à escola; as aulas iniciavam as 13hs30min.

Em 1982, em virtude das dificuldades econômicas pelas quais passávamos, minha mãe resolveu voltar para Abaetetuba. Fomos morar na casa da minha avó materna, Maria Aires, exemplo de fortaleza e perseverança.

Nesse período, conheci meu pai biológico e minha vida mudou bastante. Nesse mesmo ano, fui transferida para o Colégio Bernardino Pereira de Barros, para cursar a 7ª série. Os primeiros dias foram tristes e dolorosos, pois era uma realidade muito diferente; mas, depois me adaptei e comecei a fazer amigos. Estudei lá até o 3º ano do 2º grau; concluí a Habilitação Técnica em Magistério. Hoje, posso dizer que fui feliz, e agradeço por ter tido a oportunidade de estudar em um colégio que, apesar das adversidades, consegue formar pessoas para a vida; pois os conhecimentos que me foram repassados e absorvidos, ficarão para toda vida.

4 VIDA E CONSTRUÇÃO: TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL

No ano de 1986, nasceu a minha inesquecível filha Adriana (in memoriam). Fui abandonada pelo pai dela, ao descobrir que eu estava grávida; passei por momentos dolorosos, mas consegui sobreviver. Casei com um homem que registrou minha filha e a amou como um pai. Em 1987, nasceu minha segunda filha, Adrieli; e, em 1990, Adriane, minha última filha. Para concluir o 2º e o 3º ano do 2º grau, precisava levar minhas duas filhas para o colégio e as serventes me ajudavam com elas; foram tempos difíceis, mas concluí o Magistério. Por falta de condições financeiras, parei de estudar; mas sempre tive vontade de dar continuidade aos estudos; almejava cursar uma universidade; porém, naquele momento, era impossível, a prioridade eram minhas filhas; não tínhamos casa própria, morávamos de favor ou de aluguel e meu marido Amadeu era taxiciclista. No entanto, nunca deixei de buscar conhecimentos, sempre gostei de ler, e essa passou a ser uma forma de manter-me atualizada com as descobertas do homem. Sempre li muitas revistas, mas minha paixão são os livros, gosto de ler relatos do passado, da atualidade e o que ainda são somente projetos futuristas, em que posso relacioná-los, obtendo uma melhor compreensão dos fatos.

Em 1994, meu marido e eu nos separamos. Ele se tornou um homem muito violento, agredia-me, fisicamente; perdia tudo o que ganhava em jogos, bebedeiras em bares e com mulheres. Só não passávamos fome, porque meus pais nos ajudavam. Nesse período, junto com minha irmã Edinelza, consegui

montar uma pequena malharia de roupas íntimas, e, nos finais de semana, exercia a profissão de manicure; trabalhava dia e noite para sustentar minhas filhas, pois elas são meu maior tesouro.

Nesse mesmo ano, a prefeitura de Abaetetuba promoveu o concurso público do município. Eu e minha irmã nos inscrevemos e fomos aprovadas; mas só fomos nomeadas em abril de 1998, no mandato do prefeito sucessor. Fui lotada na E.M.E.I.F. Dr. Ronald Reis Ferreira, numa turma de educação infantil. Lá, trabalhei por doze anos e passei por várias séries; conheci pessoas maravilhosas, que muito me ensinaram; aprendi lições que levarei comigo para o resto da vida. Também me inscrevi para o concurso público do município de Moju, em 1999, e, graças a Deus, fui classificada. Em março de 2000, fui lotada na E.M.E.F São Tomé, na localidade de Camurituba Centro, para trabalhar em uma turma multisseriada, com 58 alunos, da educação infantil à 4ª série do ensino fundamental. Trabalhei lá por dez anos. De 2008 a 2010, trabalhei na Escola Estadual Benvinda de Araújo Pontes como professora pela FADESP, no PROJÓVEM URBANO; foi uma experiência maravilhosa, tive a oportunidade de conhecer pessoas incomparáveis e inesquecíveis. De 2013 a 2014, atuei como Orientadora de Estudo, do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa-PNAIC, direcionado a professores da rede municipal de ensino. Atualmente, trabalho como professora em Faculdades particulares e exerço o cargo de coordenadora do Setor Psicossocial, na Secretaria Municipal de Educação e Cultura-SEMEC.

Em 2002, a prefeitura comprou alguns cursos de nível Superior da Universidade, entre eles, o curso de Letras. Minha irmã e eu nos inscrevemos, fizemos a prova e fomos classificadas; fui a décima primeira da lista. Para mim, foi a realização de um sonho, pois mesmo com tantas dificuldades, queria muito dar prosseguimento aos meus estudos. Foi difícil ter que trabalhar todos os dias letivos do ano e durante os meses de férias ir para a universidade estudar de maneira intensiva; mas encarei com fé e superei as dificuldades. Em 2006, concluí minha Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura, pela UFPA. Em 2007, fiz pós-graduação em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Literatura-Faculdade Hokemãh-FATEH. Em 2009, concluí o curso de Bacharel em Teologia-INTA.

Em 2010, concluí minha habilitação em Língua Inglesa, na UNAMA. Em 2011, fiz pós-graduação em Educação Social para Juventude-PROJOVEM URBANO, na UEPA e pós-graduação em Psicopedagogia Institucional com habilitação em Educação Especial, na Faculdade MONTENEGRO. Em 2012, concluí a Graduação em Filosofia, no ISEP, nesse mesmo ano fiz o Curso de Aperfeiçoamento em Práticas Pedagógicas e Tecnologias em Educação Inclusiva, na UFRA; Graduação em Filosofia, no ISEP; Licenciatura em Ciências da Religião, na FAERPI. Em 2013, pós-graduação em Língua Inglesa, na Faculdade MONTENEGRO. Em 2014, Licenciatura em Pedagogia, na FLATED. Em 2015, Especialização em alfabetização de Jovens e Adultos para a Juventude, na UFPA. Em 2016, cursando Especialização Lato Sensu em Gestão Escolar, pela Universidade Católica Dom Bosco e Mestrado em Educação pela Universidad Del Salvador, na USAL, por questões financeiras precisei interromper o curso. Porém, continuei persistindo, não parei de estudar e em 2016, consegui ser aprovado no Programa de Pós-graduação em Currículo e Gestão da Escola Pública-PPEB na UFPA.

5 NOVOS DESAFIOS: OUTRAS PERSPECTIVAS

Em 2014, comecei a participar no Grupo de Estudo e Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (GEPeMe/UFPA), coordenado pela professora Dr^a. Mara Rita Duarte e pela Mestre Marinilda Sardinha, desse modo enveredei pelo campo da pesquisa direcionando minhas análises para o âmbito da prática pedagógica do professor da educação básica e formação docente. Participar do GEPeMe é uma experiência singular em minha vida, pois me proporciona enormes aprendizados. O grupo de Pesquisa oportuniza-me a leitura, a socialização, a produção intelectual e a publicação de artigos. O convívio com a produção acadêmica me conduz ao aprimoramento intelectual, pessoal e profissional ampliando minhas expectativas para o futuro.

6 DOR E SUPERAÇÃO: ACONTECIMENTOS QUE TRANSFORMARAM MINHA EXISTÊNCIA

A memória está longe de ser vista como algo pronto, estático, acabado. Muito pelo contrário, ela é construída na relação com o outro, que motiva o lembrar e, por isso, é tomada por nós como

uma forma de os sujeitos poderem mudar, nas suas lembranças, aquilo que os incomoda e que talvez gostassem que tivesse sido diferente, ou que não houvesse acontecido (OLIVEIRA, 2012, p. 177).

Não posso terminar este memorial, sem falar sobre os momentos mais dolorosos e marcantes da minha vida. Em 2006, meu pai(padasto) faleceu de câncer no estômago, senti-me tão desamparada, mas minha mãe precisava de mim. Em julho de 2009, também de câncer, foi a vez de minha filha Adriana partir deste mundo. Cheguei a pensar que iria morrer; foram momentos dolorosos e insuportáveis. Entrei em depressão, mas consegui sobreviver a tanto sofrimento e dor. Acreditando em Deus, porque sei que Ele sempre encaminha os seus, e mergulhando nos livros, estudando muito, é que consegui superar todas as dificuldades e sofrimentos que a vida me ofereceu. Em fevereiro de 2016, meu pai biológico morreu. Atualmente, luto para superar problemas de saúde que surgiram em decorrência dessa herança genética que persegue minha família.

Continuo acreditando que a educação é o melhor caminho a ser seguido para a transformação de uma história de vida, pois transformou a minha. Sempre entendi que a leitura é o maior tesouro na vida do ser humano; quem lê, descobre e redescobre a vida de muitas formas e nas suas muitas dimensões; a cada nova leitura, um novo horizonte é vislumbrado. Pois, não somos objeto da história; sim, sujeitos da cultura, da política, das inovações. Verifico não para me adaptar ao contexto, mas para mudar minha história, acredito em meus ideais, não tenho a pretensão de mudar o mundo, mas procuro contribuir para melhorar as pessoas. Concordando com Rogers (1970, p. 191) “O homem é um ser que vive, pois ele experiência, sente, avalia, escolhe, acredita e atua não como um ser autômato, mais como pessoa”.

Agradeço a Deus, por seu amor e bondade, sempre conduzindo meus passos, dando-me sabedoria e coragem para alcançar meus objetivos; às minhas filhas, que me deram força, incentivando-me a continuar persistindo. A todos que, de alguma maneira, colaboraram na construção da minha formação; aos que creem no sonho, na brincadeira, no presente, no futuro, na luta, no diferente; no ensinar aprendendo, no aprender ensinando; na paz, na união, no amor, na vida, e, principalmente, na educação. A todos, meu muito obrigada!

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembranças de velho*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler em Três Artigos que se Completam*. São Paulo: Cortez, 2003.

NORA, Pierre. *Entre memória e história. A problemática dos lugares*. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

ROGERS, C. R. *Liberdade de aprender em nossa década*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1970.

OLIVEIRA, Mara R. D. de. *Memória e resistência na Universidade*. In: SARMENTO-PANTOJA, A.; OLIVEIRA, Mara Rita Duarte de; NOGUEIRA de S., R. do S. e CHABABO, Rubem (Orgs.) *Memória e resistência: percursos, histórias e identidades*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012.

MINHA VIDA: ENTRE FLORES E ESPINHOS, CONSTRUIR A MINHA HISTÓRIA

Odelita Corrêa Barbosa¹²

Todo sujeito se constitui de fragmentos de uma história, de sombras, de acontecimentos, uma descontinuidade, uma história de vida, em que o sujeito se reencontra e se perde.” (CIFALI, 2001, p.28).

1 INFÂNCIA E OUTROS FRAGMENTOS DE MEMÓRIA

Minha vida se constituiu de muitos fragmentos de sombra e de luz, de lutas, perdas e conquistas, mas principalmente de muita persistência. O meu EU, como pessoa e profissional reflete as dimensões do tempo vivido e se constituiu dos fragmentos do meu passado e da conexão com meu presente.

Meu nome é Odelita Corrêa Barbosa, nasci no dia 02 de maio de 1974, na residência dos meus pais, no Rio Xingu, município de Abaetetuba, Estado do Pará-Brasil e sou a quinta filha de uma prole de sete filhos do casal Fabiano de Jesus Corrêa dos Passos e Maria Adélia Figueiredo dos Passos. Convivi com meus pais do meu nascimento até os sete anos de idade. Da minha infância tenho poucas recordações, mas minha memória guarda a leveza da felicidade.

Lembro que, financeiramente, as coisas não eram muito fáceis; éramos sete irmãos, em uma pequena casa; tínhamos que dividir tudo, até espaço na hora de dormir, mas, mesmo assim, existia uma grande felicidade. Eram essas necessidades que geravam uma relação mais próxima de amor, partilha e cumplicidade. Meu pai nos colocava na rede em seus braços e nos embalava cantando canções de ninar. Ainda guardo em minha memória o soar

¹² Bacharel e Licenciada Plena em História pela Universidade Federal do Pará, Especialista em Educação Técnica Integrada a Educação Básica-PROEJA, pelo Instituto Federal do Pará. Professora da Educação Básica da Disciplina História, na rede Estadual do Estado do Pará e na Rede Municipal do Município de Abaetetuba e Barcarena. Pesquisadora vinculada ao CNPQ pelo Grupo de Estudos e Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (GPEME/UFPA).

de sua voz cantando: *“Dorme neném que a Cuca vem pegar, papai foi pra roça, mamãe foi trabalhar;”*... *“Boi, boi, boi, boi da cara preta pega essa menina que tem medo de careta.”* De uma canção a outra, assim ele conseguia nos fazer dormir.

Atualmente, as canções de ninar da cultura brasileira são vistas como assustadoras para fazer uma criança dormir, são criticadas por expressar pavor, medo às crianças; mas na minha infância, minha inocência de criança ainda não me dava a capacidade de analisar as canções como perversas, aterrorizantes; mas sim, como símbolo de um fortalecimento de laço familiar, pois na minha geração ainda não havia preocupações com os traumas infantis.

E por considerar o ato de um filho ser ninado pelos pais como algo muito importante para a formação do indivíduo é que julgo e qualifico tal ato como um fator determinante para minha humanização propriamente dita; uma vez que esse ato fortaleceu o laço de amor, cuidado e carinho essenciais para minha vida. E quando me deparei com os desafios da vida: as angústias, o sofrimento e até mesmo as vitórias e conquistas, esse ato de amor não me deixou perder a essência humana, construída em uma base familiar humilde, mas regada de muito amor.

Dos “flashes” da minha primeira infância, lembro que um amigo dos meus pais, que me considerava uma filha, presenteou-me, ainda muito pequena, com o primeiro par de sapatos de salto; que me deixou muito feliz. Segundo meus pais, eu ficava desfilando de um lado para o outro. Será este o motivo de gostar tanto de salto alto?

Rompimento do cordão umbilical: uma separação prematura

Quando entrei na idade escolar, que na época era aos sete anos, meus pais tiveram que me colocar aos cuidados de um compadre, que tinha mais posses que eles. Era o patriarca da comunidade. A decisão de abrir mão da minha criação, foi para me dar oportunidade de estudar. Esse rompimento foi muito doloroso, tanto para mim como para meus pais; foram meses chorando, querendo voltar para casa. Mas, meus pais tiveram que ser fortes, e não cederam. Só me restou aceitar morar longe deles e dos meus irmãos. E, assim, minha vida em família foi interrompida, e meu novo destino começou a ser

traçado por mim. A partir daquele momento, tive que aprender a andar com as próprias pernas, e me defender, sozinha, das maldades da vida, reconhecendo as coisas boas e más pela minha própria intuição.

2 EDUCAÇÃO MEU TRAMPOLIM PARA UMA VIDA MELHOR: UMA TRAJETÓRIA ESCOLAR SEMPRE ATRELADA AO TRABALHO

Assim como minha vida escolar, inicia-se também, minha vida no mundo do trabalho, aos sete anos. Para poder garantir meus estudos, comecei a trabalhar em “casa de família”; esse processo durou da minha infância até minha vida adulta. Trabalhava em troca de material escolar e outros produtos básicos de sobrevivência; uma espécie de “escambo”, baseado na troca de trabalho por produto.

Iniciei o primeiro grau, hoje, ensino fundamental no ano de 1981 na Escola Municipal Santo Afonso, no Rio Xingu; a minha professora das séries iniciais era minha tia, esposa do irmão da minha mãe. Nessa primeira etapa, havia uma rigidez nos estudos; o Brasil ainda vivia sob a égide da ditadura militar. Lembro-me de algumas obrigações, como o hasteamento da bandeira, cantando o hino nacional; as sabatinas¹³ das sextas-feiras, em que a palmatória esquentava as mãos daqueles considerados “burros”; sofri muito e, até hoje, não domino os cálculos. Eis uma prova de que a repressão não contribui em nada com a educação. Intercalada com as sextas-feiras da tabuada, tinha a leitura. Outro tormento para mim; uma vez que desenvolvi a escrita, mas não conseguia ler. Por este motivo chamavam-me de “Jabuti”. Até hoje, não entendo o porquê! O que tem a ver com o jabuti, a pessoa aprender a escrever e não a ler?

Nessa etapa foram muitos choros. Na escola sofria com apelidos, com a rigidez da educação, com a maldade dos meninos que molhavam as meninas no caminho para a escola; uma vez que o deslocamento era feito via canoa¹⁴.

¹³ Nas sabatinas o aluno tinha que acertar questões de tabuada sobre as quatro operações, caso errasse seria castigado com a palmatória, a qual a dor do erro iria depender da bondade ou da maldade do colega que iria aplicar o castigo.

¹⁴ Barco a remo, utilizado no transporte das populações ribeirinhas.

Mas mesmo ante a separação familiar e as dificuldades na escola, ainda me permitia brincar e sorrir.

Quando concluí a terceira série, vim estudar na zona urbana, para cursar a 4ª série. Mas, continuei morando com a mesma família, agora, na cidade no ano de 1985, fui matriculada na Escola Estadual Professor Leônidas Monte, para cursar a quarta série. Nessa escola conheci anjos e demônios. Como era oriunda das ilhas, servia de “chacota” na sala de aula; não podia abrir a boca para falar, que já vinha a encarnação. Foram muitas lágrimas para sobreviver a esse ambiente escolar de desrespeito à cultura e às diferenças. Mas, em meio a tudo isso, havia alguns colegas simpáticos e amáveis. E assim como em alguns colegas, a estupidez e a arrogância também se fizeram presentes em alguns professores. Tínhamos uma professora, bem “ditatorial”, que só faltava bater nos alunos, adorava constranger-nos em público; então, era melhor ficar caladinha, para não passar mais vergonha, diante dos colegas.

Em meio à antipatia de alguns professores, da discriminação de alguns colegas e da distância da família, o resultado foi a reprovação na primeira experiência em estudar na cidade. Nesse momento, poderia ter desistido de tudo e me reclusado no meu humilde cantinho rural; mas, mesmo que eu quisesse desistir, meus pais não deixariam principalmente minha mãe, que projetava para mim um futuro melhor; mesmo que, para isso, tivesse que derramar “rios de lágrimas”, como a dizia: “nem que chore sangue”. E eles estavam certos. Mas, depois me fortaleci. E, inserida naquela “selva de pedra”, minha vida estudantil foi entrando nos eixos. Posso dizer que conquistei um espaço; e, aqueles que me pisaram e me subestimaram no passado, talvez não tenham conseguido chegar onde eu cheguei.

A partir da quinta série, já estava mais fortalecida e entrosada. Não era a aluna nota dez, mas consegui passar de ano. E, depois que ganhei a confiança da turma, passei a ser uma espécie de líder; meus colegas me seguiam nas brincadeiras, na área da escola, com destaque para o jogo de “cemitério” e pula elástico. Os momentos na escola passaram a ser agradáveis.

As memórias da sexta série foram perdidas, foi mais um seguimento do cotidiano vivido na 5ª série, só que mais amadurecida.

Na sétima série, passei novamente pelo trauma de ter que mudar de ambiente familiar. Já estava na idade, considerada de dar trabalho e, também, de “influenciar os outros”, levando culpa pelos erros que não eram meus. Mais uma vez, tive que me adaptar a um novo ambiente, para não parar de estudar; porque, se voltasse ao sítio, perderia os estudos, pois, na localidade, o ensino contemplava só até a 3ª série do fundamental, antigo primeiro grau.

Na oitava série, afirmei-me na escola, mas passei por mais uma reprovação. Não tinha muito tempo para estudar, e também me distraía com brincadeiras e amizades. Mas, ainda assim, o ano de 1989 foi um ano especial, para mim, apesar da reprovação escolar; foi quando completei quinze anos. Naquela época, era o auge dos bailes de debutantes; as festas de conto de fadas, dos príncipes de quinze anos. Mas era realidade só para a elite; só me restou o sonho. Não teve festa para celebrar as quinze primaveras e nem valsa, só um bolinho. Mas o fato de completar quinze anos, já era um momento mágico, inspirava sonhos. Mesmo só com um simples bolo, o momento não perdeu seu brilho, sua magia.

Com quinze anos, a escola já me era familiar; tinha muitos amigos, popularidade, afinidade com professores e funcionários; amava tudo. Era meu espaço de estudo, de lazer, de relações sociais, de namorar; era um lugar onde eu gostava de estar, pois, lá, não estava presa às obrigações do trabalho. Repeti a 8ª série e concluí o primeiro grau, hoje, ensino fundamental, na Escola Leônidas Monte, no ano de 1990. Era hora de me separar dos amigos, professores, e seguir um novo caminho o segundo grau, hoje, ensino médio.

Agora, para ingressar no segundo grau, hoje Ensino Médio, teria que escolher uma área a seguir; uma vez que esse nível de estudo era dividido em Magistério, Ciências Exatas, Ciências Biológicas e Ciências Humanas. Orientada pela dona da casa onde morava, escolhi o Magistério, pois teria mais oportunidade de ingressar no mercado de trabalho formal. Acatei a sugestão e fui estudar no Colégio São Francisco Xavier. Apaixonei-me pelo curso e descobri que queria, realmente, ser professora. Ainda, como aluna do Magistério, junto com mais duas amigas e minha irmã, criamos uma pré-escola particular; mas, a falta de recursos, levou-nos a fechá-la em menos de um ano. Foi no Magistério que construí minha base profissional na docência, pois o

curso foi de grande importância para a minha formação e atuação profissional. Em janeiro de mil novecentos e noventa e quatro, recebi o diploma de professor de ensino de 1º grau - 1ª a 4ª série/Habilitação específica em Magistério.

No dia cinco de fevereiro de mil novecentos e noventa e quatro, começa uma nova etapa da minha vida, a formação da minha família. Nesse dia, casei. A partir desse momento, ganhei um novo aliado para enfrentar as batalhas da vida, o meu esposo. No dia onze de julho de mil novecentos e noventa e quatro, nasceu nosso primeiro filho. Nesse período, já formada professora, mas sem emprego na área, para ajudar meu esposo a criar nosso filho, resolvi ajudar no orçamento, trabalhando como manicure (mesmo sem habilidade para tal função); e, ao mesmo tempo, revendia roupas e dava aula de reforço escolar. Em vinte e oito de janeiro de mil novecentos e noventa e seis, nasceu nosso segundo filho, uma menina. E, como completou um casal, as dificuldades no parto e financeira, resolvemos encerrar a procriação. Então, minha família estava formada. Conheci um novo sentido de família, ou melhor, fui conhecer o que seria ter uma família só minha.

3 A DOCÊNCIA: UM FRUTO DAS MINHAS LUTAS, PERSISTÊNCIAS E ABDICAÇÕES

A minha carreira profissional na educação, inicia em junho de mil novecentos e noventa e seis, consegui um contrato temporário na rede Estadual (do Estado do Pará), via apadrinhamento político, por influência dos meus antigos “patrões”. Assim que assinei o contrato na 3ª URE, já fui orientada a não me manifestar contra o governo; se participasse de movimentos de greve ou outro movimento, seria demitida. Após as orientações, fui designada para lecionar na Escola Turma da Mônica; mas, lá, não fui aceita, pois, a diretora da Escola não me conhecia, e preferiu escolher seus apadrinhados. Voltei a 3ª URE. Fui lotada na zona rural, Escola do Pontilhão, na estrada de Igarapé-Miri. Mas, como ainda estava amamentando meu bebê de cinco meses, fiquei trabalhando na regional e, aos poucos, fui conquistando meu espaço, passando por todas as funções, acumulando conhecimento e competências. E, como já

dominava todo o trabalho desenvolvido na regional, fui designada, a assumir a função de secretária da instituição.

Ingressar no mercado de trabalho através de apadrinhamento não é muito fácil, pois nossa carreira se reduz a alienação, obrigando-nos a “perder a voz”. Com o propósito de mudar esse quadro, foi que em mil novecentos e noventa e nove, fiz o concurso da Prefeitura Municipal de Abaetetuba e fui aprovada e nomeada em maio de dois mil e um. Como estava assumindo a função de secretária da 3ª URE, fui cedida para a instituição no regime de colaboração do município com o Estado; concentrando, assim, minha carga horária de trabalho só num lugar.

Em dois mil e um, houve uma seleção de vestibular; processo seletivo especial para professores “leigos” da rede Estadual, denominado “Pacote”, em que foram ofertadas vagas pela UFPA, UEPA e UNAMA. Fiz e passei para o curso de Bacharelado e Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Pará. Foi muito difícil deixar minha família, principalmente meus filhos, ainda pequenos, nos meses de férias para cursar faculdade em Belém. As dificuldades não se limitavam na separação familiar, também tinha que trabalhar paralelamente ao curso, pois ocupava um cargo importante, e não poderia me ausentar integralmente, apesar de ser intervalar do início de julho a primeira quinzena de agosto e do início janeiro a primeira quinzena de março, as atribuições do trabalho não me permitia ficar ausente por muitos dias, o que me forçava a faltar em algumas aulas e até mesmo trabalhar algumas noites e finais de semana para colocar o trabalho em dia. Foram quatro anos de muita luta, de grandes mudanças e intenso aprendizado. Para enfrentar essa batalha, uni forças com mais seis amigas professoras; dividíamos aluguel e despesas para nos mantermos em Belém, na denominada “casa das sete mulheres”. Foram tempos de muito choro, mas, também, de muitas risadas. O mais difícil mesmo, foi deixar meus filhos pequenos, para ir em busca de um futuro melhor para eles. A minha sorte foi ter escolhido um excelente pai para eles, pois na minha ausência cumpriu o papel de pai e mãe para nossos filhos. Mas, com o apoio das minhas colegas e do meu marido, venci a batalha. Em junho de dois mil e seis, recebi meu Diploma de Bacharelada e Licenciada Plena em História.

Durante o estudo na faculdade, já lecionava a disciplina História e Geografia em turmas da EJA (3ª e 4ª etapas) e no ensino regular, na Escola Estadual Anexo Esmerina Bou-Habib (que funcionava na Escola Municipal Dr. Vicente Maués), na Escola Estadual Esmerina Bou-Habib e na Escola Estadual Carmem Cardoso Ferreira.

Em dois mil e sete, fiz o concurso público da Secretaria de Estado de Educação do Pará, sendo nomeada em agosto de dois mil e oito. Após treze anos, sofrendo as opressões como professora temporária, fui efetivada na rede Estadual de Ensino do Estado do Pará.

Ainda em dois mil e sete, fiz o concurso público da Prefeitura Municipal de Barcarena, também sendo aprovada, e nomeada em junho de dois mil e nove, para atuar na Escola Prefeito Laurival Magno Cunha, localizada na Vila dos Cabanos, onde leciono a disciplina História até o presente momento.

Apesar de ter sido nomeada em Barcarena, através de concurso, não fui bem recebida na escola. As condições impostas quando assumi, quase me levaram à desistência. Minha lotação foi feita toda fragmentada, com muitos “buracos”; por exemplo, dava uma aula as 15hs e a próxima só às 21hs e 45min. Para um profissional que morava em outro município, ter que ficar sentada esperando por mais de seis horas de tempo para entrar na sala de aula, só com muita força e persistência mesmo. Além do mais, naquele período, a estrada de acesso à Vila dos Cabanos era muito difícil; o ônibus não atravessava a ponte; tínhamos que descer, atravessar a ponte, pegar outro ônibus ou fazer rotas por ramais perigosos, estrada esburacada e empoeirada. Tudo favorecia para uma desistência; mas, como a maioria dos professores eram de Abaetetuba, fizemos o pacto de vencer a batalha juntos. E, assim fizemos. Hoje, melhorou bastante, e nos sentimos uma família.

Atualmente, tenho uma jornada de trabalho bastante exaustiva, intercalando sala de aula com trabalho técnico. São três empregos, conquistados através de concurso, mas apesar de ter um trabalho intenso, busco levar aos meus locais de trabalho, o melhor de mim. E, no intuito de melhorar ainda mais, enquanto profissional, foi que decidi, em dois mil e quinze, participar do Grupo de Estudo e Pesquisa Memória, Educação e

Tecnologia – GEPEME, porque acredito que o professor tem que estar em constante formação.

Apesar da burguesia defender que “filho de pobre não estuda, filho de pobre trabalha”. Eu me rebelei contra essa máxima burguesa, e hoje posso afirmar que a minha vida acadêmica e profissional é fruto da minha persistência.

O meu presente se constitui dos fragmentos do meu passado, o meu EU, como pessoa e profissional reflete as dimensões do tempo vivido:

Uma coisa agora é clara e transparente: não existem coisas futuras nem passadas; nem se pode dizer com propriedade: há três tempos, o presente respeitante às coisas passadas, o presente respeitante às coisas presentes, o presente respeitante às coisas futuras. Existem na minha alma estas três espécies de tempo e não as vejo em outro lugar: memória presente respeitante às coisas passadas, visão presente respeitante às coisas presentes, expectativa presente respeitante às coisas futuras (AGOSTINHO, 2008, XI, XX,26).

Entre flores e espinhos, minha vida foi buscando o equilíbrio. As flores, representada pelo amor familiar, pelos amigos, pelas conquistas e sonhos realizados, me ajudaram a ver o quão bela é a vida, apesar dos espinhos. Os espinhos me fortaleceram como pessoa, para que pudesse enfrentar as batalhas da vida, o mundo selvagem. Apesar dos espinhos, as flores não me deixaram desumanizar diante das dores da vida. O que sou hoje, como pessoa, como mãe, mulher, profissional, cidadã, foi se construindo ao longo da minha vida a partir dos fragmentos dessas vivências. Uma história que não termina aqui, mas que se cria, recria, ao longo da minha existência.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. Confissões. Livros VII,X e XI. Tradutores: SANTOS, Arnaldo do Espírito/BEATO, João/PIMENTEL, Maria Cristina. Lusofia.Covilhã 2008. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/agostinho_de_hipona_confessiones_livros_vii_x_xi.pdf. Acesso em 13/05/2016

CIFALI, M. Conduta Clínica, formação e escrita. In: Paquay, L; Perrenoud, P; Altet, M; Chaliel, É. (orgs). Formando professores profissionais: quais

estratégias? Quais competências? Porto Alegre: Artmed Editora, 2. ed., 2001.
Apud, COSTA, André Júlio. A Psicanálise em Cursos de Pedagogia.
Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, Agosto de 2013.

DIAS, Ivone Aparecida. HISTÓRIA, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO: O QUE OS
AUTORES MEDIEVAIS PODEM NOS ENSINAR?. Artigo,2010.

GOFF, Jacques Le, 1924 História e Memória. Tradução: LEITÃO Bernardo.
Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LEMBRANÇAS DE UM CAMINHO PERCORRIDO

Onecelina Santos de Albuquerque¹⁵

1 INTRODUÇÃO

O presente Memorial tem por objetivo descrever a minha trajetória infantil, educacional e acadêmica, destacando atividades desenvolvidas ao longo da minha vida, momentos especiais, inesquecíveis guardados na memória, que contribuíram para o meu fortalecimento intelectual, físico e moral.

Meu nome é Onecelina Santos de Albuquerque, tenho 26 anos e vou contar um pouco de minha infância, trajetória escolar e acadêmica. Posso dizer que minha infância foi ótima. Morava com meus pais e era super sapeca, pois tinha quase o tempo todo livre para brincar, aprontar e chorar também. Meus pais sempre fizeram o possível para me fazer feliz, deixaram eu aproveitar bastante a minha infância. Brincava com meus amigos, jogava bola, subia nas árvores, comia frutas, tomava banho de chuva e brigava muito também, pois isso é muito normal na vida das crianças.

Adorei tudo isso. E me lembro, também, de quando brincava de professora com as minhas três irmãs. Pegávamos livros, revistas, e como eu não tinha domínio da leitura, improvisava, inventava o que estava escrito nos livros para ensinar as minhas bonecas, que eram os meus alunos. Outra brincadeira que me lembro bastante é a de “taco”, em que usávamos garrafas, ripas de madeira e uma bola. Sinto muita saudade e fico bastante emocionada em lembrar-me de coisas maravilhosas que fiz em minha infância. Sei que ela não foi perfeita, como todo criança deseja; cheia de brinquedos, sorvetes e doces,

¹⁵ Licenciada em Letras/Espanhol pelo Campus Universitário de Abaetetuba (UFPA). Professora de Língua espanhola no INOVE. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (GEPeMe/UFPA).

mas foi uma infância em que pude ser criança. E uma coisa eu garanto: ser criança é bom demais.

2 VIDA: AUTENCIDADE DA PALAVRA EDUCAÇÃO.

Minha educação escolar não posso dizer que foi um processo totalmente eficaz, pois existiram pontos negativos e positivos, como em todo processo educacional. Iniciei meus estudos, aos seis anos de idade, em um estabelecimento de ensino chamado Centro Escolar Caminheiro do Bem. Lembro como era muito legal ir para a escola; gostava muito de ir para brincar com os meus coleguinhas, mas confesso que não gostava muito de estudar, pois era pequena e tinha preguiça de cumprir as atividades escolares aplicadas pela professora. Não sabia a importância dos estudos. Minha mãe me acordava muito cedo, pois tinha que pegar ônibus. Levantava totalmente com preguiça e minha mãe sempre dizia “Bora estudar! Estudar dá bons frutos!” Eu não entendia, pensava que, em algum momento, cresceria uma árvore e então nasceria o fruto.

Para chegar à escola, o ônibus fazia um percurso por uma boa parte da cidade, e, todos os dias, estava eu na janela, admirando as paisagens e na expectativa de ver a minha vó Jacira, que morava em uma rua, onde o ônibus sempre passava por perto; dava pra ver, perfeitinho, a casa dela. Gostava muito de ir na janela para ver as ruas, pois era muito difícil eu sair de casa, já que meu pai era e é muito rígido. Para ele, o certo era sair de casa para a escola e da escola para casa.

A s aulas eram diárias, e eu estudava no turno da manhã. Todos tinham que fazer fila, do menor ao maior, e, o engraçado era que todos carregávamos uma bolsinha ao lado do corpo, com um copo para a hora da merenda. Após o momento da oração, iniciavam-se as atividades. A professora era muito legal e carinhosa; falo com ela até hoje. Na sala de aula, éramos, aproximadamente, de 15 a 20 alunos. A hora do intervalo era sempre um momento de liberdade; podíamos brincar, correr, merendar, mas como o espaço era muito pequeno, o mais frequente era eu estar conversando com as minhas coleguinhas. Na hora da saída era bem mais tranquilo; meu pai, sempre

que voltava da feira, passava e me levava para casa. Permaneci nessa escola até terminar o ensino fundamental menor.

3 MATURIDADE ESCOLAR: ESSENCIAL PARA MATURIDADE MENTAL

Quando passei para a 5^o serie, fui estudar no colégio São Francisco Xavier, uma escola estadual, no centro da cidade. Tive um impacto muito forte ao chegar numa escola que tinha mais de trinta alunos numa única sala; e, a cada estrondo, o som da campainha anunciava a troca de matéria e, conseqüentemente, de professor, também. Os conteúdos eram diferentes, mais difíceis. Senti-me um peixinho fora da lagoa; senti muita falta de alguns momentos com a professora da antiga escola; falta dos diálogos, das historinhas, das cantigas de roda. Lembro que, no primeiro dia de aula, chorei tanto, tanto mesmo, que pedi para minha mãe me levar de volta para casa, porque eu não havia gostado da escola e nem da professora. Mas na realidade, foi o estabelecimento de ensino onde conheci profissionais comprometidos com a educação. Construí amizades e adquiri amigos que até hoje carrego no coração, e, que ainda mantenho contatos.

No 3^o ano do ensino médio, ainda no mesmo colégio, tive que passar a estudar no turno da noite; pois como sou de família humilde e meu pai estava desempregado, tive então que procurar um trabalho para ajudar nas despesas de casa. Foi muito difícil, pois tive que aprender a conciliar trabalho e estudo. Depois de terminar o ensino médio, fiquei um tempo sem estudar.

No ano de 2009, tentei o meu primeiro vestibular, mas por causa da gravidez, foi bem incômodo realizar o processo seletivo; e não consegui passar. Fiquei super triste, ao escutar a lista dos aprovados e não ouvir o meu nome. Então, desisti; disse que não prestaria mais exame vestibular.

No ano seguinte, sem que eu soubesse, meu esposo Dionísio me inscreveu no processo de isenção da UFPA, e ganhei a dispensa da taxa do vestibular. Fui fazer a prova normalmente; preenchi o gabarito, entreguei e voltei para casa, sabendo que não poderia esperar uma boa resposta, pois sabia que não tinha me preparado para a conquista de um excelente resultado. Mas,

ao contrário do que eu imaginava acontecer, fui aprovada no curso de Letras , com habilitação em Espanhol ,pela Universidade Federal do Pará.

4 FUTURO DEVE SER CONQUISTADO; E, NADA SE CONQUISTA SEM LUTA.

Saí correndo atrás dos documentos necessários e fui me matricular, garantir a minha vaga. Comecei com muito entusiasmo, mas, ao passar dos dias, percebi que cursar uma faculdade não seria fácil; no entanto, dá-nos a oportunidade de formar, pensar e criar novos conceitos sobre a educação. E nesse novo momento de minha vida, conheci mestres, profissionais espetaculares, com práticas excelentes, que despertaram em mim a vontade de ir além dos conhecimentos adquiridos em sala de aula. Lembro-me da apresentação do meu primeiro seminário; foi um terror. Primeiro, pela dificuldade de falar em público; e, segundo, por ver aquele professor me avaliando através daquela apresentação. Passei duas madrugadas acordada, tentando aprender o conteúdo, Mas graças a Deus, tudo ocorreu bem. E, no decorrer do curso , assim como conheci pessoas que me deram força, fazendo-me apaixonar pelo curso e mostrando –me o grande leque de oportunidades que o mesmo poderia estar me oferecendo profissionalmente; também conheci aqueles que tentaram me fazer desistir de tudo, falando da minha incapacidade de estar cursando, ou dizendo que o curso não tinha oportunidades de emprego, que seria mais um diploma guardado na gaveta. Tudo isso me entristeceu, e cheguei a pensar, verdadeiramente, em abandonar o curso e ingressar em outro. Mas com o apoio dos familiares e o exemplo de vida de um professor, que ficou pouco tempo conosco, com o seu compromisso e metodologias, vi que não era assim, que poderia ser diferente. E foi por tudo isso, que além de um grande professor, ele e outros profissionais que passaram pela turma, receberam nosso respeito e admiração incondicional

Uma característica que marcou a nossa turma foi a união; éramos muitos unidos. Em todos os momentos, estávamos nos apoiando, ajudando- nos em, trabalhos, dividindo o lanche, o almoço, o quarto, o computador, e outras

coisas mais. E algo que não poderia deixar de mencionar era que todos os aniversários eram festejados; nunca passou em branco de nenhum colega; mesmo se ele faltasse, íamos até a casa dele levar o bolo; era uma coisa simples, mas era de todo coração.

5 A MEMÓRIA REAVIVA AS PERDAS DO PASSADO.

No decorrer do curso perdemos, duas colegas em um curto espaço de tempo. Primeiro foi a Renata Kelly, uma amiga inesquecível; e, depois de dois meses, perdemos a Nerci Santos, que ao dar à luz o seu esperado filho, veio a falecer no dia seguinte; por um motivo que ainda não tomei conhecimento. Foi um período muito doloroso, pois tínhamos perdido companheiras de trabalho, de classe, colegas, amigas, era difícil entrar na sala e ver seus lugares vazios; na frequência, ouvir seus nomes e saber que não iriam estar mais lá. Foi difícil, mas tivemos que superar essas perdas. Mas sei que, onde elas estiverem, alegrando-se estão, com nossas conquistas alcançadas.

Minha vida acadêmica, possibilitou-me as conquistas de aprendizados que não tinha. Pude aprender como lidar com a realidade educacional do nosso país; contribuir para a melhoria de uma boa educação, através de métodos que professores comprometidos com a educação, utilizaram em suas aulas para nos motivar, instigando-nos a querer adquirir uma boa formação; levando-nos a refletir sobre práticas e teorias da profissão docente, no entendimento de que ambas –prática e teoria estão atreladas.

Enfim, realizei a apresentação de meu TCC (trabalho de conclusão de curso), com o tema: La importância de los Recursos Tecnológicos en la Enseñanza e Aprendizaje de la Lengua Española, em que mostrei a contribuição dos mesmos dentro das salas de aula no ensino do espanhol, na linguística aplicada. Foi um momento de muito nervosismo, mas tudo deu certo, graças a Deus.

6 CRESCER CONSTANTEMENTE, É IR EM BUSCA DO CONHECIMENTO SEMPRE.

Assim que conclui minha graduação, comecei a procurar alternativas para adquirir mais conhecimentos. Foi, então, que comecei a fazer parte do grupo de pesquisa GEPEME, que funciona no Campus da UFPA, em Abaetetuba, E, para minha surpresa, era ,sim, o que eu estava procurando; muitas formações, muitos livros para ler, muitos seminários e oficinas para organizar. Percebi que minhas expectativas estavam sendo respondidas, pois eu não fiquei parada; continuei aprendendo e buscando mais conhecimento, aprendizado; pois é isso que tal grupo de pesquisa realiza; a formação contínua de alunos que desejam se qualificar cada vez mais, sempre lendo, escrevendo e produzindo; tentando ingressar em pós-graduações; continuar em busca de conhecimento, que é infinito.

Posso afirmar que em toda minha vida, tive oportunidades de conhecer, apreender e expor minhas opiniões. Minhas lembranças enriquecem minha vida, meu presente; proporcionando-me refazer, reconstruir e repensar as experiências do passado; possibilitando assim, uma socialização de fatos passados com pessoas no presente, desfrutando momentos que não se perdem, mas que se internalizam.

Sou muito grata a Deus pelo seu amor incondicional e por me oportunizar momentos maravilhosos de conhecer pessoas especiais em minha vida. Algumas já não estão mais, mas as que estão, comungam da grande felicidade que sinto. Amo minha família, presente de Deus, e agradeço a todos em geral que me apoiaram e me apoiam até hoje para o meu crescimento. Meus momentos de hoje e de outrora me deixam saudade. São lembranças que carregarei, levarei comigo em meus pensamentos e no coração. É a memória pairando em meus sonhos; é o de um passado longínquo, mas que interfere, constantemente, na reconstrução de um presente inesgotável de busca e de um futuro vislumbrado de vitórias.

REFERÊNCIA

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade- Lembranças de Velho. São Paulo: Cia das Letras,1995.

THOMPSON, Alistair. "Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a historia oral e as memórias" In: Projeto Historia nº 15.São Paulo: EDUC, 1997.

MEMÓRIA DE ESCOLARIZAÇÃO E IMAGINÁRIO RIBEIRINHO

Rosilda do Socorro Ferreira Vaz¹⁶

1 INFÂNCIA E IMAGINÁRIO RIBEIRINHO

Narrar sobre as experiências pessoais, profissionais e de aprendizagens durante toda nossa vida [...] “sob forma de relatos, memoriais, diários [...] ratificam nossa historicidade e capacidade de (auto) gestar o processo de formação/auto formação o qual desenvolvemos ao longo das nossas práticas pedagógicas” (TEXEIRA, 2010, p. 11).

Nessa viagem constante, buscamos a autodescoberta, na condição de atores-autores do mundo que ajudamos a construir, autênticos protagonistas de uma história valorativa da subjetividade e das dinâmicas impulsionadoras do desenvolvimento sócio educacional (TEXEIRA, 2011, p.11).

Assim, ao buscar na memória sobre a minha origem, não conseguir muitas informações, mas pudera acreditar que ninguém em sua existência consiga lembrar-se de algo, desde o parto em que você nasceu até mais ou menos os dois anos de idade ou mais.

Conseguir apenas algumas informações com meus pais e alguns parentes, que nasci de parto normal, em uma casa doada por uma parenta de meu pai após a minha família ter vindo do interior (zona rural) por falta de condições para se manter e as intensas dificuldades enfrentadas por lá, com quatro quilos e duzentas gramas, pele alva e cabelos negros encaracolados e com três dias de nascido, teria sido levada por uma Boto.

¹⁶ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC/UFPA). Licenciada em Pedagogia pelo Campus Universitário de Abaetetuba (UFPA). Professora da Rede Básica de Ensino (SEMEC- Abaetetuba). Supervisora do PIBID/Diversidade-UFPA. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (GEPeMe/UFPA).

Com muita curiosidade, decidir fazer uma pequena entrevista com a minha progenitora, para saber mais desse período que não conseguir e nunca conseguirei lembrar.

A seguir mostrarei em relatos de minha mãe, um pouco desse imaginário tão importante para a minha vida e para a minha cultura ribeirinha.

Quando me deu dor de ti, eu passei três dias com dor, ai eu cair na besteira de tomar açaí azedo, quase eu morro (risos) eu já estava com sinal de parto, e quando se esta com sinal, não presta [...]. Nós morava na casa da Antônia, que ela deu pra nos morar depois que viemos do sitio (zona rural). Eu teve tu Rosa nessa casa de parto normal, sentir muita dor, mas graças a Deus correu tudo bem [...] Com três dias de dieta, apareceu um choro em ti , ai tu privaste (prisão de ventre) ai eu te peguei e corri com a mamãe, ela fez remédio caseiro, fomentação e nada, ai eu foi no SESPE (centro de saúde) mas lá não tinha nada, ai eu cheguei em casa e comecei a chorar , ai a mamãe foi na mercearia e comprou magnésia e fez um chá de cidreira, misturou e mandou eu te dá, graças a deus tu melhorou e ficaste boa [...].

O teu pai não parava na casa, saia todo dia para pescar lá na frente da cidade, para conseguir algum peixe para a comida [...]. Quando Rosa deu umas 22h30min da noite eu vi alguma coisa arrastando na frente da casa, ai os cachorros pegavam ai aquilo parou, eu deitei contigo na rede, ai aquilo empurrou a porta, e veio, eu fiquei paralisada, ele pegou tirou tu do meu lado tirou toda a sua roupa e carregou contigo, foi Rosa carregou contigo, eu juro, naquele momento minha filha, eu pensei que fosse morrer [...] eu queria falar, gritar, mas estava toda presa, ai eu me lembrei, porque eu não estava dormindo, ai eu comecei a rezar o pai nosso e o creio em Deus pai, ai aquilo foi me soltando e fez o alarme, os vizinhos chegaram ai queriam saber o que tinha acontecido, ai todos começaram a procurar [...] Rosa tu tava no segundo degrau da escada, sem um pingão de roupa, com o inbigo de fora, eu acho que os cachorros pegaram o bicho, ai ele não te levou, e a dona Raimunda irmã da vizinha Cecília, falou ta aqui a tua filha minha irmã [...] minha filha tu tava fria, fria, não quis pegar no peito, a casa encheu de gente [...] o vizinho, marido da vizinha correu no quintal e viu aquele homem tudo de branco, ai ele correu atrás daquilo, quando chegou no trapiche, onde era a marfina (ponte em frente ao rio) aquele homem se jogou na água, minha filha era o BOTO. (Maria do Espirito Santo F. Vaz, mãe da autora).

Ao terminar essa pequena e importante história relatada por minha mãe, fiquei a refletir em todo aquele imaginário e querendo de alguma forma entender como um ser que é lendário poderia está ali em forma de homem, e que pretendia me levar para as profundezas do mar. Seria um sequestrador de criancinhas, ou meu pai querendo pregar um susto em minha mãe, ou apenas uma imaginação de minha mãe.

Todas essas informações de minha mãe me fizeram refletir sobre minha cultura e o meu lugar aqui no meio da Amazônia, onde vivemos entrelaçados por lendas, misticismo, saberes e fazeres de meu povo.

Sou a segunda filha do casal Maria Ferreira e Manoel Pereira, ambos ribeirinhos das margens do rio Amazonas, minha mãe nascida no Rio Quianduba e meu pai no Rio das flores ilhas do município de Abaetetuba no estado do Pará, se conheceram no final das décadas de 1960, casaram-se e foram morar no rio Quianduba.

Se hoje os ribeirinhos enfrentam dificuldades, nesse período estas eram intensas, já que não existia como atualmente, acesso de uma pessoa pobre a transporte, escolas com infraestruturas e o ensino médio, posto de saúde, emprego, moradia, a ida e vinda da zona urbana com facilidade com é hoje, nesse período as embarcações na maioria eram de barco a vela, só os mais abastados tinham barco a motor, entre outros.

Mas o principal era a descontinuidade aos estudos, já que as crianças estudavam até a quarta série e paravam por falta do ensino fundamental maior e o ensino médio que foi sempre preocupação de meus pais, pois como falava meu pai “você não vão ser igual eu, burro, você precisa estudar”.

Minha mãe com um ano de casado teve a minha irmã, após três ficou grávida de novo, como sua gravidez teve complicações, precisou vir das ilhas para a cidade, e dando a luz a uma linda menina eu.

Sem condições de comprar ou até alugar uma casa, uma conhecida de meu pai, doou uma para meus pais morarem, ficava na avenida primeiro de maio próximo ao rio que passa em frente ao município de Abaetetuba, o rio Maratauíra. Foi nesse período que aconteceu o fato que inicio essas narrativas, o caso do boto.

2 MEMÓRIA DE ESCOLARIZAÇÃO

Ingressei na escola Doutor Vicente Maués aos sete anos, direto na 1º série, as dificuldades foram muitas em relação a aprendizagem da leitura e escrita, não conseguia entender, lembro que minha professora Dalila se

esforçava, mas não entendia nada, em casa meu pai tentava me ensinar, mas como estudou apenas até a 2º série também tinha dificuldade nesse processo.

Diante dessas dificuldades, confesso que também não gostava de estudar, para mim a escola não tinha importância, era as mesmas coisas todos os dias, entrava, cantava o hino nacional, após caminhava para a sala de aula, a professora cantava outra canção de bom dia, em seguida passava um ditado de palavras soltas, depois, a escrita dez, vinte vezes das palavras que errávamos.

O que eu gostava mesmo era de ir para o rio Quianduba, onde brincava, de subir em árvores, pira pega, porfia de quem ficava mais tempo embaixo d' água, pescar, nadar enfim varias brincadeiras.

Estudei na Escola Vicente Maués de 1º a 4º série, repetindo a 2º, em seguida foi para a Escola Terezinha de Jesus cursar a 5º série, senti muitas dificuldades nesse período, pois houve uma mudança, com bastante dificuldades no modo de ensinar e aprender, a questão de ser um professor para cada série, os horários de 45 minutos por aulas, tudo isso me deixava perturbada, conclusão fiquei reprovada.

Com muitas dificuldades financeiras em meu lar, fomos trabalhar minha irmã e eu. Minha tia que morava na época em Belém conseguiu um emprego de babá, para mim dormir no emprego, fiquei morando com essa família por um ano, ficaria morando e cuidando da criança por mais tempo, se não fosse por meu patrão, que começou a me assediar.

Devido esse fato voltei para Abaetetuba, já com 15, anos e ainda na 5º série, minha mãe, conseguiu uma vaga na Escola Esmerina Boa-Habib, e foi cursar a 2º etapa do supletivo, ou seja, a 5º e 6º séries, levei a sério meus estudos, e conseguir passar de ano, quando passei para a 4º etapa, 7º e 8º serie, engravidei, deixando meus pais tristes e revoltados.

No dia 23 de maio de 1993, dei a luz ao meu primogênito Wesley Rogerio, meu primeiro amor. Enfrentei muitas dificuldades para cria-lo, mas com ajuda de meus pais e meus irmão conseguir realizar tal feito. Passaram-se os anos, trabalhei como babá, cuidadora de idosos, faxineira, vendedora de pasteis, caranguejos com meu pai na feira, Avon, Hermes entre outros para sustentar meu filho.

Nunca parei de estudar, acreditava que a educação mudaria meu futuro. Em 1992 ingressei no magistério no Colégio Bernardino Pereira de Barros, concluindo em 1995, me tornando professora de 1ª a 4ª série do ensino fundamental.

Como coisa do destino, após três anos formada retornei a minha comunidade ilha Quianduba, para trabalhar como professora na 3ª série do ensino fundamental, foi muito gratificante esse regresso, pois me possibilitava dar o retorno para os sujeitos de meu lugar tão carente em relação a educação.

REFERÊNCIAS

TEXEIRA, Francisca dos Santos. Pesquisa Narrativa: interfaces teóricas metodológicas e formativas. Revista Científica da FSA - Teresina - Ano VII - nº 7 / 2010.

OS CAMINHOS DE UMA PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO

Rosinei da Silva Lima¹⁷

1. INTRODUÇÃO

“A propriedade de conservar certas informações se referem a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou interpretadas como passadas” afirma Le Goff (1994). E é nesta perspectiva, que registrar minhas memórias vem ser um exercício no qual lembrar-esquecer-lembrar faz parte da escrita dos relatos vividos, tecidos a partir das diversas formas de interação que mantive com outros indivíduos, refletindo no que hoje sou e busco para minha vida; passos de uma caminhada que transitam entre alegrias, tristezas, sonhos e desapontamentos.

Neste reencontro, entre o passado e o presente num movimento de compreensão para o futuro, discorro por fatos significativos na minha formação até aqui: o alicerce chamado família que perpassa transversalmente todas as demais etapas, o início da vida estudantil, um caminhar por instituições públicas e privadas; a escolha profissional, a inserção no mercado de trabalho; o curso universitário e a necessidade de estar em contínua formação profissional.

2 O INÍCIO DE TUDO

Sou a primeira filha de cinco filhos de um casal de origem humilde. Ele, marítimo; ela, professora. Nasci em 31 de janeiro de 1977, às 14hs, no antigo Hospital das Irmãs, no município de Abaetetuba. Conta minha mãe,

¹⁷ Licenciada em Pedagogia pelo Campus Universitário de Abaetetuba (UFPA). Professora da Rede Básica de Ensino (SEMEC- Abaetetuba). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (GEPeMe/UFPA).

Rosa Maria, estudante na época, que papai, Francisco de Assis, trabalhava de cobrador numa empresa de ônibus que fazia linha para Belém. Nesse dia, foi escalado para todos os horários de viagens e não pôde chegar a tempo do momento da visita, no hospital, para me ver. Porém, no outro dia, surpreendendo a esposa, foi o primeiro a entrar na enfermaria.

Morávamos na residência de meus avós paternos, Alcides (Zito) e Raimunda. A casa comprida, com vários quartos, uma grande cozinha e, logo atrás, uma ponte extensa, levava a um igarapé, que ia de encontro ao rio Maratauíra. Às margens da ponte, havia uma diversidade de plantas ornamentais e outras medicinais, de onde meus avós tiravam sua renda. Na cozinha alguns ensinamentos sobre natureza e transações comerciais eram repassados, no cuidado com tais plantas, onde vovô, sentado, tecia paneiros, feitos de tala de miriti e folhas de jupati; enquanto vovó, nos afazeres domésticos, traçava um ou outro comentário referente ao assunto discorrido.

Outro espaço colaborativo de aprendizagem na infância e adolescência foi a residência de meus avós maternos Heliodoro e Dulcelina – dona Santinha, para os mais próximos. O quintal grande, cenário de liberdade da imaginação, com suas árvores frutíferas, foi palco de brincadeiras coletivas, competições e traquinagens inventadas a partir das vivências cotidianas, construídas com os meios naturais do local. O brincar, para Machado (2003), é também um grande canal de aprendizado, senão o único canal para verdadeiros processos cognitivos.

3 A VIDA COMO ESTUDANTE

Aos quatro anos ingressei na vida escolar, na antiga Escola Nossa Senhora de Nazaré. A experiência feliz de ir à escola pela primeira vez, acabou em prantos ao me ver só. Com o amadurecimento da aprendizagem, fui percebendo a importância de ter iniciado a escolarização cedo.

Conclui a educação infantil no I.N.S.A., sob o olhar atento da mestra Raimunda. Para Oliveira apud Vygostky (1992) é através da interação com indivíduos mais experientes no seu meio social que a criança constrói os seus meios mentais superiores. A descoberta das primeiras letras oportunizou expandir os horizontes do mundo letrado, região oculta para muitos, ainda. Isso

fez recordar ter sido a única estudante, na época, com o uniforme, cujas letras iniciais da instituição foram pintadas ao contrário (A.S.N.I.). Soube, depois de anos, que era discente da escola vizinha, Basílio de Carvalho, que, por não ter espaço suficiente em seu prédio, solicitou cedência de uma sala para o funcionamento de minha turma.

As primeiras séries do ensino fundamental, cursei na Escola Estadual Gov. Magalhães Barata, nos anos de 1984 a 1988. Frequentei com alegria o espaço, por ser perto da casa de meus avós maternos. Um fato marcou minha vivência nessa época: a reprovação na 3ª série. Lembro-me de muitas coisas, dentre elas, a de não gostar de estudar no horário da tarde. Frequentava o externato pela manhã e, com o tempo, passei a frequentar, também, durante a tarde, sem o consentimento de meus pais, pois lá sentia-me melhor e consegui aprender. Mamãe, ao saber, cuidou de me encaminhar novamente a escola, mas a reprovação já era fato. Apesar de ter sido um ano de contrariedade, o ambiente escolar era uma de minhas brincadeiras de infância com meus irmãos; imitar os deveres repassados no quadro pelos professores da escola era um divertimento.

Ainda criança, vi os materiais de trabalho de mamãe na mesa. Um caderno chamou minha atenção. Continha a escrita dos planos de aula em três cores de caneta, numa caligrafia impecável contornada por figuras adesivas de ramos de flores. Tal deslumbramento ficou guardado por muito tempo em minha memória, isso recordei anos depois, após quando decidi seguir a carreira docente.

No ano seguinte, estudei pela manhã, junto com meu irmão. Eu gostava dos momentos que nossa mãe fazia o reforço da aprendizagem através de ditados e cópias, para melhorar a letra e corrigir os erros de ortografia. Isso não nos livrava de alguns “cascudos”, quando não levávamos a sério esse tempo.

Estudei a 5ª série na Escola Estadual Prof. Basílio de Carvalho, ainda acompanhada do irmão. A professora Amélia foi referência de docente apaixonada pela profissão. O exemplo facilitou o aprendizado e gosto pela disciplina que ministrava. Esse foi meu segundo momento de reflexão sobre o pensar dessa profissão.

Da 6ª a 8ª série, voltei a estudar no I.N.S.A. Nesse período, meu irmão e eu ficamos separados; ele ficava sempre nas turmas A e eu nas turmas B. Período difícil, a princípio, e a timidez da adolescência colaborava. Por esse motivo, passei o primeiro semestre do ano sem colegas (próximo) para conversar ou brincar. Meninos e meninas formavam grupos fechados; a competição era notória em todos os sentidos (social, financeiro, intelectual, físico, afetivo), agravado pela adaptação do método de ensino, ao qual precisava me adequar; para uma estudante de escola pública, tal dificuldade era quase um atestado de fracasso. Percebi direta e indiretamente a discriminação, o preconceito, a indiferença durante esse período. Cheguei a pedir à minha mãe a transferência de escola, mas esta explicou os motivos pelos quais estudávamos lá. Assim, entendi que deveria mudar a forma de ver tal situação. Aos poucos fui encontrando meu espaço na turma e colegas com os quais pude contar.

Em um determinado momento desse período, que culminava também com o momento histórico brasileiro de formação de grupo de liderança e representatividade, tive na escola a oportunidade de votar para um grêmio estudantil. Pensei, ingenuamente, na mudança do cenário escolar e a forma rígida do ensino, pois os alunos teriam uma representação. Mas, logo após o processo de eleição, os ânimos foram silenciados e tudo continuou como de costume.

Alguns anos depois, fui convidada para participar de um grupo de jovens na comunidade de uma paróquia próxima de casa. Convivi com pessoas que, como eu, queriam compreender seu papel no mundo. Nesse espaço, pude dialogar sobre assuntos diversos, como: relações familiares, drogas, vocação, política. No entanto, sabia que ali era apenas um momento para conviver e aprender, e que meus planos de futuro estavam atrelados a outros horizontes.

4 A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

O primeiro ano do curso de magistério foi outro momento reflexivo, do qual tive a certeza pela escolha da profissão, assim como o vislumbamento do emprego com futuro imediato; na época, a realidade mais próxima. Um

período de grande aprendizado e busca por mais conhecimentos. Tinha o sonho de passar no vestibular e, por isso, frequentava as aulas, como ouvinte, no contra turno, nas turmas de CH (Ciências Humanas), na própria escola. Concluí o Magistério no final de 1995 e, em maio de 1996, devido a carência de professores no município e ausência de concurso público, ingressei como professora temporária no quadro funcional do Estado.

Encontrei no primeiro dia de trabalho a primeira professora do jardim de Infância. Esta me saudou e reconheceu a ex-aluna, convidando-me para ser sua ajudante, na turma que lecionava, até findar o semestre. O ingresso no mercado de trabalho reforçou minha vontade de ir para a universidade; percebi a necessidade inenarrável de continuar estudando. Passei no vestibular, em 1997, para o curso de Pedagogia, da UFPA-Campus Universitário de Abaetetuba. Um ambiente diferente, com um mundo complexo de conhecimentos e que exigia algo com o qual ainda tinha muitas dificuldades: a expressão de ideias. Isto de certa forma, foi fruto de uma educação tradicional cartesiana, que está contida estatisticamente na maioria da população brasileira.

Durante esse período, muitos docentes que tiveram papel imprescindível na minha formação. As abordagens promoviam um pensar mais abrangente em minha construção como sujeito social. A essa visão, Freire (1981) exprime que quanto mais se exerce a criticidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve a curiosidade epistemológica.

No final de 1997, passei a trabalhar em uma unidade da SEDUC no município. Na oportunidade, aprendi sobre as atividades administrativas que dão suporte a área da educação. Tive formação em serviço administrativo escolar, assim como, ministrei aulas de disciplinas como complementação de carga horária. No ano seguinte, casei-me e, na sequência nasceu minha primeira filha, Sabrina.

Veiga afirma que “a docência requer formação profissional para seu exercício: conhecimentos específicos para exercê-lo adequadamente ou, no mínimo, a aquisição de habilidades e dos conhecimentos vinculados a atividade docente para melhorar sua qualidade” (VEIGA, 2008, p. 14). Este exercício pude vivenciar a partir do ano 2000 quando ingressei como docente efetiva na esfera municipal. Transitei por quase todas as séries do nível fundamental

menor, pela modalidade de educação de jovens e adultos e secretaria de educação. Particpei de cursos de aperfeiçoamento, como: PCNs em Ação, Oficina de Brinquedos Pedagógicos, Introdução Digital, Escrituração Escolar, entre outros, que promoveram a ampliação de meus conhecimentos, bem como ministrei cursos sobre temáticas, entre elas: Alfabetização, pela UFPa e Escrituração Escolar, pela SEMEC.

Conclui a pedagogia em 2003. Já em 2006, exonerada da rede estadual, ingressei no curso de especialização em Metodologia da Pesquisa Científica, pela UEPA-Belém. O interesse partiu das indagações quanto à origem do conhecimento e a sua contribuição nas relações humanas socialmente construídas - objetivos esses que foram agregando outras informações as quais colaboram para minha compreensão na área.

No ano de 2009 nasce minha segunda filha, Natália. Uma felicidade imensa para toda a família. Mas, com quarenta e um dias de vida, a menor sofreu crises de refluxo. Isso durou longos quinze dias, que oscilavam entre angústias e cuidados por sua saúde; fato que perpassa pela cadeia da memória, deixando seus rastros na trilha profissional.

Após alguns anos desenvolvendo atividades administrativas, decidi que precisava voltar à sala de aula. Assim trabalhei numa escola na periferia da cidade, onde fiquei por dois anos. Em seguida fui convidada a participar da coordenação pedagógica da Escola Municipal Joaquim Mendes Contente, no centro da cidade. A Unidade Escolar estava iniciando a proposta federal de regime escolar de tempo integral, o que veio a ser um novo desafio a trilhar.

Trabalhei na esfera privada como docente e coordenadora pedagógica no ensino fundamental menor. Bem como lecionei no ensino superior. Tais experiências contribuíram para o amadurecimento profissional.

Há um ano e meio ingressei no grupo de pesquisa GPEME/UFPa. com intuito de dialogar sobre as teorias e práticas que circundam o universo do conhecimento. Tal oportunidade está sendo um diferencial em minha atuação enquanto sujeito e profissional da educação. E tenho certeza que o registro de minhas memórias, até aqui, são vias trilhadas com intuito de ser uma pessoa melhor, uma profissional mais qualificada, por vê na educação o caminho para a mudança de vida e da sociedade.

5 REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução Bernardo Leitão, et al. 2ª ED. Campinas: UNICAMP, 1992.

MACHADO, Marina M. o brinquedo-sucata e a criança. Edições Loyola. 2003.

OLIVEIRA, Marta Korl de. Vygotsky e o processo de formação dos conceitos. In LA TAILLE, Yves; OLIVEIRA, Marta Korl de & DANTAS, Heloysa. Piaget, Vygotsky e Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão. 6ª ed. São Paulo. Summus, 1992.

MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR EM FORMAÇÃO

Rosinaldo Monteiro da Silva¹⁸

1 FORMAÇÃO INICIAL E PROFISSIONAL

Chamo-me Rosinaldo Monteiro da Silva e sou filho do casal Francisco de Assis Oliveira da Silva e Rosa Maria Monteiro da Silva. O único homem e o segundo a nascer de cinco filhos que o casal Silva gerou. Minha mãe tem o costume de dizer que o casal Silva teve 5 (cinco) “delicias”, então eu sou a “segunda delícia do casal Silva”. Nasci em Abaetetuba, no Estado do Pará, no dia 14 de março de 1978, às 08 horas e 15 minutos, na Maternidade do Centro Médico deste município.

Iniciei meus estudos infantis à alfabetização, na Escolinha de Nazaré, hoje essa mesma Escola é chamada de Criança Esperança. Depois fiz da 1ª a 4ª série do 1º Grau (Ensino Fundamental) na Escola Governador Magalhães Barata. Em seguida, estudei a 5ª série na Escola Basílio de Carvalho, a 6ª (nessa repetir o ano) e a 7ª série no INSA (Instituto Nossa Senhora dos Anjos), e finalmente fiz a 8ª série, a conclusão o 1º Grau, na Escola São Francisco Xavier. Continuei o Ensino Médio, nesta última escola e nela fiz a 1ª e 2ª série do 2º Grau (Ensino Médio). Para concluir este nível de ensino, fui estudar a 3ª série para Belém (nessa série reprovei novamente), em uma escola chamada Ideal.

Refiz a 3ª Série do Ensino Médio, conclui esta etapa, prestei vestibular e fui aprovado para Licenciatura Plena em Ciências com Habilitação em

¹⁸ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC/UFPA). Licenciado em Química pela Universidade Federal do Pará. Professora da Rede Básica de Ensino (SEMEC- Abaetetuba e SEDUC). Supervisor do PIBID/Diversidade-UFPA. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (GEPeMe/UFPA).

Química, da Universidade Federal do Pará (UFPA), no ano de 2008. Completei minha formação superior em 2002. E, a partir de 2003, trabalho na rede básica de ensino pública (SEDUC e SEMED) no município de Abaetetuba e Moju. Já contribuí com atividades docentes nas seguintes escolas Abaetetubenses: Benvinda de Araújo Pontes, Bernardino Pereira de Barros, Basílio de Carvalho, Pedro Teixeira, Leonardo Negrão de Sousa, Irmã Stela Maria, Escola São Francisco Xavier, Antônio de Oliveira Gordo e Irmã Tia Érica Strasser, sendo estas duas últimas, são no município do Moju.

2 A FORMAÇÃO COM MEUS PAIS

Meus pais tiveram a origem bem humilde. Meu pai estudou até concluir o ensino Fundamental. Sua profissão é de Comerciante Regatão, profissão que aprendeu como seus irmãos mais velhos e exerce com maestria até hoje, seja na venda de produtos com seus fregueses ou na compra com seus fornecedores, seja conduzindo ou pilotando sua embarcação nos rios, furos, igarapés e baías da Amazônia, seja nas histórias que nos conta das suas viagens e andanças pelo mundo. Ele diz que como deve que trabalhar desde criança, o estudo nem sempre foi prioridade na vida. Talvez seja a sua frustração de não poder ter concluído, que o faz ser um dos maiores apoiadores e incentivadores dos estudos dos filhos e da esposa. Três dos cinco filhos e a esposa, já concluíram o ensino superior e duas estão prestes a terminá-lo.

Minha mãe profissionalmente é professora aposentada. Mas herdou da minha avó a arte de cozinhar divinamente bem e de suas irmãs mais velhas, a de costura roupas com cortes, talhos e acabamentos perfeitos. Trabalhou, por muitos anos, como professora do ensino fundamental menor, pois tinha formação em Magistério, antigo Normalista. Obteve formação superior em dois cursos, o de Licenciatura Plena em Filosofia e de Licenciatura Plena em Ciências. Foi aprovada em concurso público para professora em Filosofia, na Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) e nesta área findou suas atividades docentes até se aposentar.

Decidi colocar um pouco sobre as vidas de meus pais neste memorial, porque eles são de grande inspiração e exemplo para a minha formação pessoal

e profissional. Muitos de seus ensinamentos e de suas atitudes estão enraizados na minha constituição de homem, marido, pai e profissional da educação que me tornei.

Puxando pela memória, lembro-me certa vez papai chamar todos os filhos na sala, para nos explicar detalhadamente, como se devia usar o tubo de creme dental. Ele dizia assim: “Prestem bem atenção, meus filhos! Quando vocês forem tirar creme dental do tubo para colocarem na escova, sempre apertem o tubo do seu final em direção à boca, assim evitam desperdiçar!”. É claro que hoje, refletindo sobre essa passagem, esse fato, percebo que a sua preocupação não era somente a de evitar o desperdício, mais também, o mais importante de tudo, que seus filhos o ouvisse, aprendesse, observasse, respeitasse, pois o mesmo estava a falar e a ensinar. Papai, nas suas explicações e ensinamentos, tem o hábito de detalhar e repetir, passo a passo, o que quer que outras pessoas façam. Dessa maneira, ele foi não só o primeiro professor para a minha formação docente, mas um professor também da e para a vida.

Nos estudos sobre memória deparei-me com o francês Pierre Nora, o qual afirma que essas lembranças são fundamentais para conduzir às reflexões, o que traz desdobramentos teóricos e metodológicos importantes. Assim:

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discursos críticos. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica [...] (NORA, 1993: 9).

A memória é a base constituidora da oralidade. Portanto, como discorreu Nora, ela, apesar de sempre atual, não apresenta precisão, pois está constantemente ajustada às crenças e imaginários dos indivíduos.

Já Bosi (1995) nos diz que, a rememoração não é, em geral, espontânea e livre, mas um processo que envolve esforços e dedicação. A autora firma que “na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer,

reconstruir, repensar, com imagens de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. (Bosi, 1995:55).

Esses autores corroboram de maneira salutar para os estudos sobre a memória. Sendo assim, relembrar fatos vividos e ocorridos durante nossas vidas é sem dúvida nenhuma estimulante, pois muitas marcas deixaram para trás e outras, a trazemos conosco. Durante nosso percurso de vida acumulamos saberes com os quais definimos nossa postura de vida e, conseqüentemente, nossa maneira de lidar com o outro.

Minha amada e querida mãe, sempre foi uma mulher que trabalhou muito. No início de sua carreira de professora lecionava nos turnos de intermediários e à tarde. Para findar sua carreira docente, teve que estender sua labuta aos três turnos de trabalhos (manhã, tarde e noite, pois o intermediário foi extinto) e a sua disciplina havia carência de professores da disciplina Filosofia, para assumir as turmas.

Em casa, quando não estava na cozinha preparando deliciosos almoços ou jantares, costurava mais por *hobby* do que para tirar lucro ou se exibir. Ela sempre diz que prefere costurar para os outros a ela mesma.

Em relação aos filhos, referia-se a nós, falando sempre assim: “Os fiz com amor, então irei cria-los com amor”. Por isso, e nem é a toa que nos chama de “delícia”.

Dona Rosa, minha mãe, é o meu porto seguro, a amiga confidente para os sonhos, desejos, animações desvairadas. Mas também é a senhora do “puxão de orelha”, da crítica ora construtiva ora ácida. Mas tudo carregada, encharcada com excesso de amor. Afinal, amar nunca é demais.

Esse amor para com o outro, pude observar nas palavras de Larrosa (2001), pois o saber da experiência não é o da informação, da técnica, do trabalho e da ciência; ele se dá na relação entre conhecimento e vida humana, como

[...] aprendizagem no e pelo padecer, no e por aquilo que nos acontece [...] o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao largo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência, não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido e do sem-sentido do que nos acontece (Larrosa, 2001, p.9).

Se a educação é entendida como uma experiência de sentido, o saber educacional também se vincula, segundo o autor, ao exercício de atribuição do sentido e compartilha outras características com o saber da experiência em geral: é finito, estreitamente articulado à existência de um indivíduo ou uma comunidade em particular - “Por isso o saber da experiência é uma saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal” (Larrosa, 2001, p.9).

3 A FORMAÇÃO DO DOCENTE

Dos (as) inúmeros (as) professores (as) que tive durante a vida de discente, duas merecem ser lembradas e registradas nesse documento. A primeira foi a professora de reforço escolar, antigamente se chamava de Externato, seu nome é Aldenora. A outra se chamava Miguelina Bittencourt e foi minha professora de Matemática na 8ª série. Enquanto a primeira era uma mulher morena robusta, de voz forte e marcante, a segunda era uma professora de baixo porte, branca, voz mansa e de uma serenidade que encantava a todos.

Apesar das indiferenças, ambas nas suas aulas conseguiam transmitir, irradiar uma grande confiança nos seus ensinamentos, através de uma imensa paciência e de uma meiguice interminável. Com tudo, não havia como não aprender e compreender os assuntos estudados. A professora de Matemática tinha a capacidade inigualável de fazer com que olhássemos os assuntos por outro ângulo, ângulo esse que os professores anteriores não conseguiram fazer perceber. Diante desse outro ângulo, posso dizer “novo olhar”, comecei uma relação mais íntima com números, expressões, contas, a Ciências Exatas em si.

Segundo Jean Piaget, o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: o cognitivo e o afetivo, ou seja, paralelo ao desenvolvimento cognitivo está o desenvolvimento afetivo. Segundo Piaget (1975) “[...] os aspectos cognitivos e afetivos são inseparáveis e irreduzíveis[...]

Na perspectiva de Vygotsky (1998, p. 42):

A afetividade é um elemento cultural que faz com que tenha peculiaridades de acordo com cada cultura. Elemento

importante em todas as etapas da vida da pessoa, a afetividade tem relevância fundamental no processo ensino aprendizagem no que diz respeito à motivação, avaliação e relação-professor e aluno.

Sendo assim, Piaget e Vygotsky definem e firmam que a aprendizagem se dá paralela aos aspectos afetivos, de maneira que a afetividade será determinante para a construção da aprendizagem, e os pais, professores e a escola devem entender que possuem um papel importante nesse processo, que é colaborar para a formação de um ser humano, e isso somente acontecerá pela obra do amor, do afeto, que se torna a chave para educação. E para finalizar este texto, deixo as palavras do filósofo alemão NIETZSCHE (2003, p. 32), o qual diz:

que o mestre deve ser ao mesmo tempo “asas” e “freio” para os seus discípulos, quer dizer, ele deve dar as condições para que eles se elevem, mas também deve conter os seus ímpetos e êxtases da imaturidade. Por outro lado, num plano mais elevado, que extrapola certamente as dimensões dos estabelecimentos formais de ensino, o educador deve ser ainda “médico” e “salvador”, quer dizer, ele deve curar as “doenças da alma” decorrentes de “uma disposição deficiente do corpo” e permitir o acesso à sabedoria.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 488 p.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE CAMPINAS: a escola como centro do processo pedagógico, 1., 2001, Campinas. Disponível em: <www.campinas.sp.gov.br/smenet/seminario/seminario_pronto_jorgelarrosa.htm>. Acesso em: 7 set. 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Escritos sobre educação. Rio de Janeiro, ed. PUC-Rio de janeiro; São Paulo: Loyola, 2003.

II PARTE

EXPERIÊNCIAS E SABERES DA FORMAÇÃO DOCENTE

JOVENS DO CAMPO: PERCURSO UNIVESITÁRIO DE ALUNOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

Ana Carla Vieira Pimentel¹⁹
Carlos Vieira Pimentel²⁰
Valdinei Gomes e Gomes²¹

1 INTRODUÇÃO

A escolha deste tema justifica-se pela importância de fazer uma análise a respeito das relações existentes entre juventude e Universidade, levando em consideração os conhecimentos que esses jovens vêm adquirindo no decorrer de sua vida, e que não são sistematizados como conhecimentos, restringindo o ensino de matemática de maneira extremamente mecânica, fora da realidade vivida por esses jovens.

Dessa forma, este estudo busca inicialmente fazer essa análise dos jovens do campo a partir do curso universitário: conseguiram se realizar com o curso? Era o que esperavam da Universidade? Em que o curso de graduação tem possibilitado a melhoria da qualidade de vida desses alunos? Passaram a perceber o campo como lugar de possibilidades, lugar de trabalho? Conseguem se vê atuando no campo após o término do curso? Sentiram sua cultura, seus saberes valorizados durante o decorrer do curso? Se pensam em permanecer no campo e desenvolver o seu meio e/ou mudar-se para a cidade em busca de trabalho urbano? Suas perspectivas a partir do curso universitário?

¹⁹ Licenciada do Curso de Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Professora do Projeto Neputira/SEMEC Mojú. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (GEPeMe/UFPA).

²⁰ Licenciado do Curso de Licenciatura em Educação do Campo/Habilitação em Matemática pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (GEPeMe/UFPA).

²¹ Aluno do curso de graduação em Engenharia Civil da Universidade Federal do Pará.

2 JOVENS DA TURMA DE MATEMÁTICA 2009 COMO OBJETO DE PESQUISA.

No ano de 2009, Foram ofertadas 40 vagas para o curso e preenchidas para a turma de Matemática 2009 da Universidade Federal do Pará/Campus Universitário de Abaetetuba – Baixo Tocantins da Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia/FACET. Na composição da turma se agregaram alunos de várias regiões do Estado do Pará; e principalmente os das localidades mais próximas ao referido Campus, tai como: Igarapé-Miri, Barcarena, Limoeiro do Ajuru, Mocajuba. Observa-se que muitos dos estudantes da referida turma são oriundos da cidade ou do campo, ilhas e colônias, são jovens, futuros professores que tiveram que sair de suas comunidades rurais para ingressarem no ensino superior, com seus saberes, suas experiências, em contato com uma realidade diferente das vividas anteriormente. Assim, Pimenta;

Propõe uma formação profissional baseada numa epistemologia da prática, ou seja, na valorização da prática profissional como momento de construção de conhecimento, através da reflexão, análise e problematização desta, e o reconhecimento de conhecimento tácito, presente nas soluções que os profissionais encontram em ato. Esse conhecimento na ação é o conhecimento tácito, implícito, interiorizado, que está na ação e que, portanto, não a precede. É mobilizado pelos profissionais no seu dia-a-dia, configurando um hábito. No entanto esse conhecimento não é suficiente. Frente a novas situações que extrapolam a rotina, os profissionais criam, constroem novas soluções, novos caminhos, o que se dá por um processo de reflexão na ação (2002, p. 18).

Para entender os jovens dentro da universidade, aqui os jovens pesquisados do Curso em Licenciatura em Matemática, para compreendê-los enquanto estudantes universitários com seus desafios, dificuldades e possibilidades.

A Universidade tem papel de destaque na vida dos jovens do campo da turma de Matemática 2009, para sua formação humana e profissional. Assim, veem a universidade como possibilidade e esta representando a oportunidade de ascensão e mobilidade social e melhores condições de vida. Assim, quando perguntados em que o curso de graduação tem possibilitado a melhoria da qualidade na sua vida, respondem:

Possibilita-me ascensão social o que seria praticamente improvável se não fosse o curso universitário, também novas possibilidades de crescimento intelectual e profissional (Aluno 01).

O curso me mostrou possibilidades de estabilidade profissional, assim melhorando a qualidade de minha vida (Aluno 04).

O curso Universitário possibilita melhoria na qualidade de vida, e a oportunidade de estabilidade profissional a partir do curso universitário (Aluno 05).

Há ainda os que veem a partir do curso universitário a possibilidade de continuar na vida acadêmica, assim como;

Hoje o curso de Matemática tem possibilidade aumentar o meu aprendizado, mas no futuro me possibilitará cursar um mestrado e exercer a profissão que almejo (Aluno 06)

Assim, os jovens veem de fato a Universidade como sua única possibilidade de melhoria de vida, sinônimo de mudança de ascensão social. Sendo que, para muitos, os jovens que vivem no campo são vistos somente como de mão de obra barata, desqualificada, a mercê dos grandes e médios latifundiários, trabalhando como peões, e essas juventudes precisam forma-se para começar a ocupar espaços. O campo precisa ser visto como lugar de possibilidade, lugar de vida, e oportunidade. Assim, Arroyo afirma que:

Podemos encontrar um dilema que estará presente nas lutas pela educação dos trabalhadores nos últimos séculos: de um lado, defender como bom que todos saibam ler, escrever e contar [...] democratizar a instrução elementar; de outro lado, não permitir que os trabalhadores sejam esclarecidos, mas controlar sua formação para mantê-los ignorantes para serem guiados pela burguesia esclarecida (1995, p. 75).

Ao que se refere aos conteúdos trabalhados em sala de aula, são dados de maneira descontextualizada, o qual não trabalha o conhecimento dos alunos vindos do campo, não relaciona o conhecimento científico matemático com sua realidade, as questões cotidianas. Sendo que do ponto de vista educacional, “procura entender os processos de pensamento, os modos de explicar, de entender e de atuar na realidade, dentro do contexto cultural do próprio indivíduo” (D’Ambrósio, 1996, p. 31).

Assim, os jovens afirmam quando questionados em relação a cultura foi unânime a resposta, na qual não se sentem valorizados em sala de aula, pois sua cultura e seus saberes não são valorizados e nem levado em consideração. É o que podemos observar nas falas abaixo:

Durante o curso universitário meus saberes não foram reconhecidos, nem valorizados. Os ensinamentos estão muito empobrecidos enquanto se trata de levar em consideração a realidade e experiências de seus alunos (Aluno 01).

Valorização cultural dos alunos é uma bandeira que a UFPA precisa levantar, não me sentir valorizado de tal forma (Aluno 04).

Não, pois os assuntos abordados em sala de aula nunca foram dados de maneira a associar com a cultura do campo (Aluno 05).

Há um ciclo entre realidade e indivíduos, a qual precisa ser relacionada com a cultura dos alunos e a matemática para que fato os alunos compreendam a importância da Matemática no cotidiano, pois precisa dar significado para ensino e estudo da matemática. Para que ele próprio possa relacionar a sua realidade, sua vivência cotidiana, sua cultura com a licenciatura em matemática, uma vez que os alunos pesquisados não se sentem valorizados, também que não há contextualização, sendo que as experiências sociais desses jovens são carregadas de experiências e que poderiam ser exploradas no decorrer do curso de licenciatura em matemática.

O ciclo realidade-indivíduo-ação-realidade é profundamente afetado pela modificação de sua lógica interna, que resulta da adoção de novas formas de linguagem e codificação, tal como codificação matemática, por exemplo. As técnicas matemáticas mais avançadas que ele adquiriu sua busca de motivação e interesse que brotam da formalização que está sujeita ao processo de tornar-se matematicamente instruído – no sentido de adquirir conhecimento e técnicas da ciência matemática estabelecida – e ao desenvolvimento de uma terminologia especial e uma forma estruturada de pensar, tornam-se crescentemente alienadas de sua realidade, significando esta o meio ambiente ou realidade física e natural e também, o que é ainda mais importante, a realidade social e cultural. (D'AMBROSIO, 1986, p. 59-60).

Assim, a cultura dos jovens do campo precisa ser valorizada. Freire afirma que:

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. (...) A solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos a restosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância. A aprendizagem da assunção do sujeito é incompatível com o treinamento pragmático ou com o elitismo autoritário dos que se pensam donos da verdade e do saber articulado. (1996, p. 42).

Ainda, Arroyo enfatiza a importância de trazer para o processo de ensino aprendizagem as experiências sociais ao afirmar que:

[...] trazer as vivências de educandos e educadores, e suas experiências sociais como objeto de pesquisa, de atenção, de análise e de indagação. Os conceitos abstratos aparecem distantes das vivências concretas, se tornam estranho, sem motivação. Logo criar estratégias para trazer aos processos de aprendizagem as vivências pessoais e as experiências sociais tão instigantes na dinâmica política, cultural, que interrogam seu pensar e seu viver. (2011, p. 115).

A matemática está inserida na realidade e no cotidiano, na interação, com as trocas cotidianas entre as comunidades tradicionais, com os vendedores, com as periferias, com os povos do campo, precisamos ter o mínimo de conhecimento matemático, pois está tão presente no cotidiano. Assim, a aprendizagem

[...] em Matemática está ligada à compreensão, isto é, à apreensão do significado; apreender o significado de um objeto ou acontecimento pressupõe vê-lo em suas relações com outros objetos e acontecimentos. Assim, o tratamento dos conteúdos em compartimentos estanques e numa rígida sucessão linear deve dar lugar a uma abordagem em que as conexões sejam favorecidas e destacadas. O significado da Matemática para o aluno resulta das conexões que ele estabelece entre ela e as demais disciplinas, entre ela e seu cotidiano e das conexões que ele estabelece entre os diferentes temas matemáticos (PCN's de Matemática, 2001 p. 19-20).

A educação formal das instituições de ensino não pode ser concretizada desprezando a realidade vivenciada por seus alunos. É preciso reconhecer e compreender as experiências dos sujeitos do campo, como válidas e de relevante importância para a sociedade ofertando ensino de qualidade para os mesmos valorizando sua cultura, seus saberes e valores, que são desvalorizados e para que possam construir sua identidade de camponês. A universidade precisa compreender e levar em consideração as particularidades e carências da juventude do campo que ingressa no ensino superior, reconhecendo e valorizando, suas manifestações socioculturais, pois estes têm uma riqueza de saberes, de culturas e que precisam ser sistematizadas enquanto a importância dos sujeitos que dela fazem parte. Entretanto, Gomez afirma que:

A escola impõe, lentamente, mas de maneira tenaz, certos modos de conduta, pensamento e relações próprios de uma instituição que se reproduz a si mesma, independentemente das mudanças radicais que ocorrem em seu redor. Os docentes e estudantes, mesmo vivendo as contradições e os desajustes evidentes das práticas escolares dominantes, acabam reproduzindo as rotinas que geram a cultura da escola, com o objetivo de conseguir a aceitação institucional. Por outro lado, as forças sociais não pressionam, nem promovem a mudança educativa da instituição escolar porque são outros os propósitos as preocupações prioritárias na vida econômica da sociedade neoliberal (2001, p. 12).

A educação precisa ser multicultural e inclusiva, precisamos conhecer outras culturas, para compreendermos a sociedade, mas sempre resignificando e valorizando a cultura camponesa, que também é importante para a compreensão do mundo em que vivemos relacionando a mesma com o saber científico.

O saber desempenha importante papel nas relações entre os homens e os grupos e se encontra vinculado às classes sociais que o produz ou que dele se apropriam por considera-lo importante, valorosos ou necessário. A apropriação da cultura em geral, ou de alguma forma de conhecimento particular se faz pela produção material, pela organização social e também pela reprodução dos quadros da sociedade. No enfoque da educação brasileira, através de momentos históricos e por meio de mediação sócio-econômica pode-se notar a realização dessas alternativas e por que meios elas se fizeram presentes no fato específico do ensino superior. (Fundação Carlos Chagas, 1989).

Segundo, os alunos entrevistados; os professores não procuravam saber de sua história de vida, e ainda quando questionados sobre as aulas serem realizadas a partir de uma perspectiva dialógica, apenas um dos alunos afirmou que na sua opinião acredita que seja. Assim, para que haja a construção do conhecimento o professor precisa criar possibilidades, para isso precisa ser um professor dialógico. Assim, “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou sua construção” (FREIRE, 1996, p. 22).

Ao serem indagados se durante o curso passaram a perceber o campo como lugar de possibilidades, lugar de trabalho e se conseguiam se vê atuando no campo após o término do curso eles responderam que:

Sim, o campo é um lugar de possibilidades, visto que ele precisa de vários profissionais que vão desde professores a médicos,

engenheiros. Voltar para atuar no campo para que outros possam perceber o campo como lugar dinâmico, de possibilidades (Aluno 01).

Sim. Certamente, porque a há carência de profissionais em determinados locais (Aluno 02).

Sempre tive como objetivo trabalhar no meu lugar de origem e me vejo atuando no mesmo (Aluno 04).

Sim, antes mesmo do curso já olhava o campo como lugar de possibilidades, de trabalho. E penso sim em trabalhar no campo (Aluno 05).

Hoje muito tem-se falado no campo, políticas estão sendo desenvolvidos visando criar oportunidades para os moradores do campo, assim como sua permanência nele, mas hoje não me vejo inserido no campo, na minha localidade (Aluno 06).

Como se pode observar, nas falas dos alunos que cada um vê o campo da maneira peculiar, a partir das suas experiências pessoais e convicções, cada um com seu projeto de vida futuro, mas ainda o campo não lhes dá possibilidade de trabalho na área de atuação, fazendo com que esses jovens fiquem a mercê do mercado. Assim, a universidade passa a ser a passar a ser formadora de mão-de-obra de mercado para as grandes fábricas e grandes polos industriais. Assim, Chauí nos remete que:

A passagem da universidade da condição de instituição à de organização, insere-se nessa mudança geral da sociedade, sob os efeitos da nova forma do capital, e ocorreu em duas fases sucessivas, também acompanhando as sucessivas mudanças do capital. Numa primeira fase, tornou-se universidade funcional; na segunda, universidade operacional. A universidade funcional estava voltada para a formação rápida de profissionais requisitados como mão-de-obra altamente qualificada para o mercado de trabalho (1999, p. 3).

Para Vaidergorn a concepção de educação superior está baseada na formação de profissionais para o mercado de trabalho como mão de obra para o desenvolvimento dos meios de produção capitalista e não para o desenvolvimento intelectual e social dos sujeitos sociais, afirmando que:

A educação superior, distintamente da básica (fornecedora da mão-de-obra treinável), é estratégica, dentro dessa concepção de modernidade globalizada. Um dos fundamentos da inserção no mundo competitivo atual é o domínio e a produção do conhecimento, que passam a ser um bem identificando-se aí um

dos papéis a que se destinam as universidades. Considerando extensão da educação universitária como um indicador de competitividade, a importância que toma para os governos pode ser um índice de comparação entre países desenvolvidos, "emergentes" e em desenvolvimento, e pode mostrar também um dos motivos porque a modernidade está mais próxima de alguns e mais distante de outros países (2001, p. 85).

Para Chauí:

A "qualidade" é definida como competência e excelência, cujo critério é o "atendimento às necessidades de modernização da economia e desenvolvimento social"; e é medida pela produtividade, orientada por três critérios: quanto uma universidade produz, em quanto tempo produz e qual o custo do que produz. Em outras palavras, os critérios da produtividade são quantidade, tempo e custo, que definirão os contratos de gestão. Observa-se que a pergunta pela produtividade não indaga: o que se produz, como se produz, para que ou para quem se produz, mas opera uma inversão tipicamente ideológica da qualidade em quantidade (1999, p. 1).

A Universidade adapta-se para atender as necessidades de mercado, produtores de mão-de-obra para o grande capital, assim perdendo seu caráter de instituição social e passar a ter um olhar para o mercado de trabalho, centrada na formação profissional na qual Chauí afirma que:

Adaptando-se às exigências do mercado, a universidade alterou seus currículos, programas e atividades para garantir a inserção profissional dos estudantes no mercado de trabalho, separando cada vez mais docência e pesquisa. Enquanto a universidade clássica estava voltada para o conhecimento e a universidade funcional estava voltada diretamente para o mercado de trabalho, a nova universidade operacional, por ser uma organização, está voltada para si mesma enquanto estrutura de gestão e de arbitragem de contratos (1999, p. 3).

Em relação à questão de possuírem condições de contribuir para o desenvolvimento de sua comunidade, os alunos têm várias compreensões acerca desse aspecto, alguns têm certeza que pretendem voltar para o campo e trabalhar no mesmo, outros pretendem somente contribuir com a sua comunidade, mas não pretendem permanecer na mesma; é o que se pode constatar nas falas abaixo:

Encontro-me em construção de conhecimento para contribuir com minha comunidade, para contribuir com o campo (Aluno 01).

Com certeza, com planos, projetos e orientações nas escolas e centros universitários, etc (Aluno 02).

Sim, considero-me que posso ajudar minha comunidade. (Aluno 04)

Sim, pois sei que minha comunidade precisa de professores que entendam a realidade local (Aluno 05).

Espero que em um momento de oportunidade em um momento que precise possa fazer algo que possa ajudar a minha comunidade (Aluno 06).

O campo ainda não dá a esses jovens a oportunidade de escolha, muitos mesmo querendo ficar, terão que procurar trabalho nas cidades, visto que há poucas oportunidades de emprego, principalmente no que se refere à profissão docente, pois as escolas geralmente oferecem ensino até o ensino fundamental com poucas vagas para a docência.

Durante o decorrer do curso, bem como outros alunos os jovens do campo também tiveram diversas dificuldades de permanência no ensino superior. Mas, com muito esforço conseguiram concluir o curso, bem como falando um pouco o que esperavam da Universidade. Assim, os jovens alunos da turma descrevem que:

Através de muito esforço, devido a várias dificuldades durante o percurso universitário, falta de transporte escolar já que vinha da estrada, falta de moradia na cidade, entre outros. Primeiramente foi o que eu esperava, mais depois de um tempo percebi que eu não estava somente em busca de um diploma universitário, mas em busca de novas possibilidades, de novos conhecimentos, de ter uma visão mais crítica do mundo, me tornando um ser sociopolítico capaz de intervir na realidade da sociedade e o curso universitário me proporcionou o mínimo em reação a construção de um ser sociopolítico (Aluno 01).

O curso foi realizado dentro das expectativas, com muita persistência e dedicação, fazendo com que as dificuldades fossem superadas gradativamente, o que contribuiu para uma boa formação de caráter profissional e pessoal (Aluno 02).

O curso foi realizado com muito esforço e empenho. No entanto, esperava um pouco mais da universidade, posso citar a falta de disposição de ensinar de alguns professores e a mentalidade hierárquica deles, por exemplo (Aluno 04).

Com muito esforço, dificuldades de transporte, ter que morar longe da família, entre outros consegui ingressar na Universidade e permanecer, minhas expectativas era de me formar em um curso universitário e isso foi possível (Aluno 05).

Conseguir entrar na universidade cursar o curso de Matemática exigiu de mim persistência, pois durante o curso encontrei dificuldades. A respeito da Universidade ele excedeu minhas expectativas em alguns aspectos, mas deixou a desejar em outros (Aluno 06).

Em relação ao que esperavam do curso em Licenciatura em Matemática, os jovens responderam que:

Pensava que o curso formaria profissionais mais humanos, professores mais humanos, mas o curso ainda forma muitos reprodutores de conteúdo. Alcancei minhas expectativas enquanto ter um diploma universitário, mas não expectativas de conhecimento da realidade, conhecimento crítico do mundo (Aluno 01).

Inicialmente, pensava que o curso estivesse voltado à educação do ensino fundamental e médio. Porém pude perceber que não apenas na formação desses professores como também para a continuação nas atividades acadêmicas, como a pós-graduação etc., com perspectivas alcançadas, o êxito tornou-se imprescindível (Aluno 02).

Esperava um curso difícil como todo curso da UFPA, mas também esperava um curso onde pudesse desenvolver minhas habilidades e pudesse enriquecer meus conhecimentos (Aluno 04).

De início sim, mas penso que é possível que os professores compreendam a realidade vivida por nós, é que pode ser também trabalhado o cotidiano com as disciplinas do curso (Aluno 05).

Espera que o curso de Matemática me possibilitasse aprender sobre os conhecimentos matemáticos, assim como me prepara para a sala de aula (Aluno 06).

Na fala do Aluno 01, tem-se que o curso ainda forma de maneira mecânica seus alunos, apenas reproduzindo conhecimentos, superando as expectativas apenas para conseguir o diploma de nível superior, já o Aluno 02 afirma que conseguiu êxito durante o curso, que alcançou as expectativas. No entanto os alunos veem o curso de maneira diferente uma vez que como sujeitos sociais têm experiências diferentes.

Ainda, na fala dos Alunos 02 e 06 esperavam um curso que pudessem seguir a profissão docente para atuarem na educação e conseguiram a partir do curso superior. Assim os cursos superiores segundo o parecer emitido pelos conselheiros do Conselho Nacional de Educação – CP Nº 115/99 – define os Institutos Superiores de Educação como;

[...] centros formadores, disseminadores, sistematizadores e produtores do conhecimento referente ao processo de ensino e de aprendizagem e à educação escolar como um todo, destinados a promover a formação geral do futuro professor da educação básica.

E quando perguntados se pensam permanecer no campo e desenvolver atividades voltadas para o desenvolvimento da sua comunidade ou pretende mudar-se para cidade em busca de trabalho urbano, alguns ainda pensam em continuar na vida acadêmica e somente depois voltar para o campo;

Primeiramente após a graduação penso em continuar em minha vida acadêmica, cada vez me especializando para poder ajudar no desenvolvimento de minha comunidade, para melhorias no meio rural (Aluno 01).

Pretendo fazer uma pós-graduação (Aluno 02).

Outros se tivessem a possibilidade de escolher voltaria para o campo, mas que o campo ainda não consegue oportunizar esses jovens e outros;

Se poder escolher entre o meio rural e o urbano, prefiro ficar com a tranquilidade do meio rural e desenvolver atividades voltadas para o mesmo. No entanto, é evidente que precisamos do meio urbano para nos preparar-nos, capacitar-nos para melhor servir a nossa comunidade (Aluno 04).

No momento pretendo buscar um emprego seja no campo ou na cidade, mas gostaria de continuar na minha comunidade e trabalhar na localidade (Aluno 06).

E quando questionados que mesmo não permanecendo no campo, pretendem desenvolver atividades para o meio rural,

Sim, pois precisamos intervir e fazer com que os povos do campo tenham seu devido reconhecimento (Aluno 01).

A medida que for possível, pretendo contribuir com minha comunidade (Aluno 02).

Tenho como meta sempre trabalhar voltado para minha comunidade, mesmo longe dela (Aluno 04).

Sim, pois compreendo que o campo precisa de pessoas que desenvolvam atividades específicas para o campo (Aluno 05).

Em relação às expectativas ao retorno à sua comunidade depois de formada;

Retornar ao campo com e desenvolver o meio rural, buscar políticas públicas condizentes a realidade do meio rural (Aluno 01).

Contribuir de forma que comunidade venha ter desenvolvimento na área da educação (Aluno 02).

Pretendo voltar empregado e tenho expectativas de somar de maneira positiva para minha comunidade (Aluno 04).

As melhores possíveis, tendo em vista sempre contribuir para seu desenvolvimento (Aluno 05).

Neste ano de conclusão ainda não pretendo voltar para a comunidade, mas espero que quando isso aconteça seja da melhor forma (Aluno 06).

E quando perguntados sobre o papel da Universidade na sua formação, responderam;

O papel de me da uma profissão, com a qual vejo novas possibilidades de crescimento pessoal e profissional (Aluno 01).

A universidade ajudou no crescimento racional do meu conhecimento (Aluno 02).

O papel de da Universidade na minha formação é a de preparação para minha vida de docência que sempre desejei e busquei (Aluno 04).

Me possibilitou novos conhecimentos, uma profissão que me levará a exercer a profissão docente (Aluno 05).

O papel da universidade é formar o cidadão, me propiciar uma boa educação para que eu possa ajudar o local onde atuarei, assim como me inseri no mercado de trabalho (Aluno 06).

Quais as expectativas desses jovens após sua formação universitária?

Começar uma pós-graduação, de tornar-me professora universitária e melhorar a vida do homem do campo (Aluno 01).

Ingressar em um curso de pós-graduação (Aluno 02).

Pretendo me estabelecer em um emprego fixo e posteriormente fazer uma pós-graduação a assim por diante (Aluno 04).

Consegui um emprego na área que estudei e posteriormente fazer uma pós-graduação ou até mesmo uma nova graduação em outra área do conhecimento (Aluno 05).

Espero cursar o mestrado e consegui um emprego (Aluno 06).

E as relações entre a universidade, seu curso e o seu projeto de vida futuro;

A Universidade me proporcionou conhecimento através do curso universitário e do projeto do qual fiz parte, esse me dando um aporte teórico e prático do que é a licenciatura, e a possibilidade de continuidade na vida acadêmica para ser um profissional humano, capaz de intervir na realidade dos alunos (Aluno 01).

A relação dessas três vertentes implicam na boa formação, não só intelectual, mas principalmente, na formação pessoal do meu caráter (Aluno 02).

São peças de um quebra-cabeça, que se chama “vida que almejei”. Assim, a Universidade me proporciona um curso que vai me levar a um projeto de vida futura, se uma peça faltar o quebra-cabeça não se forma (Aluno 04).

Hoje a minha Universidade e meu curso são um caminho que tenho que percorrer para que eu possa estar em um mestrado e consiga exercer a minha profissão (Aluno 05).

De possibilidade de novos conhecimentos, de poder continuar estudando, tendo como meta uma vida melhor (Aluno 06).

O curso de Matemática faz com que compreendemos vários problemas que enfrentamos e convivemos diariamente, precisamos desse conhecimento para viver na sociedade, compreendendo as diversas situações que temos que utilizar os conhecimentos matemáticos, assim;

A matemática é componente importante na construção da cidadania, na medida em que a sociedade se utiliza, cada vez mais, de conhecimentos científicos e recursos tecnológicos, dos quais cidadãos devem se apropriar. A matemática precisa estar ao alcance de todos e a democratização de seu ensino deve ser meta prioritária do trabalho docente (PCNs Matemática, 2001, p.19).

Assim o curso de Licenciatura em Matemática para nós jovens do campo foi de fundamental importância na construção de novas possibilidades, da construção de novos conhecimentos; que nos levam a uma perspectiva de continuidade de uma vida acadêmica, como fazer pós-graduação, a ter uma profissão e exercê-la dignamente. Assim, como formação intelectual, capaz de intervir na realidade do homem e da mulher do campo, da cidade, das periferias, como nos revela nas falas dos jovens da turma de Matemática 2009.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para este caso, os jovens do campo da turma de Matemática 2009 veem na educação superior como a mais importante e melhor possibilidade para seu desenvolvimento e crescimento pessoal e profissional, tendo papel importante na sociedade, a fim de ingressar em um curso superior para melhorar sua condição de vida, a exercer seus direitos negados aos povos menos favorecidos, aos povos do campo, das favelas etc. Nesse sentido, Soares afirmar que “toda uma política de expansão do ensino superior se faz necessária para atender as necessidades do desenvolvimento científico, tecnológico do país, principalmente em face da conjuntura moderna” (2003, p. 94).

Hoje mais do que nunca o campo precisa de advogados, médicos, engenheiros, psicólogos, enfermeiros, agrônomos, técnicos, professores etc., de uma diversidade de profissões, mas que também sejam voltadas para os povos do campo respeitando suas particularidades, pois o campo também tem suas necessidades, sendo que os filhos dos trabalhadores e trabalhadoras do campo precisam estar dentro desses cursos. Sendo que a educação para os povos do povos do campo precisa ser específica, a qual respeite a cultura, as especificidades exaltando sua cultura e seus saberes. Assim, foram definidas na Conferência da Educação Básica do Campo, que:

A educação do campo precisa ser uma educação específica e diferenciada, Isto é, alternativa. Mas, sobre tudo, deve ser uma educação, no sentido amplo de processo de formação humana, que constrói referências culturais e políticas para a intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade, visando a uma humanidade mais plena e feliz (Relatório da Conferência Nacional: Por uma Educação Básica do Campo, 1998, p. 24).

A Universidade como espaço público é importante no processo de construção das políticas públicas, sendo a pesquisa um dos pilares. Assim, realizando pesquisa e estudo em diversas áreas como saúde, educação, transporte, juventude, crianças etc., e também é um espaço para, espaço de construção de saberes em busca de respostas para vários questionamentos, compreensões de acontecimentos sociais.

Se quisermos tomar a universidade pública por uma nova perspectiva, precisamos começar exigindo, antes de tudo, que o Estado não tome a educação pelo prisma do gasto público e sim como investimento social e político, o que só é possível se a educação for considerada um direito e não um privilégio, nem um serviço. A relação democrática entre Estado e universidade pública depende do modo como consideramos o núcleo da República. Este núcleo é o fundo público ou a riqueza pública e a democratização do fundo público significa investi-lo não para assegurar a acumulação e a reprodução do capital – que é o que faz o neoliberalismo com o chamado “Estado mínimo” –, e sim para assegurar a concreticidade dos direitos sociais, entre os quais se encontra a educação. É pela destinação do fundo público aos direitos sociais que se mede a democratização do Estado e, com ela, a democratização da universidade (CHAUI, 2003, p. 11-12).

Para uma educação que permita a formação de seres capazes de compreender e analisar o mundo socialmente, politicamente, culturalmente, para que de fato haja a formação de jovens como sujeitos autônomos, que possam lutar pelos seus direitos, consciente, politizado, passando de vítimas para protagonista de sua vida, de suas histórias.

Entretanto não se pode viver de maneira a conhecermos somente a cultura local, mas precisamos conhecer novas culturas, aprendendo a conviver com outros grupos sociais, mas nunca deixando de lado sua identidade, pois não se pode ignorar as experiências sociais, pois estas são carregadas de conhecimentos. Assim, Arroyo afirma que:

Quando as experiências sociais são ignoradas se ignora o trabalho humano, a experiência mais determinante do conhecimento. Enquanto as experiências sociais, humanas, de vida e trabalho forem reconhecidas como conformantes do conhecimento, das ciências e dos saberes e dos processos de ensino-aprendizagem não serão reconhecidas e valorizadas as experiências sociais, humanas, de luta, de trabalho e de vida dos profissionais do conhecimento e dos seus aprendizes (2011, p. 117).

A Universidade precisa repensar sua relação cultural dos alunos, considerando seus saberes, buscando aproximar-se da realidade dos jovens como categoria social importante na sociedade, proporcionando no processo dinâmico do ensino aprendizagem, e incluir, sobretudo os jovens do campo, das florestas, povos de comunidades tradicionais, jovens negros, jovens indígenas, jovens com deficiência. Pois a Universidade precisa formar pessoas críticas e autênticas. Assim, Ortega y Gasset afirmou:

Disso a importância de devolver à Universidade sua tarefa central da 'ilustração' do homem, de ensinar-lhe a plena cultura do tempo, de mostrar-lhe com clareza e precisão o gigantesco mundo atual, de encorajá-lo para ter uma vida autêntica (1992, p. 344).

Em relação ao Ensino de Matemática este não se pode ser dado de maneira fora da realidade de seus alunos, pois estes são carregados de saberes que precisam ser sistematizados para que todo esse saber que os jovens das comunidades tradicionais, os jovens do campo, das periferias, etc., vem adquirindo durante sua vida, no seu cotidiano sejam reconhecidos pelas instituições de ensino. Portanto, o tratamento contextualizado do conhecimento é uma forma de o aluno poder interagir com seu meio, deixando a condição de espectador passivo, de memorizador e passa a interagir de maneira significativa nas aulas, pois este passa a construir o conhecimento.

Discutir a realidade dos jovens do meio rural, precisa de mais pesquisas em torno da realidade vivenciada pelos jovens camponeses, para que o campo comece a oportunizar esses jovens através de políticas públicas específicas para essa categoria social, que ainda é tão esquecida pelos governantes, para que os mesmos possam decidir se continuam ou não no campo, com perspectivas reais de melhores condições de vida no meio rural.

Os jovens do campo precisam ser visto como parte importante na sociedade, mas, no entanto precisam ser oportunizados, tem que deixar de ser visto como mão-de-obra barata, e passarem a ser protagonistas de suas próprias histórias. Assim, priorizando uma educação contextualizada às realidades do campo, O campo também é um espaço de possibilidades, de cultura, dinâmico carregado de jovens que sonham e lutam por uma vida melhor, digna no campo.

Visto que se constatou que os alunos camponeses da turma de Matemática 2009 do Campus não sentem seus saberes, sua cultura valorizada dentro da Universidade, a qual deveria sistematizar o conhecimento acumulado por esses jovens. Sendo que a Universidade precisa compreender esses jovens que para poderem estudar tem que deixar suas famílias e virem para a cidade estudar, como esses jovens responderam nos questionamentos que passam por

muitas dificuldades, como financeiras, de moradia, de aprendizagem com a metodologia de ensino.

No entanto a Universidade ainda é umas das poucas possibilidades que o jovem do campo vê para a sua melhoria na qualidade de vida, para poder chegar à ascensão social. Com grande relevância para esses jovens que sonham para que possam compreender que são sujeitos históricos, e como tal merecem ser estudados, buscando compreender a realidade dos jovens universitários camponeses.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Currículo Território em disputa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BRASIL, Censo da Educação Superior, INEP/MEC, 2010.

_____. Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da educação e do desporto, secretaria da educação. Parâmetros curriculares nacionais. Brasília, 1998.

_____. Parecer CNE/CP nº 115, de 11 de agosto de 1999.

_____. Referenciais Curriculares Nacionais dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Superior, 2010. 99 p.

_____. Reflexões sobre a política nacional de juventude. Brasília: Secretaria

CHAUÍ, Marilena. Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. Universidade operacional. Folha de São Paulo, 9 de maio de 1999. Caderno Mais! p. 1.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Da realidade à ação: reflexões sobre educação e matemática. São Paulo: Summus; Campinas: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1986.

_____. Educação Matemática: da teoria à prática. Campinas, SP: Papirus, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.

PIMENTA, Selma G. et al. Saberes pedagógicos e atividades docente. 3ª Ed. S. Paulo: Cortez, 2002.

VAIDERGORN, José. Uma perspectiva da globalização na universidade brasileira. Caderno CEDES, v. 21, n. 55, Campinas/SP, nov. 2001, p. 78-91.

O PIBID E SEUS DESDOBRAMENTOS: TECENDO ESTRATÉGIAS DE ENSINO A PARTIR DA RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA

Gerlane da Silva Ferreira²²
Regina Cláudia Silva Sousa²³
Marília dos Santos Fernandes²⁴

1 INTRODUÇÃO

Compreende-se que o programa institucional de bolsa de iniciação à docência é uma política pública de formação inicial que visa enaltecê-la, no entanto, iremos remeter-nos a historicidade do projeto para conhecermos de uma forma mais ampla sua promulgação e objetivo, no ano de 2007, no âmbito da esfera legislativa a diretoria de formação da educação básica (DEB), deliberou-se e promulgou a lei 11.502, legislação essa que conferiu a coordenação de aperfeiçoamento profissional de nível superior (CAPES) as atribuições de fomentar a formação inicial dos licenciandos, com o intuito de valorizar os atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem e, fortalecer o vínculo entre educação básica e educação superior, assim, a capes instituiu o projeto PIBID, sendo este um programa que segue as vertentes metodológica, didática, tecnológica e interdisciplinar na perspectiva inovadora. Competindo assim o poder executivo a concessão e manutenção bolsas.

Compete a capes regulamentar as bolsas e os auxílios [...] As bolsas de estudos e auxílios concedidos para a formação inicial e continuados dos profissionais do magistério deverão priorizar as

²² Licenciada em Educação do Campo com ênfase em ciências naturais da UFPA/Campus Universitário de Abaetetuba, Ex-bolsista do Subprojeto PIBID/Diversidade e Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (GEPeMe/UFPA).

²³ Licenciada em Educação do Campo com ênfase em matemática da UFPA/Campus Universitário de Abaetetuba, Ex-bolsista do subprojeto PIBID /Diversidade e Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (GEPeMe/UFPA).

²⁴ Licenciada em Educação do Campo com ênfase em ciências naturais da UFPA/Campus Universitário de Abaetetuba, Ex-bolsista do Subprojeto PIBID/Diversidade e Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (GEPeMe/UFPA).

respectivas áreas de atuação dos docentes, bem como aquelas em que haja déficit de profissionais. (BRASIL, 2012, p. 96)

Atualmente o subprojeto PIBID do campus de Abaetetuba, contempla 40 bolsistas licenciandos do curso Educação do campo com ênfase em ciências naturais, matemática e linguagem. É sabido que o subprojeto PIBID, possui como uma de suas finalidades fazer articulação entre a instituição de ensino superior e rede de educação básica, sendo este, um precursor que oportuniza a inserção do licenciando no sistema de educação estadual e municipal, antecipando e fortalecendo o vínculo entre o futuro profissional e seu ambiente de atuação, em contrapartida os bolsistas desenvolvem ações que contribuem para elevação do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB), logo, tanto a escola, quanto o sujeito aprendente, são beneficiados por tal política de formação inicial, posto que a unificação dos laços educacionais entre instituições de ensino superior e sistema de educação básica promove a integração e interação entre ambas às partes, propiciando ao estagiário/bolsista desenvolver propostas inovadoras no quesito metodológico, tecnológico e práticas docentes interdisciplinares que equacione os problemas encontrados no âmbito escolar. À guisa, concordamos com Nóvoa quando nos exprime que:

Os professores reaparecem, neste início do século XXI, como elementos insubstituíveis não só na promoção das aprendizagens, mas também na construção de processos de inclusão que respondam aos desafios da diversidade no desenvolvimento de métodos apropriados de utilização das novas tecnologias (NÓVOA, 1992, p. 13).

Dessa forma, o PIBID vem ser um articulador, que possibilitando aos bolsistas desenvolverem suas aptidões e, por conseguinte, criar, inovar, propor e trabalhar na perspectiva interdisciplinar, promovendo a aprendizagem, e trabalhando com a diversidade que adentra nas escolas. Assim todos os dias os bolsistas mobilizam diversos saberes que são validados a partir das suas experiências cotidianas que são adquiridas através das diversas situações que os mesmos defrontam no decorrer da execução de suas funções. Quando mencionamos a prática interdisciplinar, precisamos compreender seu real significado, para Fazenda (1993, p.64) o pensar interdisciplinar não se restringem a “junção de conteúdos, nem uma junção de métodos, muito menos

a junção de disciplinas”, logo se pressupõe um pensar diferenciado imbricado em um novo agir, colocando no cerne das inovações uma nova postura intercedida por uma educação diversificada, destarte, prática supracitada não se resume ou significa junção de conteúdos e métodos, mas busca-se com tal metodologia o rompimento com a fragmentação que encontramos quanto à produção e disseminação do conhecimento. Japiassu (1976) profere suas ideias de acordo com a proposta interdisciplinar:

Podemos dizer que nos reconhecemos diante de um empreendimento interdisciplinar todas as vezes que ele conseguir incorporar os resultados de várias especialidades, que tomar de empréstimo a outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicos, fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber, a fim de fazê-los integrarem e convergirem, depois de terem sido comparados e julgados. Onde poderemos dizer que o papel específico da atividade interdisciplinar consiste, primordialmente, em lançar uma ponte para ligar as fronteiras que haviam sido estabelecidas anteriormente entre as disciplinas com o objetivo preciso de assegurar a cada uma seu caráter propriamente positivo, segundo modos particulares e com resultados específicos (1976, p. 75).

As pretensões quanto a questão interdisciplinar é o rompimento da visão disciplinar, lançando um novo enfoque epistemológico e pedagógico, fazendo assim uma juntura entre os diversos campos dos saberes, captando os conceitos e métodos das várias áreas do conhecimento, buscando a superação do paradigma da segregação, que se sistematizou e está exposto no ensino quotidianamente. Foi pensando na inversão de todos esses desafios, que o PIBID surge como um anunciador e disseminador de novas propostas metodológicas, que visa assegurar uma nova forma de ensino e procura exceder os limites, tornando-se imprescindível a superação dessa visão fracionária dos conhecimentos, passando assim a vislumbrar a importância de uma educação emancipadora.

Sendo assim, o projeto foi instituído e no seu âmbito segue uma hierarquia profissional, onde se tem coordenador institucional, coordenador de gestão, coordenador de área, supervisor e bolsistas, havendo assim um movimento de formação inicial e continuada dentro da “cadeia” de aprendizagens e, com isso há uma interlocução e parceria entre instituição de ensino superior e educação básica na busca de formar profissionais habilitados.

A introdução do bolsista na ambiência escolar é um dos objetivos do programa, onde o programa também projeta o sujeito aprendente para adentrar no universo da pesquisa.

É importante salientar:

A pesquisa no estágio é uma estratégia, um método, uma possibilidade de formação do estagiário como futuro professor. Ela pode ser também uma possibilidade de formação e desenvolvimento dos professores da escola na relação com os estagiários (PIMENTA, 2005-2006, P. 5-24)

Segundo a autora, o estágio é uma parte imprescindível que integra a formação do professor, pois é através dessa estratégia que o estagiário se edifica enquanto professor, mediante a busca pelas inovações da pesquisa e pela sua atuação na prática.

Além disso, Pimenta expõe ainda que:

O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer 'algo' ou 'ação'. A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, da re-elaboração dos modelos existentes na prática, consagrados como bons (PIMENTA, 2005 -2006, p. 5-24).

Deste modo, fazer docente se constitui e consolida no exercer na profissão na prática pelo aprendizado, sendo assim uma oportunidade de estarmos aprendendo com o corpo docente que possuem mais experiências, através da imitação, reconstituição e análise acerca do modo de pensar e agir, segundo Nóvoa há uma necessidade de passar a formação de professores para dentro da profissão.

Insisto na necessidade de devolver a formação de professores aos professores, porque o reforço de processos de formação baseadas na investigação só faz sentido se eles forem construídos dentro da profissão. Enquanto forem apenas injunções do exterior, serão bem pobres as mudanças que terão lugar no interior do campo profissional (2009, p.37-38).

Diante do exposto pelo autor, pode-se constatar que o PIBID fomenta essa construção da formação dentro da profissão de acordo como a sugestão de Nóvoa, pois no decorrer de nossas atuações estamos observando e interagindo com os professores que já atuam na docência por um período bem extenso, a partir do convívio com os mesmos desenvolvemos e reconstruímos nossas práticas.

2 FORMAÇÕES TEÓRICAS /METODOLÓGICAS DESENVOLVIDAS NO PIBID E SUAS CONTRIBUIÇÕES

Ao sermos vinculados ao subprojeto, iniciamos um processo de formação que ocorre semanalmente e constante, sendo este um processo de aquisição teórica, onde são repassadas instruções prévias acerca da atuação dos bolsistas no âmbito escolar. Podemos dizer que é um processo no qual vamos sendo lapidados para apreendermos alguns conceitos importantes e pertinentes aos educandos e ao ambiente escolar, as formações são de suma importância para conhecermos de forma mais abrangente o nosso papel enquanto mediadores/difusores do processo de ensino aprendizagem, como também para nos aperfeiçoarmos enquanto futuros educadores e simultâneo a esse processo, ocorre os compartilhamentos e trocas de experiências entre os bolsistas acerca das teorias e práticas, logo, esse diálogo vai se intensificando no momento das formações e, temos a partir de então a práxis, ação reflexão e ação, não ficamos restritos somente ao pragmatismo ou teorização, para Freire (1996), é imprescindível a reflexão crítica sobre a prática, onde esta se torna uma exigência para que a prática não seja apenas uma propaganda e a teoria vire apenas discurso.

Iniciamos o processo formativo tendo como aporte teórico/metodológico os estudos de FREIRE, visto que o mesmo discute os saberes necessários á prática educativa e, contamos também com as contribuições de TARDIF (2002), sendo que este discute os saberes docentes e a formação profissional e busca expor de forma panorâmica os saberes, as habilidades, competências, que os professores precisam incorporar diariamente para exercer o ofício em sala de aula a fim de concretizarem suas tarefas de forma eficazes e além disso, contamos também com as contribuições teórica dos conhecimentos propedêuticos dos Parâmetros Curriculares nacionais e suas abrangências, que subsidiaram e subsidiam os processos formativos.

Nóvoa (2003, p. 5) advoga o seguinte:

É evidente que a universidade tem um papel importante a desempenhar na formação de professores. Por razões de prestígios, de sustentação científica, de produção cultural. Mas a bagagem essencial de um professor adquire-se na escola, através das experiências e da reflexão sobre a experiência. Esta reflexão não

surge do nada, por uma espécie de geração espontânea. Tem regras e métodos próprios

É na prática quotidiana, através da autenticação e sistematização dos saberes e experiências incorporadas no trabalho por meio do praticar, sendo que estas proveem da exposição e interação diariamente com o exercício, onde o educador se personifica profissionalmente.

Além disso, Freire (1996, p.12), faz uma comparação em relação a prática docente, bastante interessante, onde se pontua:

O ato de cozinhar, por exemplo, supõe alguns saberes concernentes ao uso do fogão, como acendê-lo de incêndio, como lidar com certos riscos mesmo remotos de incêndio, como harmonizar os diferentes temperos numa síntese gostosa e atraente. A prática de cozinhar vai preparando o novato, ratificando alguns daqueles saberes, retificando outros, e vai possibilitando que ele vire cozinheiro. A prática de velejar coloca a necessidade de saberes fundantes como o do domínio do barco, das partes que o compõem e da função de cada uma delas, como o conhecimento dos ventos, de sua força, de sua direção, os ventos e as velas, a posição das velas, o papel do motor e da combinação entre motor e velas. Na prática de velejar se confirmam, se modificam ou se ampliam esses saberes.

Portanto, é através da experiência, do contato direto com o educando, com a equipe diretiva da escola, com os profissionais mais experientes que o sujeito amador torna-se profissional, se faz professor, vai ratificando e retificando seus saberes adquiridos na prática.

Além das formações e os estágios nas escolas da rede básica, o subprojeto ainda oportunizou a participação dos bolsistas em eventos de cunho nacional em outros estados, projetando-os em uma carreira promissora e e instigando-os a participarem de eventos de porte nacionais, e na oportunidade são apresentados e compartilhados as pesquisas e estudos desenvolvidos no baixo Tocantins, e assim os contrapontos e experiências contribuem grandemente para a transcendência dos conhecimentos, ainda contamos com as publicações, sendo que os trabalhos aprovados pela comissão científica do evento são publicados em anais e, aprimoramos nossos perfis, em contrapartida edificamos nossa profissão e por conseguinte, consolidamos nossas práticas docentes, e aperfeiçoando a prática pedagógica.

3 CONCATENAÇÃO COM O OFÍCIO

No início do projeto ficamos voltados somente ao processo de formação, nas dependências da universidade, visto que no primeiro semestre a rede de educação básica perpassava por uma greve do corpo docente que perdurou aproximadamente seis meses, apesar de tal empecilho, realizamos visitas às escolas, fomos bem recebidos pela equipe diretiva, que “abriram as portas” da instituição, o nosso primeiro contato com a escola foi voltado somente para conhecer os espaços físicos, perquirir se a escola era contemplada com algum projeto que contribuísse para o desempenho do aprendizado dos alunos.

No segundo semestre as aulas foram retomadas e finalmente passamos a atuar de fato em salas de aulas, realizando os estágios de observação e acompanhamento, no primeiro momento fizemos apenas acompanhamentos e observação da turma, o objetivo era fazer um diagnóstico, a fim de verificar os défices de aprendizagens dos alunos, foi notório as dificuldades dos mesmos principalmente no que concerne as disciplinas que são visualizadas como as grandes áreas do conhecimento, sendo elas língua portuguesa e matemática.

Em relação ao corpo docente, ficou perceptível a necessidade de uma formação continuada para aperfeiçoar as habilidades didáticas de alguns professores, uma vez que muitos ainda se enquadram no pragmatismo e tradicionalismo, não havendo dinamicidade nas aulas, tornando-as um pouco monótonas. Em contrapartida a escola possui alguns professores que são metódicos, onde as metodologias propiciam um aprendizado eficaz.

O contato com os educandos podemos dizer que foi algo inusitado, pois estávamos face a face com o nosso “objeto de trabalho”. Inicialmente houve certa resistência por parte dos alunos, pois minha presença em sala parecia não fazer sentido algum para eles, porém paulatinamente essa situação foi se invertendo, e os alunos passaram a depositar certa confiança no meu trabalho, perceberam que minha presença em sala de aula não estava voltada apenas para observá-los ou avaliá-los e, sim para contribuir significativamente com os mesmos elevando os seus níveis de aprendizagens.

3 OFÍCIO DOCENTE POSTO EM PRÁTICA: SONDAÇÃO E DIAGNÓSTICO DA TURMA OBSERVADA

Após o período de observação e sondagem diagnosticamos as dificuldades mais eminentes no processo de aquisição do conhecimento, logo, nos articulamos e elaboramos meticulosamente um projeto de intervenção com intuito de desenvolver as habilidades de leitura e escrita dos alunos pertencentes à escola “flor-d²⁵e-lis” que atualmente se encontra na 3ª etapa que compreende a 6º e 7º ano do ensino fundamental maior, após um período de acompanhamento e observação da turma, detectamos alguns fatores que nos instigaram a desenvolver e implementar oficinas que contribuísse para a construção dos saberes dos educandos, dessa maneira buscamos trabalhar com os alunos que possuem défices de aprendizagem em língua portuguesa, mais precisamente na codificação e decodificação (leitura e escrita), assim fomentamos a produção textual para a promoção do desenvolvimento da competência escritora dos alunos, nesse sentido utilizamos como subsídios teórico-práticos o gênero na perspectiva dos PCN’S, onde este último serviu de suporte para o desenvolvimento de estratégias e habilidades de leitura e da produção escrita. Sendo que o PCN de língua portuguesa foi o nosso aporte teórico visto que o mesmo ressalta a importância da instituição de ensino propiciar ao educando o acesso à leitura “ Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los(BRASIL, 1998, p.15).

Enquanto mediadores desse processo de ensino e aprendizagem ensinamos ao educando o reconhecimento dos gêneros literários, mais especificamente à fábula, uma vez que é um gênero narrativo ficcional que possui um caráter crítico, humorístico, porque ensinam, alertam sobre algo que possa vir acontecer no cotidiano, criticam comportamentos humanos e ironizam os homens, cuja mesma possibilitou aos alunos obtenção de uma ótica panorâmica da realidade na qual estão inseridos. Nessa perspectiva o texto será objeto de ensino. De acordo com os PCNS: “Um escritor competente é, também, capaz de olhar para o próprio texto como um objeto, verificar se

²⁵“Flor de lis”, nome fictício utilizado para resguardar a identidade da escola.

está confuso, ambíguo, redundante, obscuro, ou incompleto. Ou seja, é capaz de revisá-lo e reescreve-lo” (BRASIL,1998, p. 25)

Assim cogitamos e articulamos de forma mais abrangente o texto de maneira contextualizado, buscamos fazer a migração do esoterismo, trazendo esses textos que parecem longínquos para próximo de nossos alunos, posto que objetivasse trabalhar com textos contextualizados e que possuem um sentido significativo para a vida dos alunos.

A execução desse projeto atendeu os alunos da 3ª etapa que possui uma discrepância em relação idade série, são sujeitos reincidentes em série, sendo que alguns são alunos possuem uma distorção eminente e já se encontram há três anos cursando a mesma série.

A proposta de oficina foi pensada para desenvolver de forma dinâmica e interativa a promoção da leitura e da escrita. Não obstante da escola está situada no perímetro urbano e centro de Abaetetuba, a mesma atende uma demanda elevada de alunos oriundos do campo (estradas, ilhas e ramais), segundo recenseamento da escola, cerca de 90% contemplado por tal são residentes na zona rural, em decorrência da ausência de políticas públicas eficazes que busque instituir escolas públicas e ensino de qualidade no campo, os alunos precisam se deslocar para a cidade, os mesmos possuem uma base educacional fragilizada devido a precariedade dos estudos na zona rural que também não de diferencia muito da zona urbana. Pensando em todos os problemas apresentados pela turma, os bolsistas PIBID articularam-se e procuraram mecanismos para elaborar, e, por conseguinte executaram oficinas que propiciasse o aprendizado com novos enfoques delineando novas formas de conhecimentos. Foi notória a dificuldade de muitos alunos em relação à língua portuguesas, logo esses problemas implicará na compreensão das demais disciplinas, sabemos que a partir da interpretação, os alunos se sobressaem em todas as áreas, sendo esta responsável pelo desenvolvimento da criticidade dos sujeitos aprendentes.

É importante ressaltar que:

É preciso refletir e rediscutir a proposta pedagógica, proporcionando assim ao aluno descobrir o prazer e a satisfação ao redigir um texto, depois de compreendê-lo, onde possa expressar seu pensamento, levando-o a assumir de forma crítica e criativa

sua função no discurso, seja como falante, leitor ou mesmo como escritor. (BASTOLLA,2008, p.7):

Trabalhamos com textos coesos significativos capazes aguçar inquietude nos alunos para que eles se senti-sem parte do processo de aprendizagem e não apenas meros objetos da mesma, para Freire “A prática docente crítica, implica do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 1996, p. 38)

O nosso objetivo central na implementação das oficinas foi oportunizar a promoção das habilidades e competências da leitura e escritas dos educandos que possuem dificuldades mais elevadas, a fim de equipararmos esses alunos com os demais da turma que já desenvolveram mais acentuadamente as competências necessárias para a interpretação de textos. Assim, os educandos interpretaram e produziam textos curtos que facilitou a compreensão e a partir das fábulas foi patente que aguçamos o desejo dos mesmos pelas leituras , e assim contribuirmos para formação de sujeitos cômnicos, capazes de intervirem na realidade em que vivem.

No proceder metodológico trabalhamos de forma clara e concisa os conteúdos abordados em sala de aula. A metodologia obedeceu aos seguintes passos, no primeiro momento explanamos em sala de aula o conteúdo proposto que foi tipologia textual, pelo fato do gênero textual ser um assunto extenso nos restringimos a trabalhar especificamente com a fábula. Seguimos o seguinte roteiro para implementação da nossa intervenção:

- 1º- Elaboração do conteúdo que foi abordado em sala de aula
- 2º- Explanamos de forma clara e concisa exemplificando o que é gênero textual, onde eles são encontrados e de que forma são utilizados no cotidiano,
- 3º Repassamos para os alunos uma fábula, solicitando que os mesmos leiam a fim de interpretar e responder subjetivamente algumas perguntas geradas a partir do texto
- 4º Entregaremos aos educandos folhas de papel para que cada aluno produza um pequeno texto narrativo que possua um moral, ou seja, uma fábula. Os materiais utilizados foram folhas de papel A4, quadro branco e apostila.

3.1 ALGUMAS INFERÊNCIAS A PARTIR DA INTERVENÇÃO

Os professores coloraram conosco e optamos por uma avaliação que não mensurasse méritos, pois almejávamos executar oficinas levando em conta o interesse e a participação dos alunos nas atividades, sendo assim desenvolvemos os processos avaliativos formativos cuja função é formuladora, e incentivava o aluno a estudar, e buscamos sempre evidenciar se os objetivos estavam sendo alcançados, para além de méritos, desmitificaremos a ideia de que somente as avaliações somativas são relevantes, visto que a mesma possui a função classificatória, disciplinar, punitiva e discriminatória, cumprindo sempre uma ação de correção dos professores em relação aos alunos. Ficou notório o desenvolvimento das habilidades dos educandos, até mesmos alguns professores se surpreenderam com a participação da turma, visto que na sala, tinha alguns alunos que não prestavam atenção nas aulas, no entanto durante a implementação da oficina foi nítido o interesse dos mesmos, podemos dizer que o resultado foi exitoso, tanto para os alunos, como para os bolsistas, foi uma atividade relevante, sendo um momento de inquietações e busca pelo conhecimento, são nesses momentos que nos sentimos úteis e percebemos a real importância de nosso trabalho e o quanto podemos contribuir para o desenvolvimento intelectual da sociedade.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ATUAÇÃO NO SUBPROJETO PIBID/DIVERSIDADE

O projeto PIBID foca e visa assegurar o licenciando na rede educação básica, fazendo isso de forma prazerosa, lançando precocemente o bolsista no seu futuro ambiente de trabalho. Fomenta as questões relacionadas a didáticas e consolidação de práticas pedagógicas inovadoras e eficazes. O programa de fato possui seus atributos e peculiaridades, que somente quem possui a oportunidade de participar de um programa tão grandioso quanto ao PIBID pode deleitar-se em uma profusão de conhecimento incomensurável, além de ser um dispositivo de reconhecimento e identificação profissional, é por meio do mesmo que nos edificamos em termos profissionais e pessoais, o projeto é capaz de ir além e trazer ao exterior toda aquela paixão pela docência que às

vezes encontra-se tácitas. Arrisco-me a dizer que é um diferencial, pois de fato vem ser um divisor de água para os discentes que possuem alguns resquícios de dúvida em relação ao ofício docente, desde sua promulgação em 2007, vem fazendo inovações e transformações na carreira profissional de todos aqueles que perpassam pelo projeto durante a graduação, projeto esse que surge da necessidade de capacitar professores, rompendo com a forma de ensino compartimentada, lançando à tona um novo profissional que vai se edificando constantemente e passa a visionar um campo holístico de saberes, de fato torna-nos diferente dos demais licenciados que adentram na instituição de ensino superior, posto que nos aperfeiçoassem nas novas perspectivas teóricas, metodológicas e didáticas de ensino.

É importante ressaltar que diante dos resultados mensuráveis que obtivemos, existem uma profusão de outros que são de caráter subjetivo e que não deixam de serem importantes, sendo estes responsáveis por acionar um amplo campo de aprendizagens, o que se mostra importante fortalecer o ensino e a necessidades das constâncias cada vez mais de políticas públicas que possua o caráter do programa institucional de bolsa de iniciação a docência.

REFERÊNCIAS

BASTOLLA, Fernanda Falconi. A leitura e suas implicações para a produção de um texto: um estudo de caso. TCC de Especialização. Cruz Alta, 2008.

BRASIL, Educação do campo: marcos normativos, LEI Nº 12.695, DE 25 DE JULHO DE 2012

CEREJA, William Roberto. Português: Imagens: volume 1: ensino médio-5.ed.-São Paulo: Atual, 2005.

JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

NÓVOA, António (Org.) Vida de Professores. Porto: Porto Ed., 1999.

PIMENTA, Selma Garrido, LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. Revista Poiesis - Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2000.

MÉMORIA DE PROFESSORES: NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA NA UNIVERSIDADE

Milton Raphael Torres Borges²⁶
Marinilda Corrêa Sardinha²⁷
Mara Rita Duarte De Oliveira²⁸
Tânia Maria Goês²⁹

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa **Memória docente e narrativas de resistência na Universidade** teve por objetivo registrar as memórias docentes dos professores que atuam no Campus universitário de Abaetetuba, construindo as interpretações acerca do modelo universitário instalado na Universidade Contemporânea, essas interpretações poderão contribuir para o fortalecimento da compreensão do caráter de instituição social da Universidade. Nesse sentido no percurso da investigação mapeou e interpretou as estratégias e dispositivos de resistência docente aos modelos impositivos da instalação da Universidade heterônoma e neoprofissional, através da rememoração da memória docente traduzida em narrativas de resistências dos professores que atuam no campo da disputa política-ideológica de um projeto de Universidade democrática e autônoma, a partir das dos discursos de resistências e com elas que se

²⁶ Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará - Campus de Abaetetuba. Membro do Grupo de Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (GEPeMe/UFPA)..

²⁷ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Pará. Professora da Rede Básica de Ensino SEMEC- Abaetetuba. Supervisora do PIBID/Diversidade-UFPA. Vice-Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (GEPeMe/UFPA).

²⁸ Doutora em Educação. Professora do Programa Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), Professora do curso de Educação do Campo do Campus Universitário de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará. Coordenadora Institucional do PIBID/Diversidade-UFPA. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (GEPeMe/UFPA).

²⁹ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo – Ciências Naturais, da Universidade Federal do Pará – Campus de Abaetetuba; Bolsista PIBIC/Interior (UFPA). Membro do Grupo de Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (GEPeMe/UFPA).

estabelecem diálogos problematizadores, levando em consideração os contextos dos sujeitos e suas histórias, na tentativa de compreender as mudanças estruturais na Universidade contemporânea.

São entendidos teoricamente como narrativas, enunciados que explicitam sob outras formas os conflitos entre grupos subalternos e hegemônicos. Tais conflitos que expõem as estratégias de subordinação, assim como aquelas de resistências – ou seja, as disputas políticas, que constituem os enquadramentos sócios históricos de um tipo de arena que configura uma economia política e simbólica da cultura universitária.

Assim, o poder de rememorar é uma forma catártica de reconciliação com o passado e afirmação do presente. As memórias se entrecruzam lentamente, em um recorte chamado vida, história, formação. Elas se encontram e demarcam o seu lugar. Não são apenas as memórias de docentes do ensino superior, são vidas marcadas e demarcadas por trajetórias pessoais, políticas, profissionais e acadêmicas, que agora são transcritas em teias sociais e poéticas, em experiências e falas entrecruzadas sobre a vida na Universidade.

Nesse sentido, relembrar a construção desse processo é importante para demarcar as diferentes visões acerca da universidade que permeia o cotidiano acadêmico. Nisso, diríamos que a tarefa de rememorar está associada ao resgate mais profundo de nossa crença na mudança, no novo e em uma sociedade mais fraterna, em que a Universidade tenha um papel decisivo em estabelecer novos paradigmas para a contemporaneidade.

Com essa preocupação compreender os modelos impositivos de instalação da Universidade heterônoma e neoprofissional, aponta-se como um dos pontos de partida o resgate da memória dos docentes do Campus de Abaetetuba. Fazer isso requer não apenas uma incursão na trajetória política e histórica dos docentes da Universidade Federal do Pará. Neste sentido, recuperar elementos históricos apresentados no capítulo anterior com o intuito de aprofundar as análises acerca de tal parceria a partir do olhar e da memória dos docentes.

O poder de rememorar possui uma catártica de reconciliação com o passado. Entre as memórias recolhidas, há memórias que se entrecruzam lentamente, em um recorte chamado tecido social. Elas se encontram e

demarcam o seu lugar dos sujeitos. As memórias desses docentes são vidas marcadas e demarcadas por trajetórias pessoais, políticas, profissionais e acadêmicas, as quais agora são transcritas em teias sociais, em experiências e falas entrecruzadas sobre a Universidade.

Aos poucos as memórias individuais vão se transformando em memórias coletivas. Então, entremeando-nos entre elas, encontram-se as vozes na voz do outro. Tudo isso tem um significado de (com)partilhar as experiências e conhecer os limites da formação acadêmica, o engajamento e as práticas sociais e educativas nos percursos coletivos e individuais. À medida que se vai entrelaçando as memórias escritas por outros sujeitos atores, vai-se percebendo que construir a memória coletiva, demarca-se o *lugar*.

Dessa forma, falar e escrever sobre a memória docente do Campus Abaetetuba exige o resgate de outras memórias mais particulares, da resistência e silenciamento; “[...] *escrever não é apenas um desabafo, é uma vivência que muda*” (BARON, 2000, p. 57). Assim, deseja-se “[...] salientar que o ato de recordar como o de esquecer ocorre devido a manipulações que podem ser conscientes ou inconscientes, elaboradas na estrutura psicológica do sujeito afetado por fatores como afetividade, interesse, desejo, censura ou inibição” (SOUZA, 2003, p. 91). Nesse sentido, apresenta-se a memória docente coletiva do Campus, através de narrativas contínuas e descontínuas que compõem a história da UFPA em Abaetetuba.

Nesse sentido, lembrar a construção desse processo é importante para demarcar as diferentes visões acerca da universidade que permeiam o cotidiano acadêmico. Nisso, diríamos que a tarefa de rememorar está associada ao resgate mais profundo da crença na mudança, no novo e em uma sociedade mais fraterna, em que a Universidade tenha um papel decisivo em estabelecer novos paradigmas para a contemporaneidade.

É nesse terreno da memória que se sustentam categorias como paixão, prazer, desejo, esforço, vontade, fé, resistência, coragem e muitas outras que se entrelaçam na complexidade da existência humana. Ao mesmo tempo, a memória, fruto da subjetividade de cada um, dos sonhos almejados e perdidos que se arquivam nos sótãos empoeirados de uma longa existência, possibilita desvios de interpretações equivocadas dependentes da vida que se viveu e do êxito ou malogro das experiências (ALMEIDA, 1998; p. 53).

As pressões por produtividade fazem com que os professores destituam-se da sua memória educativa e militante, de seus desejos, paixões e princípios, convencendo-se de que agora, para salvar a universidade dos ventos neoliberais, é preciso curvar-se à lógica das parcerias público-privadas, como garantia da continuidade do ensino, pesquisa e extensão na Universidade. Entretanto, ao assumir essa bandeira, corre-se o risco de realizar a reflexão acrítica acerca da realidade da Universidade, ao invés de construir possibilidades de mudanças.

Vamos encontrando na narrativa dos professores um profundo sentimento de compromisso com uma Universidade vinculada ao interesse da comunidade local. Isso fortalece a nossa crença em processos formativos emancipatórios tendo a Universidade como espaço profícuo para esses processos.

2 HISTÓRIA ORAL NA PESQUISA SOBRE PROFESSORES:

Ao utilizarmos a história oral buscamos o encontro harmônico entre locutor e interlocutor. Paul Thompson (1992, p. 17) conceitua a história oral sendo:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.

A perspectiva oral irá proporcionar o registro das memórias dos entrevistados, sendo que está centrada nas narrativas orais, assim recordar o passado é uma forma de mergulhar no recôndito das memórias, onde as lembranças emergem de acordo com a memória dos sujeitos. Vale ressaltar que,

[...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do

tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (ALBERTI, 1989; p.4).

A história oral relaciona-se diretamente ao testemunho do vivido, onde o indivíduo testemunha aquilo que viveu em um tempo passado, a ponto dessa memória não se perder no tempo, a memória individual está constituída e permeada por memória coletiva adquirida através do meio que o indivíduo está inserido, seja familiar ou social. Segundo Halbwachs (2004; p.85) “todas as memórias são coletivas obtidas mediante da interação dos homens”, portanto ela é essencial, pois possibilita a constituição de uma identidade a partir do próprio indivíduo e dos outros.

Assim, Halbwachs (1990; p. 18) ressalta que: Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras. O uso da memória como dispositivo de resgate de lembranças que de alguma forma sabemos que existem, entretanto precisam ser compreendidas; assim “testemunho vivido será recorrente ao próprio indivíduo que vivenciou os fatos ocorridos” (HALBWACHS, 1990; p. 18).

A história oral nos apresenta cada particularidade e singularidade que são testemunhos e vivências que suscitam do sujeito e pelo sujeito que vivenciou, são fatos e acontecimentos que diz respeito aos indivíduos e são reconstituídos a partir da reminiscência, bem mais que um documento linear.

A história oral é o procedimento metodológico onde não podemos esquecer que quando trabalhamos com a mesma, estamos laboramos com a memória, sendo esta uma representação social, onde há evocação das lembranças, recordações que são trazidas a tona, pois estava silenciada, a história oral invoca todo esse processo de ocultamento ou silenciamento, nessa perspectiva permitirá ao pesquisador reviver junto com o sujeito entrevistado a história, pois a memória é coletiva, mesmo em acontecimentos que somente nós presenciamos ou estamos envolvidos, porque nós nunca estamos só, porque sempre há uma infinidade de pessoas em nós que não se confundem, memórias

estas, que são provenientes do meio social, ou familiar no qual estamos inseridos (HALBWACHS, 2006).

A história oral é uma busca de reconstituir o passado a partir da narrativa, onde o relator evidencia mediante a oralidade sua história de vida que envolve todos os aspectos, tanto pessoal como profissional, e com isso passamos a oficializar e validar as vozes dos sujeitos, dando assim uma oportunidade de resgatar os registros mediante a subjetividade dos indivíduos.

De acordo Com Bossi (1994; p.53) “A lembrança é sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens e lembrança”. Sendo assim a lembrança é uma relíquia do passado que permanece no esoterismo de cada ser, sendo lançada pelo sujeito entrevistado a partir do momento que é instigado pelo questionamento presidido pelo pesquisador com auxílio mutuo do narrador, que ao narrar expõe as lembranças rareadas que diz respeito somente ao sujeito.

É através da aproximação do investigador com o sujeito pesquisado, o narrador pode reviver, pois este vai está rememorando lembranças que podem representar saudade, ora pode ser nostálgica, pois pode está resgatando apontamentos que angustiam o depoente.

A partir da memória reconstituímos a oralidade, sendo assim, a historiografia, para além de narrar e relatar permitiu aos sujeitos resgatar e reviver fatos acontecidos há tempos remotos, possibilitando assim uma reflexão acerca do tempo vivido.

Logo, ressaltamos a sua veracidade e validade da pesquisa a partir do método da história oral, pois apesar de trabalhar com subjetivo verticalizando-se sempre para o plano individual não deixa de ser social, visto que o homem se constitui historicamente a partir de suas relações com outros sujeitos formando sua identidade a partir do contexto sociocultural no qual se encontra, sendo estes os contrapontos da história.

3 MEMÓRIA COMO ELEMENTO FORMATIVO

A lembrança, reitera Bosi, constitui-se em imagem construída pelos materiais que estão a disposição no momento do ato de rememorar no conjunto

de representações que povoam a consciência. As lembranças consistem assim, em uma prática social e também individual. O registro das memórias (es)colhidas consiste em uma operação que formaliza o passado tornando-o social. Igualmente as discussões apresentadas por Le Goff (2003) destacam que memória:

(...) como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar suas impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (2003, p.419).

De acordo com essa perspectiva a memória é algo que se constrói no movimento de um diálogo entre presente e passado, um processo vivo e dinâmico onde os sujeitos e os grupos recriam o passado no tempo presente.

Assim, não se concebe a memória dos processos de produção do conhecimento apenas como ações de práticas científicas adotadas no passado, mas como lembranças vividas com o feixe de relações entre saberes vivenciados pelos docentes. Busca-se explicar e compreender o presente a partir das ressignificações simbólicas que são feitas do passado e se projetam no presente, com as possíveis explicações teóricas provisórias que possibilitam imaginar, repensar, projetar criativamente o presente e o futuro, individual e/ou coletivamente, deste modo:

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. **Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas**³⁰. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1992, p. 420) – (Grifo nosso)

Desse modo, a memória, por um lado, permite entrelaçar o passado ao presente, tendo em vista a organização do futuro, e, por outro, compreende as lembranças como formas de trabalho docente, de pensamento, percepções e

³⁰ Aqui pretende-se frisar a importância da apropriação do fator memória (história) na ressignificação do presente a partir das relações de poder que distinguem dominadores e dominados. Igualmente como tais relações foram se delineando na trajetória de vida e posteriormente à prática docente, fomentando assim percepção da prática influenciada pelas experiências.

práticas que gestam processos novos de concepções científicas. A memória pode ser entendida, basicamente, como criativa e criadora de novas práticas científicas inseridas na reconstrução engajada no passado, na leitura do presente e na prospecção para o futuro. Uma vez que “O estudo de memória, no entanto, é muito complexo e vem recebendo diferentes sentidos e significações por parte de diferentes autores, de várias áreas do conhecimento e em diferentes épocas” (LIMA, 1995, p. 69).

A partir dessa compreensão percebe-se que a ativação da memória visa o resgate do passado, para ressignificá-lo em função do presente, via gestão da reflexão e do controle de sua materialidade selecionadamente potencializadas. Assim:

Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. (HALBWACHS, 1990, p. 143).

Assim, a memória ocupa lugares diferentes nos diversos planos e percursos, embora não possua o mesmo alcance, nem a mesma consistência, na medida em que vai sendo resgatada, pois atravessa espaços vazios, do mesmo modo condensados pelos sentimentos, pelas clivagens ideológicas e pelas relações políticas. A organização dos lugares da memória une-se em forma de malhas que se tecem como rede, com retas e transversais, formando ilhas³¹ à parte, entretanto, passíveis de serem colocadas em comunicação e, uma vez desencadeadas, constroem uma continuidade capaz de fazer a realidade, a partir do resgate do passado.

Considerando a memória em sua função prospectiva e projetiva, torna-se possível estabelecer vínculos que instigam a relacioná-la ao conhecimento. Dessas combinações, analisamos que a memória reconstruída, a partir de interesses do presente, faz os movimentos constantes entre os elos do passado e do futuro. Tal dimensão apresentada tem seu eixo norteador na memória como estrutura histórica e sociológica que se relaciona em uma construção coletiva, de uma unidade particular para a universal, capaz de organizar o presente e esboçar o futuro, a partir do passado tomando como referência a vida em sociedade.

³¹ Termo usado por Halbwachs em seu livro: *A memória coletiva* (1990).

Halbwachs (1990) apresenta em seus estudos que a memória, por mais que pareça expressar experiências estritamente individuais, é constituída por estruturas sociais mais amplas que antecedem ao sujeito. Lima (1995) afirma que:

A memória parece ser constituída de duas condições: 1) conservação ou persistência de uma certa forma de conhecimento passado: esse momento é a retentiva; 2) a possibilidade de evocar, na ocorrência, o conhecimento passado e de torná-lo atual ou presente: que é propriamente a lembrança (LIMA, 1995, p. 70).

Nesse sentido, a memória compreende simultaneamente as particularidades e universalidades históricas, ligações que possibilitam a ordenação dos vestígios nos processos de releitura frente à complexidade das atividades sociais, políticas, econômicas. Para Le Goff (1992, p. 426), o ato mnemônico é fundamentalmente narrativo, caracterizado pela sua função social de comunicação a outrem, remete também à relevância do estudo da memória como “um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento”.

A memória como elemento narrativo tem em sua especificidade a oralidade e a escrita marcada pelo tempo passado, entendido como um período anterior aos acontecimentos de que um indivíduo se lembra diretamente. A leitura da memória possibilita reflexões do passado deixado por muitos traços visíveis que se percebem na expressão dos rostos, no aspecto dos lugares, no modo de pensar, de sentir, de fazer, de ser, conservado e reproduzido dentro dos ambientes coletivos. Desse modo, os elementos constitutivos da memória coletiva mergulham nos meios sociais, através do contanto com um passado, mais ou menos distante, que se configura em um quadro dentro do qual são guardadas as lembranças vividas e apreendidas pela história.

Halbwachs (1990) define a lembrança como reconstrução do passado, auxiliada por dados emprestados do presente que conseguem reconstituir as imagens de situações ou acontecimentos, ela se constrói das muitas representações que repousam nas narrativas e nas racionalizações. “A

lembrança é uma imagem engajada em outras imagens, uma imagem genérica reportada ao passado” (*Ibidem*, p. 73).

Os espaços coletivos permitem, então, que a memória seja reestruturada a partir das imagens, que se relacionam e não permitem a existência do vazio absoluto, isto é, propiciam às regiões do passado complementar-se, evidenciando as marcas da reconstrução.

Para Bosi (2001), a memória como função do conhecimento organiza o passado e ordena o tempo com a narrativa da comunicação que visa não à transmissão do acontecido em si, mas à construção que transforma os fatos suscitados pelas palavras:

É o momento de desempenhar a alta função da lembrança. Não porque as sensações se enfraqueceram, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e se dobram sobre a quintessência do vivido. Cresce a nitidez e o número de imagens de outrora, e esta faculdade de relembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora. (BOSI, 2001, p. 81).

Considerando o objeto de estudo e os procedimentos de pesquisa adotados para conseguir a austeridade e o controle dos resultados, selecionei o grupo de autores apresentados no transcórper da leitura, que entendem a memória como lembrança capaz de alimentar a procura do passado para servir o presente e desenhar o futuro ³².

3 MEMÓRIA E UNIVERSIDADE: ASPECTOS DA PESQUISA

Os sujeitos quem fizeram parte desta pesquisa são professores das Faculdades de Educação e Ciências Sociais e Ciências da Linguagem do Campus de Abaetetuba que lecionam nos cursos de licenciatura plena em Pedagogia, Letras (habilitação em língua portuguesa) e Matemática

³² Bem como cita Bosi (1994): “*Rememorar não é reviver o passado, mas ressignificar o presente*”.

respectivamente; que mobilizam o enfrentamento das práticas e teorias capazes de promover o ensino e a produção do conhecimento.

A concepção de memória neste trabalho pesquisa foi tomada na dimensão de abordagem epistemológica que gesta uma construção teórica, inserida nos processos políticos, econômico e social das lembranças analisadas através das falas dos docentes, sendo que tais lembranças se organizam em marcas do passado, reinterpretadas no presente e fazem prospecções para o futuro.

Nesse sentido, essas memórias foram tomadas como fonte de análise de dados, uma vez que se sistematizam como conhecimento dos docentes de um registro do passado para ser reinterpretado pelo presente. Portanto, a questão central desta pesquisa consiste em compreender como as memórias permeiam toda a produção do conhecimento no Campus de Abaetetuba nas áreas de atuação dos docentes entrevistados.

Trata-se de experiências sobre formas diferenciadas de alfabetização ou sobre as relações em sala de aula, de estudos do meio, das experiências em laboratórios, do trabalho interdisciplinar... (...) o resgate da sua trajetória profissional, suas experiências vivenciais, aquisições intelectuais e a forma como estas influenciaram sua vida” (KENSKI, 1994, p. 46).

Eclea Bosi, em *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1994) analisa as diversas dimensões e significados do conceito de memória. A autora caracteriza a memória como agente desencadeador do processo de ressignificação do passado e define a tarefa de rememorar, como uma tarefa de auto aperfeiçoamento, demarcando a importância da memória para o homem “Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair de suas determinações atuais.” (BOSI, 1994, p.81).

Nesse sentido compreendemos que, mesmo para lembrar se faz necessário o uso da nossa identidade (o presente) como dispositivo de ligação entre, o que se é hoje e o que se foi antes, permitindo assim uma compreensão melhor direcionada dos fatos e atos que formaram um mecanismo capaz de constituir a prática e a personalidade docente. Por esta razão é que Bosi (1994) cita a capacidade de “sair de suas determinações atuais”, permitindo-se, assim,

uma releitura de sua trajetória, e conseqüentemente uma análise permeada por um arcabouço teórico capaz de desmistificar elementos de importância singular no caminho percorrido até então; e que outrora, talvez, não fossem tão expressivos.

Os estudos e pesquisas acerca da influencia de experiências anteriores dos docentes em suas formas de ensinar podem ser considerados como contribuições importantes na compreensão de suas praticas em sala de aula. Não obstante ainda, é necessário que o professor seja consciente³³ da origem de sua própria pratica e da forma como avalia o seu trabalho, sua relação com o ato educativo e com os próprios alunos; uma vez que o retorno ao passado permite esclarecer as afinidades e aversões que teve, bem como as crenças e preconceitos referente ao às disciplinas que leciona³⁴.

A análise e as discursões das marcas do passado podem (ou devem) conduzir ao entendimento da repercussão na vida profissional de distintas situações vivenciadas, como por exemplo: crises, mudanças, sucessos, fracassos, rupturas entre outras. Assim, esse conhecimento propicia ao professor tomar decisões no intuito de superar específicos problemas, reformulando as próprias percepções pessoais no que se refere à maneira como ensina.

Conhecer as trajetórias de outros professores e a percepção de como as experiências passadas influenciam (ram) em suas práticas profissionais, contribuem com os outros na identificação e na reflexão das dificuldades encontradas na atuação docente; por esta razão é importante que a interação, como canal de influencia mutua, propicie a busca por denominadores comuns entre as lembranças, conduzindo assim à um aprofundamento sólido acerca das discussões e relações concernentes às praticas docentes e suas origens.

Ao pesquisar as causas que determinam a forma de ensinar de cada docente, pude perceber que a atuação em sala de aula é uma atividade impar e experiencial, que se traduz em um exercício particular de cada professor, que por sua vez o faz solitariamente e que somente em parte está relacionada com a teoria aprendida no magistério ou na graduação. Por isso podemos dizer que, a

³³ Aqui uso o termo “Consciente” como sinônimo de Conhecedor.

³⁴ Este último trecho relaciona-se com o que Pollak (1989) conceitua como “necessidade de encontrar um *modus vivendi*” (p. 5).

ação de ensinar é e torna-se uma presteza essencialmente artesanal, pois é reconstruída permanentemente pelo professor, que a partir de seus conhecimentos teórico-metodológicos e das imputações do meio ressignifica sua ação, tornando-a transformadora e significativa.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada agrupa memórias de docentes como partilha de lembranças que dialogam entre si e efetivam interpretações do passado, do presente e projeções para o futuro, sobre o trabalho docente na graduação, situando a construção social do conhecimento no cotidiano, na complexidade da realidade articulada com a criação científica.

Verificou-se que os professores baseiam-se na reflexão como forma de vivenciar e compreender a esfera do mundo da vida e do sistema, utilizando-se do trabalho intelectual como atividade de produção do conhecimento e da ação comunicativa para compartilhar da mesma linguagem, em uma estrutura dinâmica suscetível de inovações que possibilita a transformação da experiência humana na ação individual e coletiva.

Ainda vinculada à ação comunicativa encontra-se na memória dos docentes as estruturações dos processos metodológicos, das práticas sociais associadas a fatores políticos, econômicos e pedagógicos, que possibilitaram organizar a produção do conhecimento de forma dinâmica e reflexiva.

A produção do conhecimento se faz, assim, a partir de discussões e reflexões do trabalho pedagógico, desenvolvendo temáticas específicas de cunho marxista; da construção de práticas coletivas, cooperativas, dialogais e interdisciplinares; com interpretações, análises e explicações para os conceitos e problemas enfrentados na investigação de elementos educacionais, fundamentado nas práticas sociais.

A análise do discurso das memórias dos docentes apresenta a abertura de horizonte de ações, de experiências, de lembranças que se consolidam nos processos de produção do conhecimento categorizados nos eixos teóricos e empíricos.

Assim, o discurso das memórias dos docentes evidencia as categorias que propiciam a produção do conhecimento sobre a educação, contemplando um diálogo teórico de novos saberes e a dinâmica cotidiana dos sujeitos envolvidos nos espaços escolares, nas igrejas, nos bairros, nas famílias, nos movimentos musicais e outras instituições presentes nas práticas diárias educacionais.

Esta pesquisa mostrou que a memória do docente associada à produção do conhecimento implica uma relação entre o local e o global, considerando as demandas educacionais dos novos imperativos do capitalismo, que determinam novas metodologias para cientificização do trabalho docente.

A investigação destaca que a memória dos docentes pesquisados torna-se atividade produtiva e apresenta como produto o conhecimento fundamentado em eixos norteadores da ação comunicativa, o que possibilita compartilhar uma linguagem dinâmica e suscetível de inovações para reviver as incompletudes da tessitura do saber.

Esse estudo em memória constitui-se de uma complexidade representada por sucessivas relações entre os sujeitos e as formas de produção do conhecimento, caracterizada pelo sistema de educação superior do país, em face da expansão do setor privado, restrição gradativa do setor público e desigual distribuição regional, em se tratando especificamente de produção acadêmica.

Como observado, nas memórias registradas neste trabalho, as políticas educacionais se alocam nas instituições federais de ensino superior para o fomento de pesquisas científicas e tecnológicas mediante convênios, contratos, programas, projetos de cooperação, por órgãos e entidades públicas de qualquer nível de governo, bem como por organizações internacionais.

Essas ações evidenciam a competição no campo científico-acadêmico, em uma disputa acirrada entre docentes pelos recursos destinados à ciência e tecnologia, como também pela exigência do produtivismo engendrado pelas agências de fomento.

Discutir memória e produção do conhecimento na área da educação implica esmerar-se para além dos dispositivos mercadológicos implementados pela própria universidade, significa inventar e insistir na luta pela construção

de referenciais mais favoráveis ao exercício do pensamento, na busca de ampliação possível da garantia de qualidade e, por sua vez, na autonomia da criação do fazer.

Conclui-se que a ênfase desta pesquisa consiste em associar a memória do docente à produção do conhecimento com o objetivo de pensar no desenvolvimento da invenção, da descoberta, da construção teórica, da divulgação de novos saberes, bem como possíveis soluções para problemas da realidade, compreendendo todas as contradições que incidem sobre o conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares, de. **Mulher e Educação: A paixão pelo impossível**. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998.

ANDRÉ, Marli et al. **Estado da arte da formação de professores no Brasil**. Educação & Sociedade, n° 68, p. 301-309, Dezembro, 1999.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política**, São Paulo, Brasiliense, 1994

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003a.

_____. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano**. Dispositiva. v. 1 n.2, p.196-199, ago./dez.2012. Entrevista concedida a Mozahir Salomão Bruck.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BRANDÃO, V. M. A. T. **Labirintos da memória: quem sou eu?** São Paulo: Editora Paulus, 2008.

CHAUÍ, M. **Apresentação: Os Trabalhos da Memória**. In Bosi, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo, EDUSP, 1973.

CHAUÍ, M. **Homenagem a Ecléa Bosi**. Revista Psicol. USP, São Paulo, jan./mar. 2008, 19(1), 15-n24

CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. São Paulo: Papirus, 2011.

GOODSON, Ivo f. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional: In NÓVOA, a. (org.). Vidas de professores. 2 ed. Porto: Porto, 1992

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 2006.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de Vida e Formação. São Paulo: Cortez, 2004.

KENSKI, Vani Moreira. Sobre o conceito de memória. In: FAZENDA, Ivani (org) A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento. Campinas: Papirus, 1997.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Atlas, 1991.

LE GOFF, Jacques. História e memória. São Paulo: Editora UNICAMP, 1992.

THOMPSON, Paul. A voz do passado. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

HISTÓRIA E MEMÓRIA: O OLHAR POÉTICO DE JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO SOBRE A CIDADE DE ABAETETUBA

Dyellem Silva da Costa³⁵
Mara Rita Duarte De Oliveira³⁶

1 INTRODUÇÃO

Educar para a cidadania é tarefa de todos nós, em todos os espaços sociais em que atuamos e vivemos, buscando, a partir de ações individuais e coletivas, formar subjetividades cidadãs, ou seja, indivíduos que possuam consciência de seus deveres e direitos para com a sociedade, com seu próximo, o “outro”; que os reivindicam e divulgam para todos os demais da sociedade da qual fazem parte; que se mobilizam em sua defesa e buscam praticá-los em suas atividades cotidianas, contribuindo para práticas de emancipação e de democratização das relações entre os indivíduos em sociedade, que podem e devem ser potencializadas (ROGÉRIO, 2008, p. 12).

Nascida às margens do Rio Maratauíra no século XVIII, a cidade de Abaetetuba município do Estado do Pará, cujo nome de origem indígena pode ser traduzido por “terra de homens fortes e valentes” (ou ilustres), limita-se ao norte do Estado com Barcarena e o Rio Pará; ao sul com Igarapé-Mirim; a leste com Moju e a Oeste com Limoeiro do Ajuru e a Baía de Marapatá, com aproximadamente 1.090 km² de extensão formada pela sede municipal e a Vila de Beja com aproximadamente 150.000,00 habitantes³⁷. Situada no nordeste paraense a cidade traz consigo grandes riquezas cultural e artística que engloba

³⁵ Especialista do Curso Educação em Direitos Humanos e Diversidade, pela Universidade Federal do Pará - Campus Universitário de Abaetetuba (2016). Graduada em Licenciatura Plena em Letra Língua Portuguesa Pela UFPA- Campus Abaetetuba (2010-2014). Bolsista no período de (2011 a 2012) do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Bolsista do Projeto intitulado Memória Social da Cidade de Abaetetuba (PIBIC-UFPA). Bolsista de Extensão do Projeto protagonismo Juvenil: Direitos e Democracia (2013 a 2014). Membro Grupo de Estudos e Pedagogia Memória, Formação Docente e Tecnologia (GEPEME/ UFPA).

³⁶ Doutora em Educação. Professora do Programa Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), Professora do curso de Educação do Campo do Campus Universitário de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará. Coordenadora Institucional do PIBID/Diversidade-UFPA. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (GEPEME/UFPA).

³⁷ Disponível em: <http://www.abaetetuba.pa.gov.br/index.php/a-cidade.html>. Acesso em: 16/05/2016.

um grande acervo de expressões culturais; festas, rituais, saberes, formas de expressão, fazeres e viveres de uma localidade que são retratados por meio do artesanato, das músicas, das danças folclóricas e da literatura local.

Abaetetuba é conhecida mundialmente por suas atividades artesanais; como carpintaria naval, os engenhos de cana-de-açúcar e hoje principalmente pelo artesanato e confecção dos Brinquedos de Miriti, os quais divulgam a cultura e economia local para fora do país por retratarem através de suas artes, elementos da vida na Amazônia. Os brinquedos de miriti são brinquedos do círio, enfeitam a cidade de Belém capital do Pará no mês de outubro quando se comemora o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, padroeira dos paraenses.

No atual contexto, o sistema de globalização faz com que nossa vida acontece de maneira mais acelerada, pois, todos os dias somos bombardeados com imagens, capturadas por agências de notícias nacionais e internacionais, que trazem o mundo para dentro das nossas casas via telejornais, jornais, revistas, internet e outras mídias.

Nas sociedades contemporâneas, já denominadas como sociedades do esquecimento, a experiência da memória não é mais espontânea, natural, mas sim determinada, em grande parte, por mecanismos impostos do exterior para o interior (PÉREZ, 2003, p. 19).

“A consciência da modernidade nasce do sentimento de ruptura com o passado” (p. 169). Partindo dessa reflexão de LE GOFF (1992), sobre o desenvolvimento das sociedades, percebo que cada vez mais as futuras gerações afastam-se das tradições, costumes e vivências da sua comunidade, esse pensar reflete no abandono da memória deixando de ser encontrada no meio familiar, necessitando de lugares especiais para serem guardadas e preservadas. Em uma época em que só se cultua o novo e o diferente, o patrimônio material e imaterial muitas vezes não é percebido, nem preservado, porque não é (re)conhecido ou valorizado.

Por patrimônio material refiro-me aos monumentos, aos chamados “bens de pedra e cal”: igrejas, chafarizes e conjuntos urbanos representativos de estilos arquitetônicos específicos. Por patrimônio imaterial estou me referindo a um amplo e diversificado acervo de expressões culturais, tais como: festas,

rituais, danças, mitos, lendas, músicas, saberes, técnicas e fazeres diversificados presentes na cidade (PÉREZ, 2008, p. 15-16).

Nesse sentido em reconhecer e preservar os bens culturais, que a Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial.

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem (BRASIL, 1988, p. 139).

Os motivos que me impulsionaram a realizar este estudo estão apoiados principalmente no projeto intitulado: Memória Social da Cidade de Abaetetuba: Rios e Sonhos (PIBIC-UFPA)³⁸ vinculado ao grupo de pesquisa (GPEME)³⁹. Em tal projeto tivemos como objetivo refletir sobre a importância em preservar a memória da cidade e Abaetetuba, através do resgate e registro memorialísticos dos idosos. O interesse pela pesquisa veio, por acreditarmos que a realidade do município, assim, como em muitos outros, se mostra defasado em se tratando da preservação do patrimônio tanto arquitetônico como imaterial. São saberes, práticas e histórias que estão sendo esquecidos pelo tempo e pelas futuras gerações. A cidade Abaetetuba traz consigo um contexto histórico rico de pesquisa como fonte documental que precisa ser transmitida de pai para filho, e não ficar arquivada somente nas memórias dos sujeitos.

Partindo desta reflexão acerca da realidade do município, em não preservar suas memórias, é que tomo como ponto de partida resgatar um pouco a memória da cidade de Abaetetuba a partir dos poemas de João de Jesus Paes Loureiro, poeta paraense, filho de Abaeté e um dos percussores da estética

³⁸ O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) visa apoiar a política de Iniciação Científica desenvolvida nas Instituições de Ensino e/ou Pesquisa, por meio da concessão de bolsas de Iniciação Científica (IC) a estudantes de graduação integrados na pesquisa científica. Disponível em: <http://cnpq.br/pibic> Acesso em: 17/05/2016.

³⁹ Grupo de Estudos e Pesquisa em Memória, Formação Docente e Tecnologia – GPEME.

Modernista no Pará. As obras de João de Jesus Paes Loureiro dedicam-se em observar e analisar a maneira como o povo cultuava e dedicava-se à cultura, em especial a cultura amazônica, tradição e costumes dos ribeirinhos; resgatando suas lendas, mitos, o cotidiano do povo Amazônida, e contrapondo-os com aspectos oriundos da modernização pelos quais o meio urbano atrai novos olhares e novas concepções para a vida camponesa.

Para compreender o contexto histórico em que a poesia foi criada, fez-se necessário recorrer ao método da História Oral como fonte de pesquisa qualitativa, por meio da transcrição das entrevistas realizadas com cinco (05) idosos da cidade, sujeitos comuns que guardam em suas memórias um pouco da história e origem do município. Contar sua história de vida, possibilita que memórias, lembranças, experiências subterrâneas venham à tona, revelando fatos que a história oficial desconhece, pois, *por meio da rememoração, os sujeitos que narram podem dar visibilidade às situações e às experiências por eles desejadas, revividas e reelaboradas* (DUARTE, 2012, p. 177).

Um olhar capaz de enxergar, nas narrativas dos sujeitos ordinários (comuns), uma outra versão dos acontecimentos, um olhar que legitima uma história vista de baixo, um olhar ansioso por explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres (PÉREZ, 2003, p. 19).

2 LITERATURA E POESIA NO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA

“Abaetetuba é muito rica no mundo das letras e das artes” (SERRAT, 2005, p. 93). A cultura ribeirinha retrata através dos hábitos e costumes do povo sua arte. Muitos poetas nasceram às margens do rio Maratauíra, poetas ribeirinhos que contam os *causos* da Amazônia em suas poesias. E estas têm sido um elemento sagrado para os abaetetubenses, herdeiros das histórias contadas de geração em geração. Contudo, muitas são as dificuldades que nossos poetas encontram em publicar suas produções e acima de tudo ter seu trabalho reconhecido pelo público.

As produções dos poetas abaetetubenses fazem um resgate de nossas origens, são poemas e poesias voltadas para o cotidiano e sobretudo a nossa história, nossas lendas, mitos, costumes, crença, nossas maneiras de ser e de

viver. Nesse *glossário de celebridades* (SERRAT, 2005, p. 95), podemos destacar alguns escritores abaetetubenses que ganham destaque em suas poesias, são eles: Prof^a Maria do Monte Serrat, Prof^a Maria de Nazaré Lobato, Prof. Jorge Machado, Prof. Garibaldi Nicola Parente, Prof^a Neusa Rodrigues, Raimundo Nonato Loureiro, e muitos outros que lutam para registrar e manter viva a história do município através de suas poesias.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Os poetas e intelectuais da Abaetetuba de antigamente formavam saraus lítero-musicais literários, que aconteciam nas casas das tradicionais famílias do município ou nas casas de familiares. O público era composto por familiares e amigos que se faziam presente para ouvir os recitais de poemas, contos, poesias ou música, regadas de muita animação e café com rosquinha.

Por volta das sete horas da noite começávamos a chegar àquela casa, estilo colonial, construída em madeira, e de uma limpeza impecável. Na sala de visitas, um piano alemão dava um toque de requinte ao ambiente junto aos moveis de extremo bom-gosto distribuídos por todas as dependências, modelo antigo, sobre os quais enfeites leves e simples completavam a beleza harmoniosa da sala (LOUREIRO, 2008, p.30).

Uma cidade sem memória é uma cidade sem história. Preservar a memória do lugar e manter vivo a cultura e o cotidiano da cidade tem se dado pela poética de poetas filhos de Abaeté, entre eles destaca-se o poeta e escritor João de Jesus Paes Loureiro⁴⁰. Parto dessa reflexão para analisar meu objeto de estudo: o poema “Abaetetuba de Avião” do referido autor. Aqui irei discutir a

⁴⁰ João de Jesus Paes Loureiro é poeta, prosador e ensaísta. Professor de Estética e Arte, doutorou-se em Sociologia da Cultura na Sorbonne, em Paris, com a tese *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Sua obra poética tem sua universalidade construída a partir de signos do mundo amazônico – cultura, história, imaginário – propiciando uma cosmovisão e particular leitura do mundo contemporâneo. Dialogando com as principais fontes e correntes literárias da atualidade, Paes Loureiro realiza uma obra original, quase uma suma poética de compreensão sensível do mundo por meio das fontes amazônicas, em que o mito se revela como metáfora do real. Disponível em: <https://paesloureiro.wordpress.com/paesloureiro/> Acesso: 19/05/2016 as 08:32h

memória da cidade ligada a identidade da cidade lócus da pesquisa. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1996, p. 476). A poesia nasce das narrativas dos mais velhos, contadas de geração em geração, das lembranças, dos acontecimentos e dos fatos por eles contados.

3 MEMÓRIA EM PAES LOUREIRO: HISTÓRIAS DA CIDADE DE ABAETETUBA

Para iniciar, é importante que se faça uma apresentação de alguns aspectos da vida e obra do poeta lócus da pesquisa. Primogênito de uma família composta por onze filhos, João de Jesus Paes Loureiro nasceu em Abaetetuba, cidade paraense situada à margem do rio Tocantins, em 23 de junho de 1939. Filho de Pedro Maués Loureiro e Antonieta Paes Loureiro, o poeta teve uma infância tranquila, sempre regada de incentivo para os estudos por parte da família.

Na obra, o poeta faz um “passeio” pela cidade, descrevendo e fazendo referência a alguns personagens da história de Abaetetuba. Na poesia *Abaetetuba de Avião* o poeta descreve aspectos cotidianos da cidade, evocando de suas memórias, de maneira saudosista, episódios ocorridos, durante sua infância, na cidade de outrora; seus costumes, crenças, juventude, aspectos próprios da cidade, que hoje são esquecidos e abandonados pela sociedade atual. Como valorização do passado inicialmente, o poeta tem uma visão da cidade vista de cima e contempla o verde das matas, a natureza e o caminhar desacelerado da cidade.

A cada verso do poema, o eu-lírico vê a cidade na sua simplicidade, a natureza na sua plenitude, a cidade como *lócus* de sua origem, suas vivências, desejos e sonhos.

Eis o poema:

Abaetetuba, de Avião
Os espelhos verdes paralelos
E, entre eles,
Os anelos
O escaravelho, o outrora...
A lesma do sempre
Soletrando-se
Viscosissimamente...
Ali a Praia de Beja. Ali
Desinocências. Ali a Ponte Grande.
Ali o Velho Camões, a Igreja, o Lobisomem.
Ali a Joaceli, Brígida, as maninhas. Ali o tempo
A mergulhar no rio, o Boto arisco. Ali prazeres,
Bubuiar nas águas, sonhos. Adão ali adolescente,
Na fileira ávida de Laura (o pênis verga, erguendo
as velas do prazer malbordejado...).
Ali as Pastorinhas, Tio Miguel, a Nina Abreu.
O cemitério ali, o deletério medo
Ante o eterno.
Ali o Grupo Escolar.
Ali a poesia.
Ali a vida – igarapé oceano
Com palavras de amor boiando em preamares
E eu-mesmo a pescar
Entre piabas
As sílabas do ser, a eterna fala.

(*João de Jesus Paes Loureiro*)

Dando início à leitura e análise do poema e seu percurso poético pela cidade, o poeta relembra a Praia de Beja⁴¹. *Os espelhos verdes paralelos E, entre eles, Os anelos O escaravelho, o outrora... A lesma do sempre Soletrando-se Viscosissimamente... Ali a Praia de Beja. Ali Desinocências.*

⁴¹ A Vila de Beja é um distrito do município de Abaetetuba/PA. Por volta de 1635, padres capuchinhos vindos do [Convento do Una](#), em Belém, após percorrerem os rios da região, juntaram-se a uma aldeia de tribos indígenas nômades. O aglomerado foi chamado de "Samaúma" e, depois, batizado de "Beja" pelo governador [Francisco Xavier de Mendonça Furtado](#). A Vila de Beja é também um balneário famoso no município de Abaetetuba (aproximadamente 22 km), pois conta com uma bela [praia fluvial](#), localizado as margens da Baía do Capim. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_de_Beja. Acesso: 18/05/2016 as 02h35minhrs.

Localizada próximo ao município de Abaetetuba. A praia de Beja funciona como ponto turístico da cidade durante o mês de julho, e atrai turista e pessoas de toda região durante o período de veraneio. Para além de ponto turístico da cidade, o local também é o berço da colonização do município de Abaetetuba, que foi povoado quase um século depois a partir de 1724. A partir dessa época a até os dias de hoje é impossível falar de Abaetetuba sem falar de Beja ou vice-versa.

O poeta relembra a *Ponte Grande*, a partir de suas lembranças do passado. No século XVIII, o centro da cidade era construída sobre pontes, à beira do Rio Maratauíra, que serviam de desembarque de pessoas – que desembarcavam do interior da cidade, e de produtos e mercadorias vindas dos interiores e da Amazônia para serem comercializadas no comércio da cidade. As pontes, também, serviam de locais para encontros e reuniões, onde famílias e amigos se reuniam para conversar, tomar café, cantar, recitar poemas, ou seja, era o espaço de lazer que o povo tinha na época.

Lá tinha os “cafeteiros” que vendiam café e ficavam a noite conversando. Café do Bico que era famoso, do Birá e outros mais. Tinham aqueles que vendiam as pingas meu pai gostava de uma (risos) e não tinha televisão pra assistir, não tinha luz elétrica pra cá só pro centro, então não tinha diversão. A ponte grande, o trapiche era ver os barcos irem pra Belém, principalmente no Círio de Nazaré, ver os brinquedos de miriti, era maravilhoso, então quando chegavam os navios, tinha um que se chamava Chacará que era movido à vapor, a lenha, tinham varias embarcações desses navios grandes, lotados de gente, tinha um outro chamado de Peri Caliaandares que um vez naufragou e morreram varias pessoas, Três de outubro, São Benedito, e outros mais. Então era um local de encontro, onde as pessoas vinham conversar, fofocar, né, contar causos, (risos) (...) contar piadas (Entrevista 04).

Paes Loureiro também faz referência ao *Lobisomem* - figura mítica que durante os anos 70 assombrava a cidade. No verso *Ali o Velho Camões, a Igreja, o Lobisomem*. O poeta relembra pessoas importantes da época e como o povo fazia alusões ao relatar fatos do imaginário, quando contavam casos peculiares da cidade, como, por exemplo, o *Velho Camões* que em noites de lua cheia era fadado na figura mítica do *Lobisomem*. “*Para o autor o imaginário é o real do real; e a realidade é o imaginário do imaginário. Subordinam-se, condicionam-se, constituem-se. São indissociáveis*” (LOUREIRO, 2005, p. 19).

A partir de suas reminiscências, Paes Loureiro cita a Igreja relembra a igreja como símbolo e marco da fundação da cidade. O catolicismo, em Abaetetuba, surgiu com o próprio nascimento da cidade, consequência de uma promessa feita à Virgem de Conceição, sua padroeira, festejada no mês de dezembro, sendo esta a maior festa religiosa da Igreja Católica do povo abaetetubense.

A igreja aqui em Abaetetuba tem uma importância imensa, pois tem muitas histórias. A igreja de conceição começou como uma capela zinha ai foi crescendo, depois que ele foi feito essa construção de hoje. Antes a missa era celebrada em latim, o padre ficava de costa para os fieis, as pessoas decoravam para responder o que ele dizia, muitos não sabiam do que se tratava, mas o importante era a fé, a intensão (Entrevista 04).

Atualmente ainda é preservada a tradição do Círio na cidade durante os dias de festejo da padroeira Nossa Senhora da Conceição⁴², contudo, deixou-se de lado símbolos importantes dos arraiais, como por exemplo, as cadeiras de balanço, as barquinhas, o carrossel de madeira, os brinquedos vendidos nas girândolas como: corró-corró, cataventos, reco-reco, brinquedos de miriti e muitos outros brinquedos que surgiam da criatividade de muitos artesões de Abaeté, os jogos como: tiro-ao-alvo com espingardas de ar comprimido, pescarias, jogo das argolas e outras atrações que chamavam a atenção de todos, especialmente das crianças. *Este era sem duvida o período mais sonhado e mais ardentemente esperado. Passava-se o ano todo trabalhando, pensando e se preparando para a festa de Conceição, como carinhosamente era chamada pelo povo.* (SERRAH, 1999, p.35).

Via-se simplicidade nas pessoas, tudo era festa num contexto rustico e simples. O poeta rememora a importância do surgimento da cidade de Abaetetuba tendo como origem a igreja de Nossa Senhora da Conceição que traduz as festas religiosas em Abaetetuba. O festejo sempre assumiu um papel importante na tradição do povo.

No final da festa, no dia nove de dezembro, todos se despediam saudosos, voltando para seus lugares de origem. O rio era a

⁴²A Festa de Nossa Senhora da Conceição de Abaetetuba começou a sofrer mudanças através dos Frades Franciscanos, quando começaram a organizar a festa com presença dos brinquedos, das barquinhas, dos carrosséis, jogos de pescarias e tiros e iguarias mais aperfeiçoadas começaram a aparecer a partir do Arraial da Conceição, onde começaram a surgir as primeiras barraquinhas e enfeites mais aprimorados dos Arraiais de Santos Padroeiros. Disponível em: <http://palavradevidafocolaresabaetetuba.blogspot.com.br/> Acesso: 15/05/2016 às 11:03h.

principal entrada e saída da cidade, à época, aliás era a única para quem viesse de fora. Ele ficava todo colorido, qualhado de pequenas e médias embarcações, com suas velas de pano, de todas as cores, barquinhos e outras canoas pequenas movidas a remo de mão (SERRAH, 1999:39).

O comércio se movimentava. E durante o ano todas as famílias guardavam suas economias para que no dia de festividade pudessem contribuir na comunidade e também levar a família para se divertir no arraial, local onde ficavam brinquedos e comidas típicas, que iniciava ao termino da liturgia que acontecia no interior da igreja da padroeira.

As manifestações eram sempre compostas por famílias. As manifestações culturais para onde iam essas famílias eram festejos coordenados pela igreja, era o culto, as precisões, as vias-sacras, etc. Esses festejos culturais ajudavam na união de toda família, tornando-se numa tradição familiar (Entrevista 05).

Percebo que o eu lírico percorre a da cidade evocando as lembranças afetivas do seu cotidiano; de imagens da infância, das brincadeiras nas ruas da cidade, nas casas de tios e parentes, vizinhos, das histórias do boto, que em noites de luar descia dos igarapés para adentrar em festas nas localidades ribeirinhas.

Paes Loureiro também faz referência à *Lenda do Boto*, figura importante do imaginário Amazônico como tradição da cultura popular da cidade. Nele, o poeta apresenta o *Boto arisco*, como produto de um *hibris*, isto é, uma violação da natureza (LOUREIRO, 2005, p. 14). O boto das águas Amazônicas teria sido fruto de um envolvimento entre uma pessoa humana e um ser da natureza, seu nascimento é comparado a um ser mitológico; o filho do boto é consequência de uma relação sexual entre uma mulher e um encantado. Os habitantes sabem que Abaetetuba é uma cidade encantada. *Ou era, antes do processo de desencantamento do mundo ser iniciado também nela, pela explicação racional e pragmática de tudo* (LOUREIRO, 2005, p. 15).

A lenda do Boto é a mais famosa do imaginário popular amazônico que até hoje é repassada de geração em geração e encanta a todos. À margem dos misteriosos rios que compõem uma das mais famosas regiões do mundo (ANDRADE, LETICIA 2007, p. 15).

Quando convivemos no cotidiano real-imaginário de Abaetetuba, cuja sociedade consagrou sua invenção mítica, torna-se ainda, perceptível a atmosfera da cultura ribeirinha sobrevivente e a capacidade de maravilhamento diante das coisas, que constitui o etho da cultura ribeirinha na qual ela se insere e raiz do impulso de reflexão e criatividade de sua gente (LOUREIRO, 2005, p.19).

Como um pensador à frente de seu tempo, Paes Loureiro mostra sua preocupação em relação aos aspectos regionais. O eu lírico evoca, de suas reminiscências, eventos importantes e que faziam parte da cultura e folclore da cidade de antigamente, como *As Pastorinhas*. Comédias teatrais compostas pelos artistas locais e a comunidade em geral, pessoas que se reuniam para homenagear o Deus Menino, em dramas encenados para ser apresentado nas visitas que se faziam à igrejas, capelas, escolas e casas local onde tivesse um presépio instalado, louvando a data natalina do nascimento do menino Jesus. Terminada a representação dos personagens das pastorinhas, todas iam admirar o presépio, uma forma de contemplar o nascimento do Menino Jesus.

Tínhamos as ladainhas que eram feitas nas residências em determinados momentos da Semana Santa, momento do Natal, momento de qualquer outras festas religiosas (...) então essas ladainhas eram cantadas pelos fieis e pelas pessoas que cultivavam a cultura da ladainha e eram cantadas em Latim (Entrevista 01).

Existia ainda na antiga Vila de Abaeté – assim, antes, era chamado o município de Abaetetuba- clubes e associações que faziam grandes bailes dançantes, artes cênicas, recitais de poesia. Os músicos se apresentavam nas principais sedes de dança que existiam na cidade, nas décadas de 30; bailes e grupos dançantes, de Jazz, orquestras, o grupo musical Muiraquitãs, os conjuntos musicais de serestas, entre outros.

Assim, surgiram grandes compositores abaetetubenses, denominados “músicos ecléticos”, como Miguel Loureiro (*tio Miguel*) entre outros, que ficaram consagrados dentro e fora do município. O Mestre Miguel Loureiro, como era chamado, era um grande professor de música e compositor, fazia parte da Banda Carlos Gomes como saxofonista e foi fundador do Jazz de Abaeté em 1928.

As cedes se mantinham cheias de brincantes e a segurança era prioritária dando aos foliões a certeza de uma noite feliz. A animação musical na maioria das vezes era feita por orquestras e Jazzes, entre os quais destacamos: ALBERTO Motta, Lélío, Sayonara, Banda Carlos Gomes, Banda Virgem da Conceição, entre outros. Eram espetáculos tão grandiosos que até hoje são lembrados com saudades e que povoam ainda a mente dos que sonham em voltar o nosso carnaval de antigamente (Jornal de Abaetetuba 2013).

O depoimento desta narradora Nina Mary Abreu da Silva, antiga e ilustre moradora de Abaetetuba, nos revela a sabedoria contida nas suas respostas, ao convite feito por mim para relembrar a história local, memória e patrimônio cultural da cidade. Nina Abreu – assim como é conhecida na cidade - nasceu a 11 de setembro de 1935 na cidade de Abaetetuba e representa um ícone da cultura do município. Grande folclorista e artesã que herdou de seus pais o gosto pelo folclore junino e a criatividade no manejo em confeccionar brinquedos de miriti.

Olha essas festas juninas foi eu que criei aqui em Abaeté; no meu tempo tinha a quadrilha que foi eu que inventei, essas festas de rua. O cordão de pássaro foi o meu pai que organizava e que trouxe pra cá, mamãe, depois que eles morreram eu continuei com o trabalho deles, (...) (silencio) agora acabou tudo (Entrevista 05).

Criou e recriou também inúmeros cordões juninos de pássaros que faziam parte da tradição da cidade de Abaeté. Os cordões juninos de pássaros eram comédias com personagens da vida real, situações do cotidiano, encenadas nas ruas da cidade; os personagens composto por familiares e amigos, e havia uma preparação especial para a confecção das roupas usadas durante a encenação. Vale relata que as roupas eram feitas pela própria Nina Abreu. As encenações se tornaram tradicionais na cidade de Abaeté, e por quase três décadas encantavam a cidade, com muito canto, alegria e colorido.

Olha essas festas juninas foi eu que criei aqui em Abaeté. No meu tempo tinha a quadrilha que foi eu que inventei como festa de rua. O Cordão de Pássaros foi meu pai que organizava e que trouxe pra cá. Depois que ele morreu eu continuei com o trabalho dele. O primeiro cordão que veio foi da “Lâmpada Queimada”. Eram lâmpadas amarradas na cabeça com fita e saíamos pelas ruas cantando: lâmpada queimada não tem... ai andávamos de casa em casa, tinha quem dava ovo, moeda, bombons (risos) era divertido... (Entrevista 03).

O poema traz também uma reflexão acerca dos velórios, enterros de antigamente, e, conseqüentemente, sobre o único cemitério. E o *Cemitério* vislumbrado pelo poeta como a nossa morada eterna e seus causos de “visagem” que lá existiam e/ou existem. Assim como, algumas sepulturas que tem um valor simbólico e afetivo para muitos. Como por exemplo, do tumulo mais visitado da escrava Ana Cristina.

O poema fala também da prostituição que já existia na cidade. Havia uma prostituta chamada “Laura” (que hoje poderia ser chamada de aliciadora de menores). Tinha vida assumida e, em sua casa, fazia-se filas de jovens rapazes, e até mesmo, homens comprometidos para terem “aulas de sexo”. A cidade toda conhecia Dona Laura e, por sua “profissão”, a baniam do meio social; seu nome era proibido de ser mencionado dentro dos lares, das igrejas, das escolas ou batizar alguma criança nascida naquela época com o referente nome. Para Paes Loureiro, em Abaetetuba, a linguagem consagrava a realidade como intercorrente forma de magia. Nomear provocava o acontecer. Dizer, era criar o dito (LOUREIRO 2005, p. 13).

Nenhuma mulher nascida nessa época recebeu o nome proscrito: Laura. Era o seu não existir. Pela exclusão de seu nome sem que pudessem excluir sua figura real, Laura era socialmente desabatizada, retornada a um não-existir, transformada em um fantasma do não-ser (LOUREIRO, 2005, p. 14).

Após a chegada de Francisco Azevedo Monteiro ao povoado de Abaeté, deu-se início também ao processo educativo que acontecia em pequenos barracos ou residências de pessoas abastadas da cidade. A educação era transmitida por pais ou pessoas “especializadas”, que eram contratados para lecionar as disciplinas. O método de ensino adotado por esses especialistas era tradicional que exigia muito dos alunos além de castigos físicos e morais que lhes eram impostos, como, por exemplo, o uso da palmatória que era aplicada com o consentimento dos pais.

Os programas eram abrangentes e duros; as lições tomadas “a dedo”, individualmente, das crianças. Conhecer a tabuada de trás pra frente era obrigação do aluno e ponto de honra do mestre e, coitado de quem não a soubesse, na “ponta da língua”, nas horas marcadas para a tradicional sabatina (SERRAT, p. 125).

Quando os alunos terminavam o 5º ano do Curso Primário, eles já dominavam a Gramática da Língua Portuguesa, sabiam

Interpretação de Texto, liam corretamente, sabiam dissertar, calcular, e principalmente sabiam Conhecimentos Gerais. Eles eram obrigados a dominar esses assuntos, além de escrever e falar corretamente. O curso primário era completo, pois preparava os alunos para a vida. O Latim, por exemplo, era obrigatório nas quatro series do ginásio como necessário a um melhor entendimento e conhecimento do nosso vernáculo – o português (SERRAT, p. 127).

No ano de 1902, é inaugurado o Grupo Escolar de Abaeté⁴³, dando início a um novo sistema educacional: professores contratados pelo Estado e um ambiente escolar de ensino próprio. Alguns anos depois o Grupo Escolar de Abaeté passou a ser chamado de Grupo Escolar Prof^o Basílio de Carvalho. Mais tarde, foram surgindo outras escolas no município, nas ilhas e nos interiores de Abaetetuba.

Eu tinha três caligrafias (paleógrafos) mano escrito que antigamente tinha. Minha 5ª serie era o que equivalia o ginásio, agora essas escolas não formam os alunos pra nada, as crianças saem sem saber nada. Comecei a estudar no Magalhães Barata e terminei os estudos no Grupo Escolar de Abaetetuba (Entrevista 02).

Em relação à oralidade presente no poema, o eu-lírico usa recursos linguísticos próprio do vocabulário da sua cidade, utilizando termos, ditos e expressões populares, como: “Ponte Grande”, “igarapé”, “Com palavras de amor boiando em preamares”, “Boto”, “as pastorinhas”. O poeta enfatiza aspectos do cotidiano da cidade, retratando no poema com letra maiúscula.

É importante destacar a presença do Mar na poesia modernista. O mar para o poeta assume varias formas, aspectos e sentidos. No trecho “*Ali o tempo,*

⁴³ A Escola Estadual Basílio de Carvalho foi fundada no dia 02 de Abril de 1902, com o nome de Grupo Escolar Abaeté. Anos depois passou a chamar-se Grupo Escolar de Abaetetuba, marcando o desabrochar da educação no município, como escola organizada. No término da década de 40, com a construção do novo prédio, o atual endereço, passou a chamar-se Grupo Escolar Professor Basílio de Carvalho. Por ter sido a primeira escola fundada no município de Abaetetuba, no começo do século, atendia os filhos da "elite" do município, formada pelos donos de engenho de cana-de-açúcar e promissores comerciantes. Seus professores em sua maioria, eram outros filhos da terra, que tiveram oportunidades de estudar na Capital do Estado do Pará em outros Centros Educacionais na época, e retornaram com ideias novas ,tanto que, foram responsáveis pela implantação de um Conselho escolar baseado no decreto nº 1.689 de 28 de Abril do mesmo ano, em conselho rígido, que selecionava a admissão de seu alunado, através de teste de Português, Aritmética, Zoologia, Botânica, Física, Geometria, História do Brasil e Geografia, elevando-se assim , o conceito de uma educação de qualidade no município. Disponível em: <http://escolabasiliodecarvalho.blogspot.com.br/2010/07/teste.html> Acesso: 20/05/2016.

A mergulhar no rio” o eu lírico mostra que o tempo na Abaeté de antigamente passava devagar. “*Ali a vida – igarapé oceano, Com palavras de amor boiando em preamares*”; aqui também o mar para o poeta apresenta sentimento de saudade, pois, fazia parte de sua infância; peculiaridades da região onde vivia.

Hoje os valores e tradições não são mais preservados. A sociedade contemporânea afasta as pessoas dos laços familiares e conseqüentemente de sua cultura local, dando espaço apenas para novas manifestações, que são desprovidas, muitas vezes, de qualquer tipo de cultural apenas cultivam o lucro e a imagem.

A cidade era diferente... (silencio) Com o advento populacional e o surgimento de novas cedes de festas e de outros movimentos culturais, esses antigos movimentos culturais foram acabando. Com a expansão do comercio começou a repercutir a violência dentro da cidade e na saída das festas, então as famílias começaram a se resguardar e não ir para as festas, logo foi fechando as cedes do Vênus, do Abaeté, do Brasil(Entrevista 03).

A cidade a 50 anos atrás era bonita, eu queria que o povo de hoje visse Abaetetuba a 50 anos atrás, era tudo diferente e muito melhor. Não havia tanta desunião e maldade, nem rebeldia e malcriação dos jovens que vemos hoje (Entrevista 01).

Hoje a sociedade se moderniza e conseqüentemente as famílias também se modernizam não se tem mais a consciência da importância da família em preservar o arquivo da memória familiar, suas tradições, valores, costumes que refletem na sua identidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer melhor a cidade: seu patrimônio, sua história, seu desenvolvimento e construção, através dos tempos e no espaço que ocupa são de fato importantes. O presente estudo visou resgatar um pouco da história da cidade de Abaetetuba através do olhar poético do poeta João de Jesus Paes Loureiro. Meu objetivo foi interpretar o poema, “*Abaetetuba de Avião*”, meu objeto de estudo; e sua importância para a contribuição histórico e cultural da cidade.

Para ter um melhor entendimento do período histórico da cidade, em meados do século XVIII, fez-se necessário recorrer à narrativas orais, contadas

por pessoas que conhecem ou, de alguma forma, presenciaram fatos e momentos importantes da cultura e história da cidade. As narrativas tiveram papel fundamental para a compreensão de alguns *causos*, contados, poeticamente, na obra “*Abaetetuba, de Avião*”.

A pesquisa tem mostrado grande relevância na minha formação, além de me proporcionar o prazer do contato com o depoimento de antigos moradores da cidade. Reconhecer os sujeitos – idosos - como narradores da própria história possibilita que memórias, lembranças, experiências, fazendo de sua própria história instrumento de reflexão acerca da memória da cidade de Abaetetuba.

É importante destacar que para além do trabalho de coleta sobre patrimônio memorialístico da cidade, a pesquisa apontou como a literatura – através da poesia faz uma ponte com as histórias citadas no poema, se entrelaçam com fios produzidos pela memória. A literatura está além de ser mera representação da realidade, ela é também reflexão sobre essa realidade. Assim sendo, é preciso considerar que a história tem uma dimensão social que emerge no cotidiano das pessoas, nos seus modos de vida, nas suas práticas culturais, nas relações sociais, no modo pelo qual vivem e dão sentido ao local, ao município, ao bairro, à escola.

A memória onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 1992, p. 477).

Acredito que valorizar o passado, é de fundamental importância para a memória de uma cidade, para a identidade dos sujeitos e para a manutenção da cultura de um povo. Recuperar e refletir sobre a origem e formação da cidade, em um determinado período histórico, significa contribuir para uma reflexão sobre nossas origens e principalmente reconhecerem-se como sujeitos e cidadãos, responsáveis pela produção e preservação do patrimônio, da história e da cultura de seu tempo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Edilene; LETICIA, Silva Alves. Saberes e Sabores da Amazônia. Belém: Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil, 2007.

BOSI, Ecléia. O tempo vivido da Memória: Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. Memória e sociedade: Lembranças de velhos. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL, Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: Eixo Constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 e 64/2010, pelo Decreto nº 186/2008 e pelas Ementas Constitucionais de Revisão nº 1 a 6/94. - Brasília, DF: Senado Federal: Subsecretaria de Edições Técnicas, 2010, p. 139.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. 29ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra; 1999.

HALBWACHS, Maurice, 1877-1945. A memória coletiva/ Maurice Halbwachs; tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LOBATO, Graça Garcia, LOBATO, Eládio. Memória dos engenhos do Baixo Tocantins: antigos engenhos de aguardente; Municípios de Abaetetuba e Igarapé-Miri. Belém – Pará, 2011.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução Bernardo Leitão, et al. 2º Ed. Campinas: UNICAMP, 1992. Disponível em: <http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf> Acesso em: 10/ 01/ 2015.

MACHADO, J. O município de Abaetetuba. Abaetetuba, Edições Alquimia, 2008.

_____. História de Abaetetuba. Abaetetuba, Edições Alquimia, 2008.

SERRAT, Maria Monte do. Verdades, atos e fatos ainda não ditos. Belém: Arará, 1990.

_____. Abaetetuba: fundação mítica e brinquedos de miriti. Abaetetuba, Pa. Prefeitura Municipal, 2005.

DUARTE, Mara Rita de Oliveira, et. Memória e Resistência: percursos, histórias e identidades. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012, p. 176-187.